

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

(IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E COMPLEXIDADE  
AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM PIRENÓPOLIS-GO

MARCO AURÉLIO FERNANDES NEVES

GOIÂNIA-GO

2017



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     **Dissertação**     **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

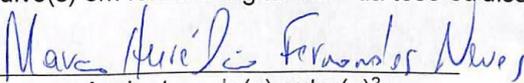
Nome completo do autor: Marco Aurélio Fernandes Neves.

Título do trabalho: (IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E COMPLEXIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM PIRENÓPOLIS-GO

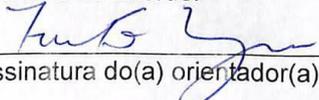
**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 07 /07 /2017.

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

(IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E COMPLEXIDADE  
AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM PIRENÓPOLIS-GO

MARCO AURÉLIO FERNANDES NEVES

Texto apresentado à Banca de Defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Estrutura e Dinâmica Ambiental.

Linha de Pesquisa: Conservação, Desenvolvimento e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fausto Miziara

GOIÂNIA-GO

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Neves, Marco Aurelio Fernandes  
(IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E  
COMPLEXIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM  
PIRENÓPOLIS-GO [manuscrito] / Marco Aurelio Fernandes Neves. -  
2017.  
119 f.

Orientador: Prof. Dr. Fausto Miziara.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Pró  
reitoria de Pós-graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Ambientais, Goiânia, 2017.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, lista de figuras.

1. complexidade ambiental. 2. turismo. 3. teoria do turismo. 4.  
Pirenópolis. I. Miziara, Fausto, orient. II. Título.

CDU 502/504

(IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E COMPLEXIDADE  
AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM PIRENÓPOLIS-GO

Defesa de Dissertação ocorrida em 07 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Fausto Miziara - UFG. (Orientador/ Presidente)

---

Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo-FH/UFG. (Examinador externo)

---

Prof. Dr. Leandro Gonçalves Oliveira-UFG. (Examinador interno)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

#### ATA DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO Nº 008/2017

Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete, às 14:00, reuniu-se no Centro de Documentação, Informação e Memória – CDIM/UFG, a Banca Examinadora composta pelos: Prof. Dr. Fausto Miziara – CIAMB, o Prof. Dr. Leandro Gonçalves Oliveira – CIAMB, e o Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo – PPG História/UFG, para, sob a presidência do primeiro, proceder a defesa da Dissertação intitulada: **“Do egoísmo hedonista à complexidade ambiental: as (im)possibilidades da prática turística”**, de autoria de Marco Aurélio Fernandes Neves, discente de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (CIAMB), área de concentração em Estrutura e Dinâmica Ambiental. Foi realizada a avaliação oral no sistema de apresentação e defesa de dissertação de autoria do discente. Terminada a avaliação oral, a Banca Examinadora reuniu-se emitindo os seguintes pareceres mediante as justificativas e sugestões abaixo:

Membro da Banca	Parecer (Aprovado/Reprovado)	Assinatura
Dr. Fausto Miziara	Aprovado	
Dr. Leandro Gonçalves Oliveira	Aprovado	
Dr. Alexandre Martins de Araújo	aprovado	

#### JUSTIFICATIVAS e SUGESTÕES:

O título do trabalho será: (IM)POSSIBILIDADES DA PRÁTICA TURÍSTICA E COMPLEXIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM PIRENÓPOLIS (GO).

Após a avaliação, o referido candidato foi considerado Aprovado na defesa de dissertação. Às 16:00 horas, o Prof. Dr. Fausto Miziara, Presidente da Banca Examinadora, deu por encerrada a sessão e, para constar, lavrou-se a presente Ata.

Prof. Dr. Leandro Gonçalves Oliveira  
Membro Titular

Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo  
Membro Titular

Prof. Dr. Fausto Miziara  
Presidente

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe e meu pai, Dôra e Valdir, que sempre se desdobraram para que momentos como este de agora fossem possíveis em minha vida.

Aos meus irmãos, André Gustavo e Luiz Felipe, companheiros desde a infância, que com seus exemplos de luta me ajudaram a vencer minhas batalhas.

À minha querida irmã Paula, alegria na minha vida desde seu nascimento. Agradeço suas leituras e releituras dos meus textos e as infindáveis e apaixonadas conversas acadêmicas.

Ao meu orientador Fausto Miziara, obrigado pelas sensatas orientações e críticas ao meu texto, resultado principal de sua séria carreira acadêmica.

Aos professores do CIAMB e à técnica-administrativa do Programa, Juliana, obrigado pelo apoio.

À FAPEG pelo apoio financeiro por meio da bolsa estudantil concedida.

A todo corpo docente e técnico-administrativo da Faculdade de História da UFG, obrigado pelo apoio e pela viabilidade da licença.

Aos professores Leandro Gonçalves Oliveira e Alexandre Martins de Araújo, pelas críticas e sugestões no exame de qualificação.

À minha companheira de vida, Joana Dark, obrigado por (re)construir o meu mundo todos os dias. Sabes que sem você nunca teria chegado aqui.

*Viajar é trocar a roupa da alma.*

Mário Quintana

## RESUMO

Esta pesquisa versa sobre as intersecções entre complexidade ambiental e turismo. A complexidade ambiental é um constructo teórico do sociólogo ambientalista mexicano Enrique Leff, que faz frente à crise ambiental de nosso tempo, crise de racionalidade, de (des)construção das possibilidades de vida. Ao interpelar sobre uma possibilidade de se colocar em funcionamento a complexidade ambiental, por meio de outras racionalidades e saberes, ditos ambientais, esta pesquisa enveredou-se pelo campo teórico-prático do turismo, buscando descortinar tanto sua singularidade epistêmica quanto sua complexidade prática. Elementos teóricos dos estudos do turismo foram levantados e forjou-se uma interface entre turismo e complexidade ambiental, em que a impossibilidade teórica disciplinar de ambos, abriu campo para a possibilidade prática de diálogo dos saberes. Assim, por meio do estudo empírico das dimensões econômicas, ambientais e socioculturais do turismo, da cidade de Pirenópolis-Goiás, foi possível constatar a perspectiva do turismo se apresentar como um lócus propício à arregimentação de elementos para efetivação de uma complexidade ambiental.

Palavras-chave: complexidade ambiental; turismo; teoria do turismo; Pirenópolis.

## ABSTRACT

This research deals with the intersections between environmental complexity and tourism. Environmental complexity is a theoretical construct of the Mexican environmental sociologist Enrique Leff, who faces the environmental crisis of our time, crisis of rationality, (de) construction of life possibilities. When questioning about the possibility of putting environmental complexity into operation, through other rationalities and knowledges, environmental, this research was undertaken by the theoretical-practical field of tourism, seeking to uncover both its epistemic singularity and its practical complexity. Theoretical elements of tourism studies were raised and an interface between tourism and environmental complexity was forged, in which the theoretical impossibility of both disciplines opened the possibility for the practical possibility of a dialogue of knowledge. Thus, through the empirical study of the economic, environmental and socio-cultural dimensions of tourism in the city of Pirenópolis-Goiás, it was possible to verify the tourism perspective as a propitious locus for the regimentation of elements for the accomplishment of an environmental complexity.

Key-words: environmental complexity; tourism; tourism theory; Pirenópolis.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Consumo mundial de energia (séc. XIX e XX).....	21
FIGURA 2 - Fases teóricas do turismo.....	40
FIGURA 3 - Modelo de sistema de turismo proposto por Leiper.....	48
FIGURA 4 - Modelo SISTUR de Beni.....	49
FIGURA 5 - Modelo existencial na sociedade industrial.....	54
FIGURA 6 - Conjunto de percepções dos estudos turísticos.....	57
FIGURA 7 - Indissociabilidade dos campos disciplinares nos estudos turísticos...	59
FIGURA 8 - Criação do conhecimento em turismo de Tribe.....	62

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Produto Interno Bruto a preços correntes (R\$ MIL).....	79
GRÁFICO 2 - PIB do município de Pirenópolis por setores da economia (2013)	80
GRÁFICO 3 - Renda Familiar.....	80
GRÁFICO 4 - Gasto diário.....	81
GRÁFICO 5 - Turismo receptivo por motivação da viagem.....	82
GRÁFICO 6 - Motivação da viagem.....	82
GRÁFICO 7 - Atividades realizadas.....	83
GRÁFICO 8 - Percepção da preservação.....	83
GRÁFICO 9 - Atrativos turísticos.....	84
GRÁFICO 10 – Como avalia seu conhecimento sobre o meio ambiente local?.....	84
GRÁFICO 11 - Conhece a vegetação típica da região?.....	85
GRÁFICO 12 - Qual a maior importância do cerrado?.....	85
GRÁFICO 13 - Avaliação da percepção dos impactos do turismo: degradação ambiental.....	86
GRÁFICO 14 - Tem interesse pela cultura local?.....	88
GRÁFICO 15 - Avaliação da percepção dos impactos do turismo: valoriza a cultura local?.....	88
GRÁFICO 16 - Avaliação do conhecimento sobre a cultura de Pirenópolis.....	89
GRÁFICO 17 - Elementos cultura local: Culinária.....	89
GRÁFICO 18 - Elementos cultura local: Festas populares.....	90
GRÁFICO 19 - Elementos cultura local: Patrimônio histórico.....	90
GRÁFICO 20 - Cidade de origem dos turistas.....	91
GRÁFICO 21 - Contato com a população local.....	91

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ANA	Agência Nacional de Águas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEA	International Energy Agency
IPCC	Intergovernmental Panel on Climate Change
IPTur	Instituto de Pesquisa em Turismo e Eventos – Goiás
OMT	Organização Mundial do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
UNTWO	World Tourism Organization

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS DA COMPLEXIDADE AMBIENTAL.....</b>	<b>20</b>
2.1 A crise de nosso tempo: a crise ambiental.....	20
2.2 Delineando conceitos: a Complexidade Ambiental.....	29
2.3 Os elementos constitutivos da Complexidade Ambiental.....	31
2.3.1 A Racionalidade Ambiental.....	31
2.3.2 O Saber Ambiental.....	35
<b>3 AS (IN)DEFINIÇÕES DO TURISMO.....</b>	<b>39</b>
3.1 Epistemologia do turismo.....	39
3.1.1 <i>O turismo como objeto científico – compreendendo-o por meio de fases.....</i>	<i>39</i>
3.1.2 <i>Os estudos iniciais e a fase pré-paradigmática.....</i>	<i>41</i>
3.1.3 <i>A gênese de um alinhamento paradigmático: Sistemas.....</i>	<i>45</i>
3.1.4 <i>A transição e as novas fases de abordagem do turismo.....</i>	<i>48</i>
3.2 Agregando os conceitos.....	51
3.3 As (in)definições do turismo e as possibilidades indisciplinares.....	60
<b>4 O TURISMO E AS (IM)POSSIBILIDADES DE UMA COMPLEXIDADE AMBIENTAL.....</b>	<b>64</b>
4.1 Construção metodológica da pesquisa.....	64
4.1.1 Peculiaridades da pesquisa empírica no turismo.....	67
4.1.2 A formulação dos questionários.....	70
4.1.3 A concepção das entrevistas.....	74
4.2 Caracterização de Pirenópolis e a turistificação de seu espaço.....	75
4.3 Os aspectos econômicos do turismo na cidade de Pirenópolis.....	77
4.4 Os aspectos ambientais do turismo na cidade de Pirenópolis.....	81
4.5 Os aspectos socioculturais do turismo na cidade de Pirenópolis.....	86
4.5.1 Festa do Divino – uma possibilidade de interação.....	92
4.5.2 As percepções em “tempos comuns”.....	104
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>117</b>
<b>Apêndice A.....</b>	<b>117</b>
<b>Apêndice B.....</b>	<b>118</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Grande parte da produção intelectual já produzida sobre turismo é perpassada por um marcante reducionismo dualista: se por um lado o turismo é visto como um "oásis econômico"<sup>1</sup> salvador de comunidades empobrecidas, por outro é tachado de "agente de aculturação"<sup>2</sup> dessas mesmas comunidades.

Segundo Moesch (2000), há na abordagem científica do turismo um reducionismo epistemológico, em que os aspectos econômicos predominam sobre outras abordagens, uma vez constatada que a prática dessa atividade em algumas regiões foi uma forte influência no desenvolvimento econômico. Desse modo, Moesch (2000) também afirma que a produção do saber turístico foi amplamente dominada por setores empresariais que destacavam sobremaneira os aspectos produtivos do fenômeno turístico. Devido a isso, boa parte da academia recebeu o turismo com certas ressalvas, principalmente as áreas vinculadas às ciências sociais, pois havia uma pressuposição de que a importância do turismo residia, quase que completamente, no fator econômico. Como diz Siqueira (2005), a área de estudos sobre turismo passou a ser menosprezada na academia "[...] justamente pela carência de um corpo teórico-metodológico próprio" (SIQUEIRA, 2005, p. 121). Tal circunstância produziu uma espécie de ciclo vicioso, em que uma situação (abordagem econômica) justificaria a outra (desdém pelos estudos do turismo) e elas se retroalimentam, pois o desdém acadêmico pelos estudos do turismo provoca a preponderância da abordagem econômica.

Ao não conseguir escapar do reducionismo dualista de nossa ciência, as abordagens das ciências sociais sobre turismo, muitas vezes, se transmutaram em críticas maniqueístas em relação à exacerbada exaltação econômica dessa atividade, entre as quais estão aquelas que relatam uma possível aculturação da população local, ou a produção de um não-lugar ou a fetichização dos lugares. Todas essas abordagens destacam aspectos negativos da presença

<sup>1</sup> Essa característica é um forte vestígio dos estudos iniciais do turismo, voltados, sobretudo, ao aspecto econômico (no Capítulo 02 desta pesquisa há um delineamento sobre a construção dos estudos acerca do turismo). É também importante ressaltar que a própria Capes guarda essa perspectiva economicista do turismo na medida em que a área de avaliação do turismo na referida agência está alocada no grupo – Administração, Economia e Turismo.

<sup>2</sup>Santos e Barretto (2006) trazem em seu texto, exemplos de autores que abordaram os temas aculturação e turismo: Nash (1996); Burns (2002); e também impacto cultural e turismo: Smith (1989); Santana (1997).

do turismo nas regiões onde ocorrem. Carlos (2007), por exemplo, cita o turismo como um agente transformador dos espaços em cenários espetacularizados. Segundo a autora, o real seria metamorfoseado para “[...] seduzir e fascinar” (CARLOS, 2007, p. 64). A partir dessa “venda” dos espaços, criam-se locais sem identidade e, portanto, não-lugares. Sob uma perspectiva semelhante, há autores que destacam que a produção desses (não) lugares turísticos é fortemente permeado por um discurso de mercado, que fetichizam determinados espaços (SILVEIRA, 2002). Existem ainda abordagens que problematizam o contato entre diferentes culturas a partir das viagens turísticas. Nesses estudos, palavras como aculturação e impactos culturais transmitem a ideia de uma “invasão” da cultura do turista sobre a cultura do local visitado (SANTOS; BARRETO, 2006).

Todas as análises sumariamente descritas são lúcidas e retratam um panorama verossímil com aspectos gerados pela atividade turística. Mostram, sobretudo, impactos negativos sofridos pela população local, gerados após o turismo ser incorporado como atividade de uma região. Apesar disso, a resposta contrária a essa abordagem economicista do turismo é a expressão da dicotomia extrema presente nas análises e minimizam a complexidade apresentada pelo turismo.

Essas dicotomias analíticas que reduzem os aspectos estudados em campos bastantes específicos são, dentre outras coisas, produto de uma racionalidade ocidental modernizante, marcadamente logocêntrica e instrumental, segundo Leff (2004). Sob o manto dessa racionalidade, a contiguidade do mundo é exacerbadamente fragmentada e, por isso mesmo, as análises gestadas sob esse modelo são também excessivamente fragmentadas. Nossas categorias de análise são muito reducionistas (SANTOS, 2007), pois provêm dessa racionalidade dicotômica, dualista. Nota-se que a esse campo do conhecimento – turismo – relega-se essa feição dualista, que minimiza sua dinâmica complexa.

Além disso, essa racionalidade provoca, dentre outras coisas, a crise ambiental (LEFF, 2007) de nosso tempo, pois ela (des)constrói o mundo em seu reducionismo utilitarista: sempre constrói algo em detrimento da desconstrução de outra enormidade de coisas. Soma-se a isto, segundo Leff

(2004), o fato de a maioria das medidas mitigadoras da crise ambiental ser concebida no interior dessa racionalidade, provocando, desse modo, aquilo que intentam combater.

Nesse sentido, Leff (2007) propõe que racionalidades e saberes que se encontram nas culturas de todo o mundo e que não operam em uma dinâmica de alinhamento exclusivo com os propósitos da racionalidade ocidental devem ser colocadas em funcionamento como alternativas a esse modelo reducionista. Essa dinâmica retratada sumariamente, em que há um forte questionamento a essa racionalidade reducionista homogeneizante e que se propõe à conjugação de novas racionalidades e saberes no jogo de poder, é aquilo que no trabalho de Leff nomeou-se Complexidade Ambiental.

Apesar da flagrante importância da proposta da complexidade ambiental de Leff, principalmente na mitigação da crise ambiental, a sociedade se esbarra na grande dificuldade em colocar em prática tal proposta. Isto ocorre, em boa medida, pois no exercício da maioria de nossas atividades encontramos-nos mergulhados nessa racionalidade logocêntrica, que gera a crise ambiental e nos impele a sustentar o modo insustentável de vida.

Do nosso lado, no acúmulo das experiências teórico-práticas no campo do turismo, o que se tem observado é que essa atividade pode agir como uma oportunidade propícia à reflexão não dicotômica ou fragmentária. No seu aspecto teórico, mesmo aqueles autores que caminham em direção a uma análise menos reducionista do turismo, há uma dificuldade em tratá-lo sob um paradigma disciplinar, o que levanta a hipótese de o próprio turismo não ser um tema adequado para ser abordado pelo viés científico tradicional. Já no campo prático, o que se nota é uma peculiar atividade econômica com estreita vinculação ao meio ambiente natural e cultural humano, que reúne em um mesmo espaço-tempo pessoas com diferentes percepções de construção social da vida.

Em vista disso, por essas características teórico-práticas apresentadas pela atividade turística, este trabalho problematiza – é o turismo um lócus apropriado para reflexão sobre a complexidade ambiental proposta por Leff? Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a interpenetração dos pressupostos conceituais entre complexidade ambiental e turismo, tanto no campo teórico como no campo prático. Além disso, este trabalho procura

colaborar no aprimoramento do campo de estudos do turismo, ao contribuir na construção de uma teoria do turismo mais crítica e complexa.

Isto posto, no primeiro capítulo desta dissertação privilegiamos o aprofundamento sobre a explanação teórica dos fundamentos da Complexidade Ambiental. Trilhamos a análise feita nos trabalhos de Leff que se baseiam, em um primeiro momento, no diagnóstico de nossa realidade, por meio da exposição da singular crise ambiental de nosso tempo. Ao entender as motivações e causas dessa crise ambiental, consegue-se, quase em um encadeamento lógico, expor a tentativa de contraposição ao quadro de crise – a complexidade ambiental. A partir desse ponto, não somente a complexidade, mas também outros conceitos da teoria de Leff serão pormenorizados, tais como racionalidade, saber ambiental e diálogo dos saberes.

O segundo capítulo será reservado à análise teórica da atividade objeto desta pesquisa – o turismo. Neste capítulo haverá o delineamento da peculiaridade teórica intrínseca dos estudos do turismo. Dessa maneira, esta parte da pesquisa se constituirá em uma explicação conceitual do turismo, ao mesmo tempo em que procurará deslindar a interconexão teórica entre turismo e complexidade ambiental.

No terceiro capítulo será feito um estudo empírico do turismo, conjugando os aspectos de sua fluidez teórica, estruturados no segundo capítulo, que contribuirão para a composição das categorias de análise da prática turística, que perpassam os aspectos econômico, socioambiental e cultural. Dessa maneira, no terceiro capítulo será feito o estudo experimental de nossa pesquisa, que tem como campo empírico o turismo na cidade de Pirenópolis, no estado de Goiás. Haverá o levantamento de informações estatísticas do município relacionados ao turismo, bem como o recolhimento de dados junto aos turistas, por meio de questionários e entrevistas semi-estruturadas, que nos possibilitarão examinar como a prática turística está associada a uma complexa dinâmica econômica, cultural e socioambiental.

## 2 PRESSUPOSTOS DA COMPLEXIDADE AMBIENTAL

### 2.1 A crise de nosso tempo: crise ambiental

Apesar de existirem relatos e registros sobre ações voltadas à preservação do ambiente natural em séculos anteriores ao século XX<sup>3</sup>, os problemas ambientais somente começaram a receber destaque na agenda internacional a partir de meados da década de 1960 do século passado. Foi nessa época que Rachel Carson, com sua *Primavera Silenciosa*<sup>4</sup>, inaugurou a análise das questões ambientais contemporâneas.

A “questão ambiental” amplamente discutida a partir de então não é produto de meros desastres ecológicos naturais. Ela não é fruto de intempéries cósmicas ou de rearranjos estruturais no interior do planeta Terra. Ao contrário, não foi o acaso das causas que conduziu as “questões ambientais” a conquistarem importância crescente desde então. A intencionalidade da causa – a ação antrópica – foi a geradora da relevância abrangente alcançada pelo tema.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, Europa e Estados Unidos registraram suas maiores taxas de crescimento econômico<sup>5</sup>. A América Latina e outras regiões subdesenvolvidas do globo, do ponto de vista da economia de mercado, também embarcaram em uma era desenvolvimentista, aumentando, mesmo que de forma mais moderada e dependente das grandes potências econômicas, suas taxas de crescimento econômico. As taxas de urbanização desses lugares elevaram-se desde então. Um importante reflexo desse amplo crescimento econômico é prontamente perceptível na alta demanda por

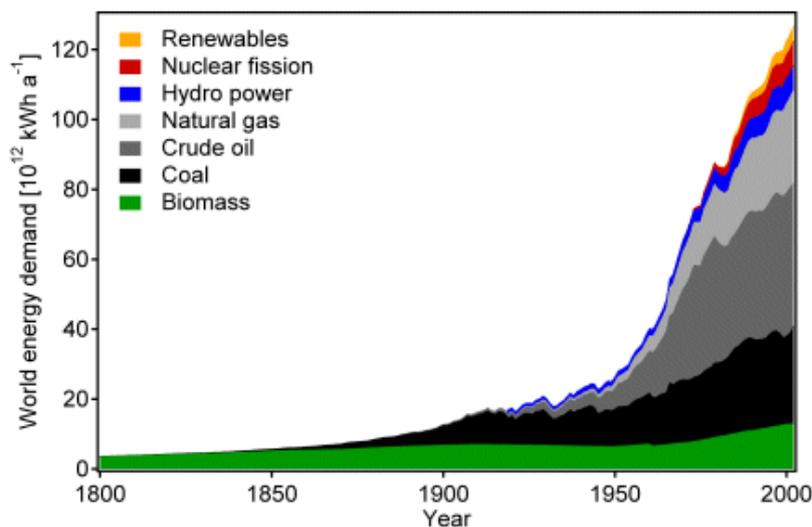
<sup>3</sup> Os Parques de Yosemite e Yellowstone nos Estados Unidos, por exemplo, foram criados respectivamente em 1864 e 1872. (GODOY, 2000, p. 129-130). Apesar de motivos diversos daqueles concebidos hoje como preservação ambiental, a criação dos referidos parques foi uma forma de conservação de ambientes naturais.

<sup>4</sup> “No verão de 1962, a revista *New Yorker* publicou três edições seguidas com trechos de *Primavera Silenciosa*, quarto livro de Rachel Carson (1907-1964), obra que só seria lançada três meses depois, em setembro. Em linhas gerais, o livro explica como o uso desenfreado de pesticidas nos EUA alterava os processos celulares das plantas, reduzindo as populações de pequenos animais e colocando em risco a saúde humana” (BONZI, 2013, p. 208).

<sup>5</sup> “Entre 1950 e 1973 a economia mundial cresceu 4,9%, em média anual, recorde histórico. Tal crescimento foi puxado pela França e Alemanha, na Europa, que cresceram 5,0% e 6,0%, respectivamente; pelo Japão, na Ásia, que cresceu 9,2%; e pelo Brasil, na América Latina, que cresceu 6,8%” (GONÇALVES, 2002, p. 108).

energia registrada a partir dos anos 1950 (Figura 1). Apesar do sempre crescente consumo energético dos últimos 200 anos, desde a Revolução Industrial, foi somente no pós-Segunda Guerra que esses níveis de consumo se amplificaram de forma vertiginosa. Essa demanda energética, reflexo da alta produção industrial e da crescente urbanização mundial, aliada à quase nulidade das preocupações de seus impactos, começaram a tornar altamente perceptíveis os problemas ambientais advindos dessa lógica produtivista. E como não poderia ser diferente, foi a partir de então o início das discussões acerca das relações homem-meio ambiente.

Figura 1 - Consumo mundial de energia (séc. XIX e XX)



Fonte: La herencia del planeta. Metode - Universitat de Valencia (2012).

Esse é o panorama no qual se desenrola a crise ambiental de nosso tempo. Crise para a qual, pela primeira vez, não foi atribuída explicação sobre nenhum ente mitológico ou ação divina e que também certificou-se não fazer parte de uma ação do próprio ambiente em mudança, mas sim uma crise totalmente originária do próprio homem, das relações que ele estabelece com o meio a sua volta. Por isso mesmo Leff (2002, p. 194) nos diz:

Mais do que uma crise ecológica, a problemática ambiental diz respeito a um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia pelas quais a civilização ocidental tem compreendido o ser, os entes e as coisas; da ciência e da razão tecnológica pelas quais temos dominado a natureza e economicizado o mundo moderno.

A crise ambiental está calcada na racionalidade que permeia as relações homem-meio ambiente. Esta que é uma racionalidade objetivista e fragmentária, que reserva ao ambiente natural o papel exclusivo de “recursos naturais”. Sob a ótica economicista, o recurso é despersonalizado e desqualificado – ele se torna um objeto, que pode ser usado em único e estrito benefício do sujeito.

Este tipo de racionalidade que permitiu colocar em funcionamento tal sistema relacional com o meio ambiente não foi formada estritamente nas décadas de crescimento pós-Segunda Guerra. O que ocorreu a partir desse período foi a coadunação dessa racionalidade com o alto desenvolvimento tecnológico, proporcionando uma produção massificada nunca antes vista na história.

A racionalidade ocidental foi construída ao longo de séculos, sobretudo na formação da modernidade, com influência principal do pensamento cartesiano. René Descartes, no século XVII, sintetizou o pensamento vigente à época: a busca da “verdade” em seu interior, na luz de sua razão. Segundo Descartes, somente o *cogito* comprovadamente existe, ou seja, todo o resto é passível de dúvida. Assim, esse autor pressupõe a existência ao pensamento: tudo o mais pode ser falseado.

Descartes hierarquiza ainda mais a já dicotomizada mente e corpo (PORTO-GONÇALVES, 2006), dividindo-os naquilo que é verdadeiro (pensamento) daquilo que pode ser falseado (corpo).

Não podemos sequer afirmar a existência do corpo, porque, sendo este material, é de fato um objeto no mundo externo, sobre o qual não podemos ter certeza. O cogito, portanto, nos revela apenas isso: a existência do pensamento puro, o que é possível pela evidência do próprio ato de pensar. (MARCONDES, 2001, p. 169)

Sob esta divisão entre mente e corpo, subjazem diversas outras que construíram nossa racionalidade ocidental maniqueísta, tais como sujeito-objeto e homem-natureza (PORTO-GONÇALVES, 2006). Esta última caudatária do paradigma de que somente o homem possui o *cogito* – ou pensamento – e, portanto, a verdade emana dele. O homem é o sujeito,

enquanto a natureza é o objeto, ou seja, somente o sujeito pode agir sobre o objeto.

O logocentrismo da racionalidade ocidental moderna possibilitou a tecnologização do mundo e o transformou em objeto. Somente esta racionalidade pode transformar a natureza em objeto a ser dominado pelo sujeito-homem. Foi nesse sentido que a razão ocidental e sua principal representante – a ciência – colocaram-se em um local privilegiado de análise, como se se constituíssem a partir de um local “atemporal e universal de observação” (CAJIGAS-ROTUNDO, p. 171, 2007). Castro-Gomez denominou tal característica de “hybris del punto cero”, que significa:

Refiro-me a uma forma de conhecimento humano que eleva pretensões de objetividade e cientificidade, partindo do pressuposto de que o observador não forma parte do observado. Esta pretensão pode ser comparada com o pecado da hybris, do qual falavam os gregos, quando os homens queriam, com arrogância, elevar-se ao estatuto de deuses. Localizar-se no ponto zero equivale a ter o poder de um Deus absconditus, que pode ver sem ser visto, ou seja, que pode observar o mundo sem ter que dar conta a nada, nem sequer a si mesmo, da legitimidade de tal observação. Equivale, portanto, a instituir uma visão de mundo reconhecida como válida, universal, legítima e garantida pelo Estado. Por isso, o ponto zero é o do começo epistemológico absoluto, mas também o do controle econômico e social sobre o mundo. (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 63 apud CAJIGAS-ROTUNDO, 2007, p. 171, tradução nossa<sup>6</sup>)

A razão ocidental se constituiu como uma pretensa forma estéril de se pensar o mundo. Uma forma de observação que proclama a distância entre observador e observado, útil na neutralização das “paixões” emanadas do observador. Ao se construir discursivamente como algo que não é – um ideal sem paixões – a racionalidade ocidental se colocou acima de outras

<sup>6</sup>Me refiero a una forma de conocimiento humano que eleva pretensiones de objetividad y cientificidad, partiendo del presupuesto de que el observador no forma parte de lo observado. Esta pretensión puede ser comparada con el pecado de La hybris, del cual hablaban los griegos, cuando los hombres querían, con arrogancia, elevarse al estatuto de dioses. Ubicarse en el punto cero equivale a tener el poder de un Deus absconditus que puede ver sin ser visto, es decir, que puede observar el mundo sin tener que dar cuenta a nadie, ni siquiera a sí mismo, de la legitimidad de tal observación. Equivale, por tanto, a instituir una visión del mundo reconocida como válida, universal, legítima y avalada por el Estado. Por ello, el punto cero es el del comienzo epistemológico absoluto, pero también el del control económico y social sobre el mundo.

racionalidades, um “deus absconditus” que podia ver sem ser visto. Tal estratégia tornou inquestionáveis suas ações, dentre as quais a economificação sempre crescente do mundo.

As ciências não vivem num vazio ideológico e semântico. Tanto por sua constituição a partir das ideologias teóricas e as cosmovisões do mundo no terreno conflitivo das práticas sociais dos homens, como pelas transformações tecnológicas que se abrem a partir das condições econômicas de aplicação do conhecimento, as ciências estão inseridas em processos discursivos onde se debatem num processo contraditório de conhecimento/desconhecimento que mobiliza o “lugar da verdade” (BALIBAR, 1995), de onde derivam sua capacidade “cognoscitiva” e seu potencial transformador da realidade. A articulação desses processos de conhecimento com os processos institucionais, econômicos e políticos que condicionam o potencial tecnológico e a legitimidade ideológica de suas aplicações, está regida pela confrontação de interesses opostos de classes, grupos sociais, culturas e nações pela apropriação diferenciada e pelas transformações alternativas da natureza. (LEFF, 2000, p. 28)

A ciência ocidental auxiliou na produção da crise ambiental: em seu afã de objetividade e tecnologização, empurrou para fora de seus domínios o meio ambiente. “O ambiente é o campo de externalidade das ciências” (LEFF, 2000, p. 31). O ambiente até bem pouco tempo atrás não fazia parte do horizonte de perspectivas teóricas e campos conceituais que formam um campo disciplinar<sup>7</sup> (LEFF, 2000).

A exaustão ambiental refletida nos níveis de qualidade da vida sobre a Terra é o indício da problemática racionalidade pela qual a humanidade promove, com êxito, sua própria decadência. Ou seja, estamos produzindo nossa existência por meios que indubitavelmente, como vemos na atualidade, nos levarão a um amplo colapso<sup>8</sup>. Apesar disso, não inferimos a exclusividade

<sup>7</sup> A título de exemplo, os estudos na área da ciência agrônoma elevaram as possibilidades de plantio em áreas aparentemente não produtoras como no Bioma Cerrado. Se por um lado conseguiu-se aumentar a produção agrícola, por outro o desmatamento do Cerrado cresceu vertiginosamente. Na atualidade, aproximadamente 50% do território do Cerrado encontra-se convertido em áreas de pastagens e agricultura. (SANO et al., 2010 apud FERREIRA et al., 2011)

<sup>8</sup> A “crise hídrica” de São Paulo, ocorrida a partir de 2014, é um exemplo da gênese de um colapso. No referido ano, a maior metrópole brasileira apresentou problemas graves de abastecimento de água para sua população. Tal situação é reflexo de um conjunto de fatores onde se misturam, alta concentração de demanda (a macrometrópole paulista corresponde a 50% da área urbanizada do estado de São Paulo, e mais de 30 milhões de habitantes –

do homem moderno ocidental à capacidade de encurralar-se em um colapso produzido por si mesmo<sup>9</sup>. Entretanto, o que faz a crise ambiental de nossos dias adquirir característica singular é a produção de um colapso em escala global, com riscos drásticos inclusive à espécie humana.

O caminho unidirecional do progresso no Ocidente foi construído sob a propagação do valor sempre positivo aliado às ideias sobre consumo e ciência. Isso revela-nos que concepções diversas de construção da realidade foram muitas vezes violentamente desconsideradas, mesmo que estas tivessem sido construídas em dinâmicas complexas de relações socioambientais milenares<sup>10</sup>.

O monologismo e o desenho monotópico global do Ocidente relacionam-se com outras culturas e povos a partir de uma posição de superioridade e são surdos às cosmologias e epistemologias do mundo não-ocidental. (GROSFOGUEL, 2009, p. 406)

Dentre os maiores exemplos de tal epistemicídio<sup>11</sup>, pode-se considerar aquele ocorrido nas Américas, no qual os povos nativos desse continente foram exterminados fisicamente<sup>12</sup> ou tiveram seus saberes e modos de vida violentamente subjugados.

---

Emplasa, 2012) má gestão pública e mal uso dos recursos hídricos, além de secas prolongadas (JACOBI et al., 2015). Aliado a isto a Agência Nacional de Águas publicou em seu relatório em 2013 que 80% das águas no Brasil se situam na região menos povoada de nosso território, a Amazônia e que as cidades densamente povoadas apresentam quase metade de seus recursos hídricos em níveis ruins ou péssimos (44%).

<sup>9</sup> O denso livro “Colapso – como as sociedades escolhem o sucesso ou o fracasso” (2005), do professor de geografia da Universidade da Califórnia – Jared Diamond, nos fornece exemplos de povos ou civilizações, tais como os famosos Maias ou os povos da Ilha de Páscoa, que se extinguíram devido à convergência de uma série de pequenas catástrofes socioambientais. No entanto o professor Diamond ressalta em seu livro que as escolhas equivocadas dessas sociedades tiveram um peso determinante na derrocada das mesmas.

<sup>10</sup> Também no livro Colapso há um exemplo que ilustra como a racionalidade ocidental age, na maior parte das vezes, quando em contato com culturas diversas. Nas terras altas da Nova Guiné a ilusão de “primitiva” técnica agrônômica fez com que os europeus convencessem os nativos a alterarem suas formas de plantar em declives acentuados. O resultado foi que nas primeiras chuvas após a implantação da nova técnica, a encosta desmoronou e toda plantação foi perdida. Na safra posterior, os nativos das terras altas da Nova Guiné retomaram sua forma tradicional de plantar nas encostas.

<sup>11</sup> Segundo Santos (2005, p. 22) “o epistemicídio é um conceito que designa a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena”.

<sup>12</sup> O genocídio nas Américas resultou em um número em torno de 70 milhões de mortes. (BAEZ, 2010, p. 35)

Esta razão excludente, ao buscar seus objetivos, compromete o meio ambiente de forma decisiva, pois se baseia em dois aspectos principais: 1 – ela possui uma visão ‘gulosa’ da realidade<sup>13</sup> e 2 – ela é altamente racista.

A visão gulosa está presente nas possibilidades de consumo que se construíram com a expansão do capital. Segundo Escobar, este consumo é continuamente alimentado no imaginário mundial a partir da propagação da ideia de conforto associada a ele (ESCOBAR, 1996 apud CAJIGAS-ROTUNDO, 2007). Esta visão gulosa, sempre crescente, esbarra nos limites biofísicos de nosso planeta, tanto quando consideramos a produção dos produtos quanto ao seu descarte<sup>14</sup>.

Além disso, grande parte das propostas ambientais surgidas nas décadas de 1970 e 1980, apesar de reconhecer tal visão gulosa, não consegue contrapô-la. Ao contrário, a reforça em certo sentido, pois à medida que propagou a sustentabilidade combinada ao desenvolvimento econômico, fez surgir o famigerado “desenvolvimento sustentável”. Ou seja, tal medida procurou manter os níveis crescentes da economia e do consumo das potências econômicas mundiais, aliado a medidas de diminuição de impactos ambientais.

O discurso da sustentabilidade busca reconciliar os contrários da dialética do desenvolvimento: o meio ambiente e o crescimento econômico. Este mecanismo ideológico não significa apenas uma volta de parafuso a mais da racionalidade econômica, mas opera uma volta e uma torção da razão; seu intuito não é internalizar as condições ecológicas da produção, mas proclamar o crescimento econômico como um processo sustentável, firmado nos mecanismos do livre mercado como meio eficaz de assegurar o equilíbrio ecológico e a igualdade social. (LEFF, 2004, p. 27)

<sup>13</sup> Cajigas-Rotundo (2007) usa este termo para demonstrar a “busca insaciável de novas fontes de consumo” geradas na dinâmica do capitalismo.

<sup>14</sup> O exemplo mais associado aos limites biofísicos do planeta frente ao consumo desenfreado de nosso tempo relaciona-se a alta quantidade de Gás Carbônico (CO<sub>2</sub>) contido na atmosfera na atualidade. Isto é o que nos expõe os relatórios do IPCC – *Intergovernmental Panel on Climate Change* (Painel Mundial Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas). O CO<sub>2</sub> dissolvido na atmosfera causa o efeito estufa, que provoca o aumento da temperatura global e consequentemente catástrofes “naturais” (tornados muito fortes, aumento do nível dos mares, extremos climáticos prolongados). O aumento de CO<sub>2</sub> atmosférico na atualidade é produto direto da queima de combustíveis fósseis, tais como carvão e petróleo, usados em abundância desde meados da década de 1950 do século XX. Aliado a isto, outro fator do aumento de CO<sub>2</sub> atmosférico é a derrubada de florestas que poderiam agir no sequestro (remoção) do gás carbônico atmosférico.

O que se pode ver é a “hybris del punto cero” se reinventado e agindo continuamente, pois a propagação da ideia de desenvolvimento sustentável foi produzida pelos causadores dos problemas: os países altamente consumidores. Novamente se cai no erro de generalizar um conceito com base numa visão única sobre o mundo. Tal estratégia reflete mais uma vez o racismo epistêmico da visão do norte global, pois o “desenvolvimento sustentável” exclui os povos economicamente subdesenvolvidos do processo de formulação de alternativas aos problemas socioambientais.

Além do exposto, há outro fator, um conceito implícito de escassez que o termo “desenvolvimento sustentável” carrega consigo. Tal característica gera, principalmente aos países centrais do capitalismo, a afetação da expectativa de consumo. Mas o que surge dessa expectativa e o que relativamente pouco se pergunta é quem consome, já que a possibilidade de consumo dos países periféricos do capitalismo sempre se encontrou afetada. Ao desconsiderar a escassez “de que para quem”, a razão ocidental age, como sempre, de forma excludente. Tal racismo esconde as soluções não-ocidentais e

[...] está relacionado com a política e a sociabilidade. O racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas os resultados acabam por ser os mesmos: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos. (MALDONADO-TORRES, 2009, p. 345).

Este racismo epistêmico provém de uma razão preguiçosa, indolente, como diz Boaventura de Souza Santos. Esta razão indolente é aquela que não quer ver as possibilidades inesgotáveis no mundo, dentre outras razões, porque não quer perder o domínio sobre o mesmo. Ela é uma razão

[...] preguiçosa, que se considera única, exclusiva, e que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo. Penso que o mundo tem uma diversidade epistemológica inesgotável, e nossas categorias são muito reducionistas. (SANTOS, 2007, p. 25)

Este mesmo autor, ao explicar melhor o modelo pelo qual a razão indolente opera, divide-a em duas razões: uma dita metonímica e outra

proléptica. A razão metonímica age no sentido de homogeneizar as experiências, diminuindo o presente:

Então esse conceito de razão metonímica contrai o presente porque deixa de fora muita realidade, muita experiência, e, ao deixá-las de fora, ao torná-las invisíveis, desperdiça a experiência. (SANTOS, 2007, p. 26)

Ao fazer isso, a razão ocidental opera em direção a um tipo único de realidade. Tudo o que está fora do referido “presente ocidental” está fora do presente e, por conseguinte, é desconsiderado. Por isso nosso presente é fulgaz e diminuído. No mesmo raciocínio, Santos (2007, p. 26) também nos fala sobre a razão proléptica:

Nossa razão ocidental é muito proléptica, no sentido de que já sabemos qual é o futuro: o progresso, o desenvolvimento do que temos. É mais crescimento econômico, é um tempo ideal linear que de alguma maneira permite uma coisa espantosa: o futuro é infinito.

Nesse mesmo sentido, Santos (2009, p. 445) expõe:

Trata-se de uma história que põe fim a todas as teleologias porque estas pressupõem sempre a eleição de um passado específico como condição da legitimação de um futuro único.

A razão indolente homogeneizante exclui, dessa forma, as experiências gestadas em diversos lugares do mundo, que não estão alinhadas ao desenvolvimento econômico ilimitado. Aqui se confirma não somente a visão gulosa do ocidente bem como o racismo epistêmico no qual ele engendra sua lógica.

A dificuldade que temos em colocar alternativas interrogadoras a essa razão indolente advém do fato de ela possuir uma base sólida, conformada em longos períodos históricos. Para além das contradições intrínsecas à própria lógica mercadológica, onde as relações de poder são extremamente desiguais, essa razão moderna produziu desenvolvimento econômico e tecnológico de larga aplicação pela humanidade. Tanto é assim que estamos chegando a

níveis populacionais nunca antes vistos, devido principalmente à evolução na área de saúde e certa distribuição desses recursos<sup>15</sup>.

No entanto, ao colocar-se em funcionamento, essa razão também produziu a crise ambiental, “a crise de nosso tempo, a crise civilizatória e de modos de conhecimento”. Uma crise que anuncia realmente o “fim da história”<sup>16</sup>. “A ciência e a tecnologia se converteram na maior força produtiva e destrutiva da humanidade” (LEFF, 2000, p. 23). É a partir dessa crise que diversos pensamentos tomam forma, ganham força e se apresentam como possibilidade alternativa ao propalado unívoco crescimento econômico. Nesse bojo de sentimentos forjados nessa crise é que Enrique Leff não se deixa tomar pelo niilismo e propõe, de forma contundente, uma guinada rumo a uma complexidade ambiental.

## 2.2 Delineando conceitos: a Complexidade Ambiental

Como vimos, a crise ambiental de nosso tempo se apresenta como um fato impregnado em nosso cotidiano e não mais como alguma especulação mirabolante e longínqua. Desse modo, o enfrentamento dessa crise não é somente necessário, mas, sobretudo, urgente. No entanto, essa crise de civilização, de nossa maneira de produzir a vida, não deve ser enfrentada a partir da proposição de alternativas de desenvolvimento, mas, ao contrário, a partir do desenvolvimento de alternativas ao desenvolvimento. Na ânsia de entender e estruturar uma possibilidade para essa alternativa, Enrique Leff Zimmerman, sociólogo ambientalista mexicano<sup>17</sup>, forjou o conceito de complexidade ambiental:

Na confluência dos múltiplos interesses em jogo na transição para uma ordem econômica sustentável, abre-se um amplo

<sup>15</sup> Segundo a ONU, os três fatores principais para o aumento da população mundial nos últimos anos são: as taxas de fecundidade, o aumento da longevidade e a migração internacional. Os dois primeiros, taxas de fecundidade e aumento da longevidade estão intimamente relacionados a evoluções na área de saúde (World Population Prospects, The 2015 revision).

<sup>16</sup> A intenção aqui é fazer uma ironia ao citar o fim da história, pois em seu sentido original este termo esteve relacionado ao fim das “agonias” da história e vemos que a crise ambiental provocou o contrário.

<sup>17</sup> A referida denominação ao professor Leff foi retirada do Curriculum do docente na página da UNAM – Universidade Autônoma do México. Disponível em: <<http://www.paginaspersonales.unam.mx/curriculums/index/alias:henrydanleff>>.

espaço de concordâncias e um espectro de modelos sociais alternativos. Neste processo, parece pouco realista enfrentar o projeto neoliberal tão-somente com os valores de uma ética conservacionista. Um dos grandes desafios que a sustentabilidade enfrenta é a construção do conceito de ambiente como um potencial produtivo sustentável; isto é, materializar o pensamento complexo numa nova racionalidade social que integre os processos ecológicos, tecnológicos e culturais, para gerar um desenvolvimento alternativo. (LEFF, 2004, p. 60)

Diante do quadro de grave crise e riscos extremos é que se apresentam medidas tópicas por vezes bem-intencionadas, como “plantar uma árvore” ou “cuidar dos animais” (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 19). Tais iniciativas soam como “uma gota d’água no oceano” e empresas e governos as utilizam como ações de “desenvolvimento sustentável”, gerando um campo de aspecto positivo nas práticas predatórias por eles perpetradas, sobretudo em consumidores mais desavisados. Por outro lado, em uma via mais crítica, essas ações de caráter tópico geram mais angústia e questionamentos. É a partir desse segundo eixo questionador que a complexidade ambiental se forma.

Mas, ao mesmo tempo em que a complexidade ambiental se forja na utopia de minimização das angústias, ela se forma no exercício de desmonte das certezas modernas. Ao mesmo tempo em que intenta fornecer alternativas ao modelo vigente, ela implode o aparentemente impenetrável alicerce dos valores modernos.

Nesse sentido, apreender a complexidade ambiental implica um processo de “desconstrução” do pensado para se pensar o ainda não pensado, para se desentranhar o mais entranhável de nossos saberes e para dar curso ao inédito, arriscando-se a desmanchar nossas últimas certezas e a questionar o edifício da ciência. (LEFF, 2002, p. 196)

O principal exercício da complexidade é o questionamento da aparente inevitabilidade do modelo único. Tal questionamento não deve partir da unicidade discursiva da ciência, pois esta foi formada no bojo da (e para) a racionalidade modernizadora.

[...] a complexidade ambiental implica uma nova compreensão do mundo que problematiza os conhecimentos e saberes

arraigados em cosmologias, mitologias, ideologias, teorias e saberes práticos que se encontram nos alicerces da civilização moderna, no sangue de cada cultura, no rosto de cada pessoa. (LEFF, 2002, p. 196)

Apesar de contrapor a situação fragmentária formada na racionalidade modernizadora, que reserva ao ambiente o campo das externalidades, e a despeito do que seu nome possa deixar a entender, a complexidade ambiental não é uma compiladora holística das disjunções modernizantes.

Esta perspectiva do saber ambiental questiona o pensamento da complexidade (Morin, 1993), concebido como resultado da evolução ôntica do ser, como um processo de auto-organização da matéria que, com a emergência de uma consciência ecológica na noosfera, viria completar e recompor o mundo fragmentado e alienado, herdado desta civilização em crise, através de uma visão sistêmica. (LEFF, 2004, p. 418)

Nesse sentido, Leff (2016, p. 300) ainda nos diz que tal “complexidade reflexiva”, baseada nas ciências da complexidade e nos sistemas autorreguladores, se constitui numa ciência pós-normal, que busca superar a pretensa objetividade da ciência. Contudo, mesmo a partir dessa nova perspectiva científica, Leff (2016, p. 301) questiona: “para além da eficácia desses processos [...] teríamos que nos perguntar: como surge a agência social?”.

Entende-se que o conceito de complexidade ambiental forjado por Leff é uma tentativa de encontrar resposta ao questionamento acima, pois a complexidade ambiental indica uma perspectiva de transformação do conhecimento na intervenção do mundo. Ou seja, para que isso ocorra, é necessária a criação (ou reativação) de saberes e racionalidades outras, que não somente aquelas geradas no (e pelo) desenvolvimento econômico (LEFF, 2004, p. 418).

## 2.3 Os elementos constitutivos da Complexidade Ambiental

### 2.3.1 A Racionalidade Ambiental

Gerar uma racionalidade alternativa à racionalidade vigente é uma das premissas da complexidade ambiental. A tentativa de incrementar ações ambientais no interior de uma racionalidade predominantemente economicista

e instrumental leva à internalização de algumas normas ecológicas para o centro da lógica capitalista. O “desenvolvimento sustentável” aplicado pela maioria das empresas no mundo parte do princípio de que a sustentabilidade é apenas mais um dentre os vários custos de produção. Reitera-se que nessa perspectiva a sustentabilidade é usada tal qual um engodo, pois ao assimilar mais este custo à produção e desenvolver medidas ecológicas compensatórias, cria-se a ilusão de uma ação que controle a crise ambiental.

O conceito de racionalidade ambiental põe em relevo o fato de que a construção da sustentabilidade não é a fusão de duas lógicas ou a internalização da lógica ecológica na lógica do capital. (LEFF, 2004, p. 51)

Por detrás dessas práticas “sustentáveis” está presente, na maior parte das vezes, um estratagema ideológico: as empresas prometem uma sustentabilidade que de antemão elas já sabem que não podem (ou não querem) cumprir, pois isso atrapalha o crescimento econômico almejado. Isso porque a racionalidade que fundamenta o funcionamento das empresas caminha em direção diametralmente oposta àquela preconizada pelos fundamentos da sustentabilidade. O que torna tais práticas empresariais “sustentáveis” ainda mais perversas é o verniz cientificista que carregam consigo. Por possuírem essas características, são entendidas pelos seus consumidores como formas ideais de resolução das irracionalidades e conflitos gerados pelo sistema. Nada mais ilusório:

Ao contrário, a racionalidade cognitivo-instrumental da modernidade aparece como a causa principal da crise ambiental, reclamando a constituição de uma nova racionalidade social [...] (LEFF, 2004, p. 54)

A racionalidade instrumental oferece para o enfrentamento da crise ambiental a saída da resolução técnica, que é mais cômoda e aprisiona a humanidade na manutenção dessa racionalidade.

Há uma crença acrítica, de que existe, sempre, uma solução técnica para tudo. Com isso ignora-se que o sistema técnico inventado por qualquer sociedade traz embutido nele mesmo a sociedade que o criou, com as suas contradições próprias traduzidas nesse campo específico. (PORTO-GONÇALVES, 2011, p. 15).

Como visto acima, não se pode almejar um cientificismo exclusivista na resolução da crise ambiental, pois o campo científico é, ao mesmo tempo, parte do produto e produtora da racionalidade que (des)constrói o mundo. Os saberes científicos “[...] serviram de suporte teórico e meios instrumentais ao processo civilizatório, fundado no domínio do homem sobre a natureza” (LEFF, 2004, p. 155). O caminho em direção a uma racionalidade ambiental passa pelo questionamento da ciência, sobre sua negação e externalização do ambiente (LEFF, 2004).

Além de embasar a superação dos paradigmas do conhecimento, a racionalidade ambiental deve transcender a estrutura social (LEFF, 2012). Essas superações científicas e sociais não podem limitar-se à formulação de novos paradigmas e inclusões sociais. A sustentabilidade almejada pela racionalidade ambiental perpassa

[...] um objetivo que transborda a capacidade das ciências, para converte-se num projeto político mediante a constituição de atores sociais movidos por propósitos e interesses inscritos dentro de matrizes de racionalidade, orientados por saberes e enraizados em identidades próprias e diferenciadas. (LEFF, 2012, p. 53)

Há de fato uma necessidade de ruptura dessa racionalidade. É necessário reconfigurar a compreensão do mundo, “[...] resignificando os fins e os meios os quais se dirigem as ações sociais (econômicas, políticas), iluminando novas teorias e renovando os sentidos de existência” (LEFF, 2012, p. 50).

O que se almeja com a complexidade ambiental é a construção de um tipo alternativo de racionalidade, baseado na “[...] transformação dos processos econômicos, políticos, tecnológicos e educativos [...]” (LEFF, 2004, p. 133). Nesse sentido, a racionalidade ambiental

[...] não é a expressão de uma lógica, mas o efeito de um conjunto de interesses e de práticas sociais que articulam ordens materiais diversas que dão sentido e organizam processos sociais através de certas regras, meios e fins socialmente construídos. (LEFF, 2004, p. 134)

A racionalidade ambiental não anseia o fim das contradições, nem muito menos a extinção da racionalidade econômica e instrumental<sup>18</sup>, mas sim a instauração de “[...] um conjunto de processos que integram diferentes 'esferas de racionalidade’” (LEFF, 2004, p. 142). A racionalidade ambiental não busca a aplicação de um modelo, ao contrário,

[...] desloca a hegemonia homogeneizante da racionalidade moderna (econômica, teórica e instrumental), fazendo valer a categoria de racionalidade substantiva, que não é campo da norma, senão dos valores [...]. (LEFF, 2012, p. 57)

A racionalidade ambiental fragmenta o bloco monolítico pelo qual se apresenta o pensamento corrente na atualidade; insere possibilidades no interior da aparente unicidade de produção da vida.

Aquilo que gera a crise ambiental – a homogeneização do mundo pelo modo de se produzir a vida – foi fruto da desarticulação dos modos de vida diversos, no intuito de expansão do capital, provocado pela instauração da racionalidade instrumental. A racionalidade ambiental intenta rearticular esses modos de vida ao

[...] incorpora[r] um conjunto de valores e critérios que não podem ser avaliados em termos do modelo da racionalidade econômica, nem reduzidos a uma medida de mercado. (LEFF, 2004, p. 136)

A compreensão, ou seja, a racionalidade pela qual se (des)constrói o mundo, não se altera pela autoconsciência do sujeito isolado. Tal (des)construção emerge do confronto entre racionalidades. Diferentes racionalidades se edificam por meio da concepção de diferentes saberes, forjados em consonância com a singularidade das relações socioambientais de cada localidade. Nesse sentido, ao se firmar uma nova racionalidade, na realidade está se desinvisibilizando um “antigo” saber. É nesse sentido que racionalidade e saber se convergem na composição de uma complexidade ambiental.

<sup>18</sup> Soaria incoerente exigir a qualquer racionalidade alternativa a aplicação de uma lógica que ela intenta desautorizar, ou seja, aplicar um sistema de extirpação à racionalidade econômica e instrumental é usar da tática excludente que esta mesma se valeu para se sobrepujar sobre as outras racionalidades.

### 2.3.2 O Saber Ambiental

A outra ponta que se junta à racionalidade ambiental na formulação de uma complexidade ambiental é o saber ambiental. De fato “a construção de uma racionalidade ambiental implica a formação de um novo saber” (LEFF, 2004, p. 145).

O saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza. [...] O saber ambiental excede as ciências ambientais, constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais – antropologia ecológica; ecologia urbana; saúde, psicologia, economia e engenharia ambientais – e se estende além do campo de articulação das ciências (LEFF, 1986/2000), para abrir-se ao terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais. (LEFF, 2004, p. 145)

Racionalidade e saber estão em estreita afinidade na conformação de um corpo social. Há uma relação de complementaridade entre as duas instâncias, em que os saberes dão base à racionalidade e, por conseguinte, a racionalidade sustenta os saberes que a formaram. Por isso é ilusão acreditar que um processo de degradação ambiental se encerra com ações tópicas que “ecologizam” a economia. O estabelecimento de paradigmas diversos de conhecimento é basilar na construção de uma nova racionalidade social (LEFF, 2004, p. 146).

Assim como a racionalidade ambiental, o saber ambiental não é excludente, ao contrário, procura incluir aquilo que fora deixado de lado na objetivação do mundo. O saber ambiental não almeja somente alcançar um novo paradigma científico, mais complexo, abrangente e interdisciplinar, mas almeja um

[...] diálogo e amálgama de saberes, desde os níveis mais altos de abstração conceitual até os níveis de saber prático e cotidiano onde se expressam suas estratégias e práticas. (LEFF, 2004, p. 153)

O campo do saber é aquele que recupera, na prática, o ambiente externalizado pela ciência. O saber ambiental propõe reoxigenar os saberes esquecidos e abjetos que circulam no meio social e reintegrar-lhes poder (saberes indígenas, camponeses, populares) (LEFF, 2012, p. 51). Oferecer um campo de exercício, não somente prático, mas também político a esses outros saberes – uma democracia ambiental (LEFF, 2016, p. 294) – em que haja uma possibilidade de integração e contraposição desses diferentes saberes, na formação de uma realidade socioambiental sustentável (ARAUJO, 2015). Enfim, o que se propõe é o diálogo dos saberes:

[...] [o] encontro (enfrentamento, entrecruzamento, hibridação, complementação, antagonismo) de saberes diferenciados por matrizes de racionalidade-identidade-de-sentido que respondem a estratégias de poder pela apropriação do mundo e da natureza. (LEFF, 2012, p. 55)

O desejo de um saber ambiental emerge do não contentamento da falta de conhecimento da ciência (LEFF, 2012, p. 59); na falta de sentido que ela produz ao almejar uma objetividade e uma universalidade que não coadunam com a situação identitária localizada do ser. Construir um saber ambiental é “ambientalizar” o saber (conhecimento), localizá-lo, “para gerar um feixe de saberes nos quais se entrelaçam diversas vias de sentido” (LEFF, 2012, p. 55).

Nessa perspectiva, Santos (2006, p. 32) reprova o discurso unívoco da ciência na produção da vida e diz que o mesmo gera uma “ausência, ou um desperdício de experiência”. Experiências estas que poderiam agir em uma produção mais sustentável da vida. Vale ressaltar que o referido autor não dissemina a necessidade de expurgo da ciência, mas sim “[...] tentar fazer é um uso contra-hegemônico da ciência hegemônica” (SANTOS, 2006, p. 32), ou uma contra-epistemologia (SANTOS, 2009, p. 51). Nesse seguimento, o autor coincide com o entendimento de Leff e propõe em consonância com o Diálogo dos Saberes, a Ecologia dos Saberes:

[...] possibilidade de que a ciência entre não como monocultura mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês. (SANTOS, 2006, p. 32-33)

Entretanto valendo-se de Santos (2006, p. 33), ressalta-se que “[...] tudo não vale o mesmo”, bem como não estabelecer que a ciência valha para tudo.

Contudo, em lugar de subscrever uma hierarquia única, universal e abstrata entre os saberes, a ecologia de saberes favorece hierarquias dependentes do contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber. (SANTOS, 2009, p. 51)

Prosseguindo nesse ponto de vista, Grosfoguel (2009, p. 385) ainda assevera que se deve estabelecer “[...] um diálogo crítico entre diversos projetos críticos políticos/éticos/epistêmicos, apontados a um mundo pluriversal e não a um mundo universal”.

Nessa possibilidade de diálogo dos saberes, dessas diferentes formas de saber, é que o lugar adquire função precípua. Entre os extremos ilusórios propagados, de um lado uma “atopia” difundida pela globalização, em que o “ente” se desvincula totalmente de seu lugar e torna-se global, e de outro da sabida impossibilidade de uma identidade fixa, monotópica, de identificação única e exclusiva com o lugar (ESCOBAR, 2005, p. 133), o espaço local torna-se o lugar onde o saber outro se forma. É a partir do local que modelos alternativos de natureza são forjados.

Uma das vantagens ambientais dos modelos locais de natureza e que justamente se contrapõe ao modelo moderno é que essas “[...] não dependem da dicotomia natureza/sociedade” (ESCOBAR, 2005, p. 136). Dessa premissa parte a diferença que permite que o espaço possa ser gestado de forma ambientalmente mais sustentável, pois afasta-se da ideia de natureza o papel exclusivo de recursos naturais.

Também é na localidade, no lugar, que podemos enxergar com mais clareza a possibilidade de construção de “imaginários econômicos alternativos” (ESCOBAR, 2005, p. 139).

O lugar – como a cultura local – pode ser considerado “o outro” da globalização, de maneira que uma discussão do lugar deveria oferecer uma perspectiva importante para repensar a globalização e a questão das alternativas ao capitalismo e à modernidade. (ESCOBAR, 2005, p. 139)

Ao preconizar a defesa do lugar para a ocorrência do diálogo dos saberes, registramos que esta estratégia está vinculada a “[...] uma relação entre lugar, cultura e natureza” (ESCOBAR, 2005, p. 142). É um projeto que se conecta à ideia de transmodernidade, cunhada por Enrique Dussel, em que:

Em vez de uma única modernidade [...] se enfrenta a modernidade eurocentrada através de uma multiplicidade de respostas críticas descoloniais que partam das culturas e lugares epistêmicos subalternos de povos colonizados de todo o mundo. (DUSSEL, 2001 apud GROSFUGUEL, 2009, p. 408)

Segundo Dussel, essa transmodernidade nos proporcionaria “[...] uma ‘diversalidade’ de respostas para os problemas da modernidade, conduzindo à ‘transmodernidade’” (DUSSEL, 2001 apud GROSFUGUEL, 2009, p. 408). Nesse sentido, Santos (2009, p. 472) nos diz que há um “deslocamento pragmático de hierarquias entre saberes”, transformando assim “[...] todos saberes em saberes experimentais” (SANTOS, 2009, p. 472).

Quando Dussel preconiza uma transmodernidade, ou quando Escobar defende o local como alternativa ao global, ou mesmo quando Santos diz sobre ecologia dos saberes, de fato o que se busca é um diálogo dos saberes – o empoderamento local por meio do saber. Neste trabalho, compreender todas essas alternativas ao modelo unívoco da modernidade tanto é essencial à tentativa de expandir os entendimentos acerca do mencionado campo teórico do turismo, bem como nos ajuda a compreender as características da atividade turística que favorecem a possibilidade do exercício de uma complexidade ambiental.

A fim de alcançar tais objetivos, no próximo capítulo a abordagem pautou-se no entendimento da construção teórica do turismo através do tempo bem como nos desdobramentos sobre as interconexões entre o campo teórico do turismo e a complexidade ambiental.

### 3 AS (IN)DEFINIÇÕES DO TURISMO

Ao analisar o turismo como atividade complexa, tanto em seu domínio teórico bem como em seu campo empírico, intencionamos desatar as amarras analíticas que simplificam a referida atividade em uma análise economicista. Ao fazê-lo, nossa intenção é demonstrar que por detrás dessa prática habitual contemporânea se envolve uma intrincada rede de inter-relacionamentos que podem convergir em uma possível complexidade ambiental.

Nesse sentido, em um primeiro momento neste capítulo, realizou-se um apanhado de várias conceituações sobre o turismo ao longo do tempo, na tentativa de apreender os entendimentos científicos produzidos sobre o tema.

Em seguida, trabalhou-se acerca da variabilidade conceitual, demonstrando pontos convergentes e divergentes na tentativa de estabelecer a complexa atuação do turismo.

Logo após, problematizou-se as possibilidades epistemológicas do turismo, ao mesmo tempo buscando-se as compreensões teóricas que sustentam a complexidade ambiental de Leff, explanadas no primeiro capítulo, no sentido de estabelecer no interior da teoria do turismo elementos que atuam como agentes aglutinadores de uma complexidade ambiental.

#### 3.1 Epistemologia do turismo

Os estudos acerca do turismo possuem um curto período histórico. Esse fato não reside no descuido de estudiosos acerca do tema, mas sobretudo na relativa novidade histórica da ocorrência dessa atividade como uma prática social. Foi sobretudo em meados do século XIX na Inglaterra que um crescente estilo de vida que coadunava acúmulo de tempo livre, capital e desenvolvimento de transportes proporcionou um movimento de pessoas em busca de fruição.

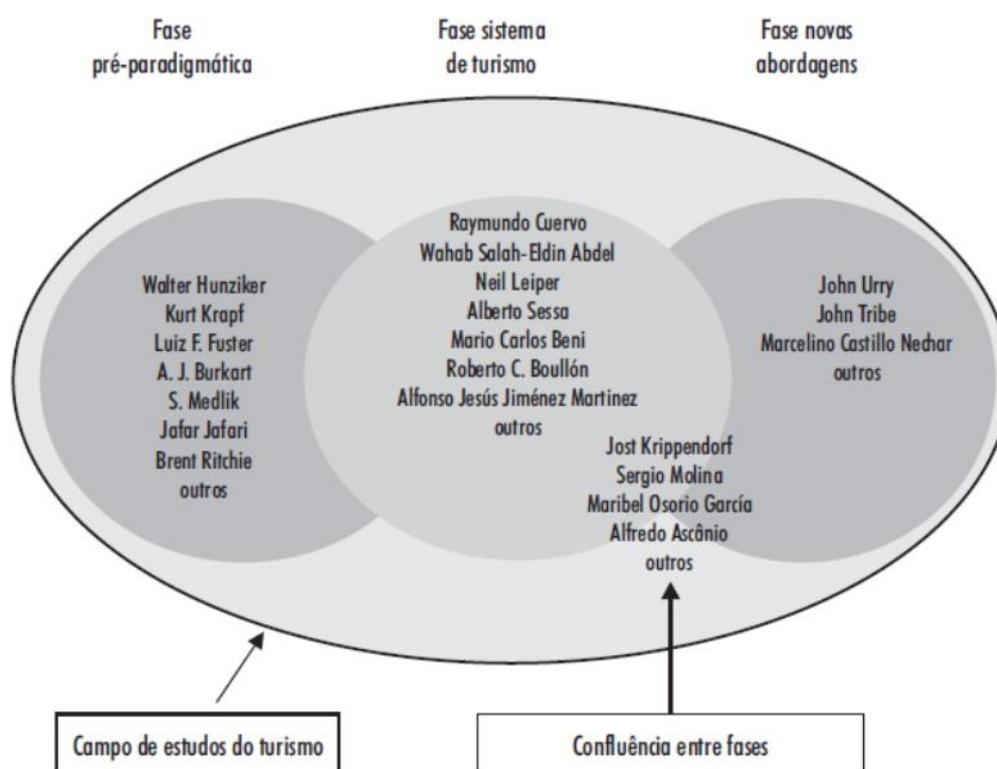
##### 3.1.1 O turismo como objeto científico – compreendendo-o por meio de fases

Nesta seção, várias definições sobre turismo serão exploradas, desde as primeiras noções ligadas ao início das análises sobre a atividade turística até as formulações mais complexas surgidas no acúmulo dos conhecimentos produzidos. Este exercício de resgate conceitual possibilitará perceber a

pluralidade dos desdobramentos teóricos sofridos pelo campo do turismo ao longo dos anos na tentativa de explicação desse fenômeno.

Para o fim apresentado no parágrafo anterior e como forma de estruturar didaticamente os conceitos a serem trabalhados neste tópico, dividiu-se esta análise em três momentos epistemológicos do turismo ou Fases Teóricas do Turismo, tal como proposto por Netto (2005 apud NETTO; TRIGO, 2009, p. 171). O autor tomou por base a teoria dos Paradigmas de Kuhn<sup>19</sup>, e delimitou as Fases Teóricas do Turismo nos grupos abaixo especificados (Figura 2):

Figura 2 - Fases Teóricas do Turismo



Fonte: Netto e Trigo (2009, p. 171).

1ª Fase – *Pré-paradigmática* – é uma fase teórica inicial, onde os autores lançaram uma primeira tentativa de uma análise teórica do turismo;

<sup>19</sup> “[...] uma constelação de realizações – concepções, valores, técnicas, etc. – compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos” (KUHN, 1997, p. 15).

2ª Fase – *Paradigma Sistema de Turismo* – formada por autores que utilizaram a Teoria Geral de Sistemas (TGS) para seus estudos na área do turismo.

*Área de Transição* – nesta fase, Netto (2005) nos informa sobre um grupo de autores que ainda se apoiam na TGS, mas que já ensaiam outros tipos de abordagem nos estudos do turismo.

3ª Fase – *Novas Abordagens* – são autores que centralizam suas atenções às ações humanas, no interior da atividade do turismo.

Importante ressaltar também que tal divisão, mostrada na Figura 2, apresenta certa ordem cronológica. Ressalta-se aqui a utilização da ideia de divisão feita pelo autor. Entretanto, tal esquema não é fator que limita nossa análise, à medida que autores não listados por Netto (2005) aparecerão em nossas abordagens.

De uma forma geral, quase um consenso entre pesquisadores é que grande parte das análises na área de estudos do turismo fornece relevância ao caráter econômico desta atividade (MOESCH, 2000). É possível entender tal característica de pesquisa, pois o campo mais aparente do turismo é aquele da flagrante dinamização econômica que essa atividade mobiliza. Conjuntamente, a massificação sempre crescente das viagens a partir da segunda metade do século XIX está vinculada, principalmente, à ampliação da economia mundial como um todo. Não se pode ignorar também o fato de que a reserva de recursos financeiros para o custeio dos deslocamentos humanos na atualidade é situação *sine qua non* para que o turismo ocorra. Todas essas questões colaboraram para que o turismo tivesse boa parte de suas análises voltadas para o aspecto econômico.

### 3.1.2 Os estudos iniciais e a fase pré-paradigmática do turismo

Quanto mais se recua no tempo para a análise dos conceitos em turismo, observa-se que a visão permeada pelo viés econômico é ainda mais marcante. De certa maneira é simples entender tal condição, pois o início da pesquisa científica de qualquer objeto consegue desvelar suas características mais aparentes. Além disso, alguns desses estudos tinham por obrigação ressaltar a viabilidade do turismo em relação às finanças.

No início do século XX, os primeiros estudiosos científicos do turismo se ocuparam mais da questão estatística, deste modo, suas primeiras análises eram relacionadas a quem é e quem não é turista, de onde vem o turista, quanto gasta em suas viagens e como esse gasto reflete no destino. Entende-se, assim, o motivo de as primeiras abordagens científicas de turismo e turista terem forte enfoque econômico. (NETTO, 2010, p. 22)

Por meio da análise dos conceitos cunhados pelos autores da Fase Pré-Paradigmática, foi possível verificar que Netto (2005) não cita em sua lista os autores dos estudos iniciais do turismo. Esses estudos iniciais possuem análises diversas, mas que não conseguem escapar do destaque à relevância econômica que o turismo alcança. Como podemos ressaltar, um dos primeiros conceitos cunhados que se conhece sobre turismo, destacado abaixo, aponta que o:

Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado. (SCHATTENFHOFEN, 1911 apud MOESCH, 2000, p. 10)

Ainda nessa fase bastante inicial de análise temos as definições dos estudiosos da denominada “escola berlinense”<sup>20</sup> (FUSTER, 1974, p. 24-28 apud BARRETTO, 2003, p. 09), dentre os quais destacamos Morgenroth:

Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do lugar fixo de residência para deter-se em outro local com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais. (BARRETTO, 2003, p. 10)

Josef Stradner destaca ainda que o turismo é um “tráfego de viajantes de luxo” e que esses viajantes “buscam a satisfação de uma necessidade de luxo” (BARRETO, 2003, p. 10). Já fora dos estudos da escola berlinense, o inglês A. J. Norwall (1936) trouxe o conceito de turista, que em sua visão é:

<sup>20</sup>No final dos anos 1920, ainda na Alemanha, criou-se o *Forchshung-sinstituts fur Fremdenverkehr* (Centro de Pesquisas Turísticas) na Universidade de Berlim, cuja produção teórica passou a ser conhecida como Escola Berlinense (REJOWSKI, 1996, p. 16).

[...] a pessoa que entra num país estrangeiro sem a intenção de fixar residência nele, ou de nele trabalhar regularmente, e que gasta, naquele país de residência temporária, o dinheiro que ganhou em outro lugar. (DE LA TORRE, 1992, p. 17 apud BARRETO, 2003, p. 11)

Nos primeiros conceitos acima, além do caráter de uma atividade que impulsiona a economia, vemos que há quase sempre uma referência aos deslocamentos que o turismo provoca, como nota-se no uso dos termos – *chegada e permanência, tráfego de pessoas, deter-se em outro lugar, entrar num país estrangeiro*. Pode-se eleger tal característica como de segunda importância nesses estudos incipientes do turismo, como nos diz Glucksmann, que o turismo é “um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local no qual não têm residência fixa”. Schwink, da mesma escola berlinense, destaca o turismo como “movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de residência [...]”.

Outro centro de estudos importante surgido à época, que também deu destaque aos deslocamentos nos estudos do turismo, foi a escola polonesa. Lesczyck trouxe que: “o movimento turístico é aquele [...] que durante um certo tempo residem num certo lugar, como estrangeiros [...]”.

Um aspecto importante, iniciado no período pré-Segunda Guerra, foi o aumento da percepção dos impactos nas localidades que recebiam turistas (SANTANA, 2009). Desde então, agregaram-se aos conceitos turísticos, além da propaganda movimentação econômica e dos deslocamentos, os olhares sobre as áreas de destino. Logo após essa etapa inicial das investigações em turismo, mas ainda no interior daquilo que Netto (2005) denomina Fase Pré-Paradigmática, viu-se crescer os estudos sobre turismo e conseqüentemente um aprofundamento das análises nessa área, como nos aponta Fuster (1971 apud MOESCH, 2000, p. 11): “[...] com a proliferação de monografias sobre a temática, depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma qualificação nas novas conceituações”. Assim, na Fase Pré-Paradigmática, por exemplo, encontramos a definição de Burkart e Medlik (1974, p. 39-40 apud BARRETO, 2003, p. 12) “[...] o turismo é uma amálgama de fenômenos e relações, fenômenos estes que surgem por causa do movimento de pessoas e sua permanência em vários destinos”. Também nessa fase Hunziker e Krapf:

Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária” (HUNZIKER; KRAPF, 1942 apud MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p. 11).

A introdução das localidades receptoras nas análises turísticas fez com que as conceituações, a partir de então, ganhassem um aspecto de inter-relacionamento entre pessoas, de fenômeno social, de encontro de culturas, enfim, um caráter sociológico é inserido nessas análises. Lundberg (1974, p. 25 apud BARRETO, 2003, p. 12) ressalta em seu conceito que o turismo possui “um grande componente econômico, mas suas implicações sociais são bem profundas”. Beni (1998, p. 36), ao citar Jafari, esclarece que as definições passam a ficar um tanto quanto mais holísticas e tentam captar o fenômeno como um todo

É o estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora. (JAFARI, 1996, p. 11 apud BENI, 1998, p. 38)

As conceituações intentam abordar toda a complexidade observável no turismo, como Fuster relata em extenso conceito:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes, que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes [...]. Turismo é o conjunto de organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda [...]. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (FUSTER, 1973, apud BARRETO, 2003, p. 11-12)

Quando agrupou-se os autores nessa primeira fase de análise, denominada por Netto (2005) de Pré-Paradigmática, condensou-se uma enorme quantidade de autores, distribuídos em longa faixa de tempo – do final do século XIX até meados da década de 1960 do século XX. Realmente não se nota um paradigma unívoco que rege todos os conceitos delineados, mas isso

não foi impeditivo para o empobrecimento do conceito de turismo, ao contrário, o que se notou foi o aumento da robustez do conceito de turismo ao longo do tempo, ao agregar à incontestável visão de impacto econômico que provoca as questões que envolvem o deslocamento de pessoas e os impactos sociais das localidades turísticas.

As áreas de estudos acadêmicos, incluído aí o turismo, incorporam ao longo do tempo as inovações ocorridas na ciência em geral e não somente em cada disciplina específica. A produção de novos métodos ou técnicas são bastante comuns em ciência e levam um objeto de pesquisa à experimentação contínua. Nessa perspectiva encontra-se a segunda Fase do Turismo de Netto (2005), a denominada Fase Sistema do Turismo (Figura 02).

### 3.1.3 A gênese de um alinhamento paradigmático: Sistemas

Ao almejar o entendimento sobre a Fase Sistema do Turismo, deve-se deixar claro que os conceitos e teorias ao fenômeno turístico gestados nessa fase são caudatárias de um paradigma que percorreu não somente a área de estudos do turismo, mas a ciência como um todo. Nesse sentido, foi importante elaborar um estudo introdutório, destacando a emergência científica do novo paradigma sistêmico, expresso principalmente na Teoria Geral dos Sistemas – TGS, para posteriormente nos concentrarmos sobre a Fase Sistema do Turismo.

Em uma visão científica micromerista, o ser vivo é um mosaico constituído da associação de partes estruturais definidas – órgãos, tecidos, células, genes (BRANCO, 2014,). Comparativamente, essas partes são estruturas que exercem funções específicas e, tal qual uma máquina em bom funcionamento, é resultado do bom funcionamento de suas engrenagens, ou seja, dessas partes estruturantes.

Em contraposição a esta visão, decorrente sobretudo das descobertas subatômicas em física, as descrições analíticas atomísticas “[...] de unidades elementares governadas pelas leis 'cegas' da natureza” (BERTALANFFY, 1977, p. 52) foram cedendo espaço a visões mais holísticas, integradoras. Houve a necessidade de

[...] estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo. (BERTALANFFY, 1977, p. 53)

Ou seja, estudos estruturalistas não satisfaziam mais a percepção científica a partir daquele momento. Tal situação abriu espaço para a formulação de teorias sistêmicas, dentre as quais destacamos aquela formulada por Bertalanffy (1977, p. 32) que diz que a teoria dos sistemas é uma

[...] tentativa de uma interpretação e uma teoria científica em assuntos nos quais anteriormente não existiam, e chegar a uma generalização mais alta do que a das ciências especiais.

A Teoria Geral dos Sistemas<sup>21</sup> proposta por Ludwig von Bertalanffy, segundo o próprio autor, “é uma ciência geral de ‘totalidade’” (BERTALANFFY, 1997 apud CAPRA, 1996, p. 43). Essa totalidade somente pode ser entendida no seu conjunto. Percebeu-se que entender as partes não possibilitava entender o todo:

O sistema, [...] implica organização (e não a mera coleção ou associação) de partes inter-relacionadas, de maneira a garantir o fluxo de energia. Portanto, não é apenas uma unidade estrutural, mas, antes de tudo, é funcional, e a função não pode dispensar o deslocamento, o fluxo energético. Finalmente, o sistema deve ser autorregulável, de forma que seja mantido um perfeito equilíbrio entre as partes, conservando constante o fluxo de energia. O sistema necessita, pois, uma fonte de energia externa, embora a energia possa ser acumulada, de alguma forma, dentro dele. O conjunto de elementos estruturais, perfeitamente inter-relacionados, garante o fluxo energético e um mecanismo regulador controla o funcionamento geral por meio de processos de retroação. (BRANCO, 2014, p. 104)

De fato, a TGS significou uma necessidade epistemológica e metodológica para explicar as descobertas mais recentes da ciência em seu tempo. Além disso, temas já estudados em outras perspectivas de abordagem

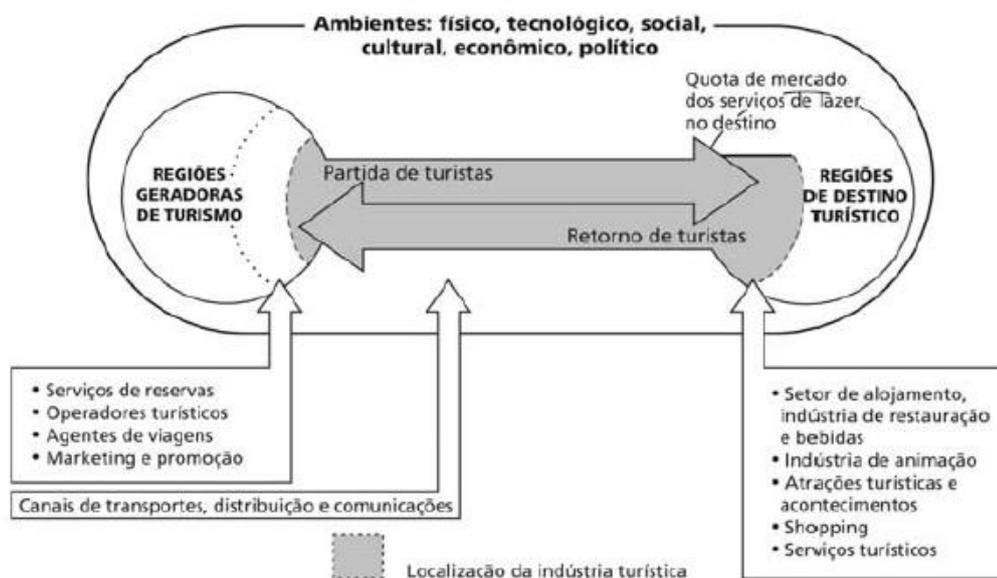
<sup>21</sup> As ideias de Bertalanffy foram publicadas em vários artigos e livros, mas o seu livro mais conhecido é Teoria geral dos sistemas, publicado nos Estados Unidos, em 1968, no qual ele apresentou a sua teoria para os sistemas abertos. Tais sistemas poderiam ser de qualquer natureza, e a sua teoria geral de sistemas pretendia ser interdisciplinar. (NETTO; LOHMANN, 2008, p. 27)

eram submetidos a reanálises sistêmicas. Foi nesse sentido, apoiados na Teoria Geral de Sistemas de Bertalanffy, que surgiram vários modelos de análises sistêmicas do turismo.

Segundo Netto e Lohmann (2008, p. 27), “a primeira análise do turismo utilizando a teoria geral de sistemas foi feita por Raymundo Cuervo (1967)”. Para Cuervo (1967, p. 29 apud NETTO; LOHMANN, 2008, p. 30) “o turismo é um conjunto bem definido de relações, serviços e instalações que se geram em virtude de certos deslocamentos humanos”. Segundo o mesmo autor, esse conjunto turístico é um “sistema” com uma função precípua de comunicação. Tal comunicação advinda do turismo pode adquirir tanto um papel positivo como negativo nas relações humanas, sendo de evidente incentivo, segundo o autor, a busca da comunicação positiva do sistema turístico (CUERVO, 1967 apud NETTO; LOHMANN, 2008).

Outro sistema turístico bastante difundido é o de Neil Leiper, conhecido por meio de sua publicação no periódico *Annals of Tourism Research*, em 1979. A proposta de Leiper abarca cinco elementos, sendo três de cunho geográfico – a região de origem dos viajantes; uma região de trânsito e a região de destino turístico (NETTO; LOHMANN, 2008). Os dois elementos restantes são os turistas e a indústria de turismo e de viagens (os meios de hospedagem, os restaurantes, atrativos turísticos etc.) (Figura 03).

Figura 3 - Modelo de sistema de turismo proposto por Leiper



Fonte: Netto e Lohman (2008, p. 34).

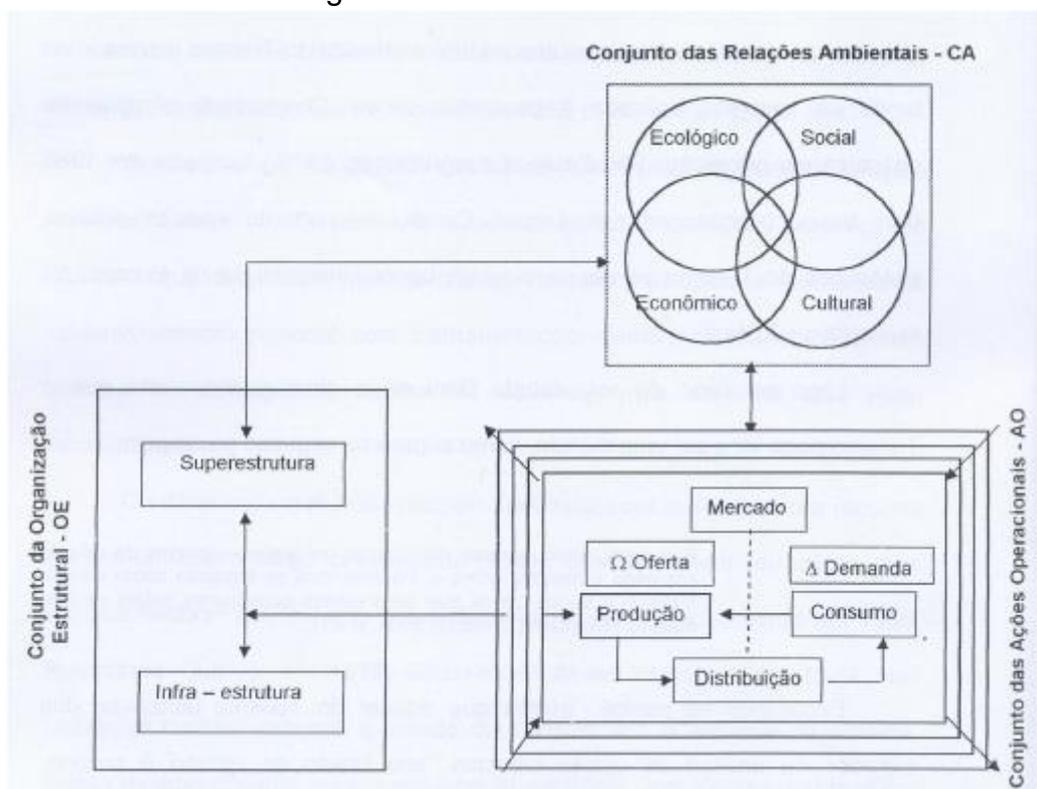
A novidade na proposta de Leiper está atrelada ao que ele denominou de “fatores ambientais externos” – físico, tecnológico, social, cultural, econômico e político (Figura 03). Segundo o autor, tais fatores não somente influenciavam a atividade do turismo, mas também sofriam influência dessa atividade (NETTO; LOHMANN, 2008, p. 33). Segundo Cooper (1998 apud NETTO; LOHMANN, 2008, p. 33) o sistema de Leiper não somente possui uma aplicabilidade geral, mas é também muito simples; características que impulsionaram a grande popularidade desse sistema, tornando-o frequente nas referências dos trabalhos sobre turismo.

Um brasileiro que se destacou no meio científico do turismo com o conceito SISTUR – Sistema de Turismo – é o professor Mário Carlos Beni, da Universidade de São Paulo – USP. Assim como em outras análises sistêmicas do turismo, Beni estava interessado em “explicar aos alunos as relações existentes entre o turismo e as outras disciplinas e atividades humanas” (NETTO; LOHMANN, 2008, p. 50). Esta afirmação coincide com a de Leiper (1979, p. 395) quando este encerra o turismo no interior de um sistema que demarcaria mais facilmente este fazer humano como uma atividade multidisciplinar:

Tal abordagem poderia facilitar os estudos multidisciplinares de aspectos particulares do turismo e de forma mais significativa daria estudos interdisciplinares de várias facetas e perspectivas de um ponto de referência comum; a divisão entre os dois campos do conhecimento acadêmico poderia ser superada. (LEIPER, 1979, p.395, tradução nossa)<sup>22</sup>.

O professor Beni reuniu em seu modelo um tripé básico que sustenta a atividade turística, no qual denominou conjunto. Os três conjuntos são: Conjunto de Relações Ambientais – RA; Conjunto da Organização Estrutural – OE; e conjunto das ações operacionais – AO (Figura 04).

Figura 4 - Modelo SISTUR de Beni



Fonte: Netto e Lohman (2008, p. 51).

O Conjunto de Relações Ambientais é composto pelos subsistemas cultural, social, ambiental e econômico. O Conjunto da Organização Estrutural está dividido nos subsistemas superestrutura e infraestrutura. Já no Conjunto das Ações Operacionais “encontra-se a dinâmica do sistema de turismo”

<sup>22</sup> Such an approach would facilitate multidisciplinary studies of particular aspects of tourism and more significantly would give interdisciplinary studies of various facets and perspectives a common point of reference; the division between the two camps of academic scholarship could be bridged.

(NETTO; LOHMANN, 2008, p. 52), tomam parte dele os subsistemas oferta, mercado, demanda, produção, distribuição e consumo.

Em 1985, Roberto C. Boullón publicou no livro *Planificación del espacio turístico* sua teoria do espaço turístico. Boullón afirma

[...] que o turismo não é uma ciência nem uma indústria, com ou sem chaminés [...] o turismo é consequência de um fenômeno social cujo ponto de partida é a existência do tempo livre e o desenvolvimento dos sistemas de transporte. (BOULLÓN, 2002, p. 37)

Ao conceituar o turismo como um “movimento espontâneo” (BOULLÓN, 2002, p. 37) sob o qual se agregam estruturas particulares e públicas dos viajantes, Boullón marca a importância de sua definição ao espaço que se forma em torno dos atrativos turísticos. “[...] o espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo” (BOULLÓN, 2001, p. 65 apud NETTO; LOHMANN, 2008, p. 56).

O sistema turístico de Boullón então se baseia no espaço turístico que coaduna os atrativos turísticos, que ele denomina “[...] elemento do patrimônio turístico”, em consonância com “[...] o empreendimento e a infraestrutura turísticas [...]” (BOULLÓN, 2001, p. 65 apud NETTO; LOHMANN, 2008, p. 56).

A análise pelo método sistêmico trouxe reflexões importantes aos estudos na área do turismo. Como diz Burns (2002, p. 46),

Ele salienta a interligação entre uma parte e outra do sistema, incentivando o pensamento multidisciplinar que, dadas as complexidades do turismo, é essencial para um entendimento mais profundo.

Esta relevância reflete-se no uso de tais “autores sistêmicos” em centenas de trabalhos acadêmicos e nas propostas governamentais sobre a atividade turística. Apesar do alcance expandido sobre a compreensão do turismo, com importante ampliação do panorama de abrangência da atividade, tal como a aquisição de importância do ambiente influenciando o turismo, como nos trouxe Leiper e Beni, o paradigma sistêmico mostrou suas limitações. Segundo Moesch (2004 apud NOSCHANG, 2014, p. 53) há um limite epistemológico nas análises sistêmicas, em que o método se sobrepôs ao

objeto, o que demonstrou ainda um descuido epistemológico que não conseguiu romper com a compartimentação analítica dos estudos em turismo.

Apesar de considerar a Fase Sistêmica do Turismo como a que melhor explica a dinâmica do turismo, Netto (2005), que formulou a divisão epistemológica do turismo em fases, concorda com as limitações explicativas desses conceitos e expõe que ela ainda “contém elementos que dificultam a compreensão” (NETTO, 2005, p. 170) do turismo.

Como a atividade do turismo continuou crescendo desde o final da Segunda Guerra Mundial, os estudos sobre o turismo continuaram. Vários autores trouxeram análises sobre o turismo que extrapolaram o paradigma sistêmico. Desse modo, vemos em Netto (2005) a subdivisão de uma última fase: uma de transição, que ainda lança mão dos estudos da TGS no turismo, mas que já projetam um novo olhar sobre o turismo, e outra fase denominada “novas abordagens”.

#### 3.1.4 A transição e as novas fases de abordagem do turismo

Nesta fase, os estudos turísticos apresentam características de uma análise que permeia a TGS, embora essas análises carreguem consigo características que extrapolam a visão puramente sistêmica. O antropólogo Santana (2009) lança mão da análise do turismo pela via sistêmica, entendendo que esta atividade possui três subsistemas, quais sejam, Estático (estrutura empresarial, características do turista/turismo, características do destino, encontros); Dinâmico (demanda, operadores de turismo, formas de turismo); e Consequencial (efeitos e controles e correções). O autor entende que o sistema turístico está no interior do sistema global, que o influencia e por ele é influenciado.

O referido autor entende que a análise do turismo pela via do sistema aberto só deixa uma opção em se considerar o turismo, que é aquele de atividade:

[...] uma atividade complexa que envolve o deslocamento de pessoas para fora de seu lugar de residência habitual, com o intuito de realizar atividades que satisfaçam seus desejos de lazer. (SANTANA, 2009, p. 55)

A década de 1980 foi o “período em que os estudiosos vanguardistas do turismo iniciaram uma revisão dos valores e paradigmas sociais das viagens”. É nesse bojo de mudanças que o economista suíço Jost Krippendorf (1997) formula estudos acerca da atividade turística. Em 1984, esse autor lançou sua obra, que viria a ser bastante reconhecida na área do turismo – o livro *Sociologia do Turismo*, em que a principal questão levantada foi “o que significa e representa esse momento de evasão do cotidiano para o anticotidiano?” (NETTO; LOHMANN, 2008, p. 37). Nas palavras do próprio Krippendorf, os turistas viajam

[...] porque não se sentem mais a vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia-a-dia do trabalho, da moradia e do lazer [...]. Sentem no seu âmago a monotonia do cotidiano, a fria racionalidade das fábricas, dos escritórios, dos imóveis residenciais e da infraestrutura rodoviária, assim como o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos, a degradação da natureza e a perda da naturalidade. [...] Para encontrarmos uma compensação para tudo o que nos falta no cotidiano, para tudo o que desapareceu, viajamos [...]. (KRIPPENDORF, 2001, p. 15)

Para Krippendorf (2001), o turismo, ou alguns tipos dele, carregam consigo essa marca psicológica, do contraditório, de lugar de contraposição à sociedade do trabalho. Seu livro carrega uma dura crítica ao turismo, mas isso não significa que ele abominava tal prática, mas sim indica que ele possui consciência dos alcances e limitações da área turística. Segundo Jafari (2003), Krippendorf se encaixa na Plataforma de Advertência do Turismo<sup>23</sup>, período conhecido pela gama de autores para os quais as formas de turismo podiam ser escolhidas, pois os seus aspectos bons e ruins já haviam sido ressaltados em décadas anteriores.

Netto considera Krippendorf o autor de transição típico, pois apesar de formulações teóricas que caminham em direção a uma análise sociológica do

<sup>23</sup> Jafar Jafari possui importante estudo sobre a história das conceituações em turismo, dividindo este campo de estudos em cinco plataformas, quais sejam: 1 – Plataforma de Defesa; 2 – Plataforma de Advertência; 3 – Plataforma de Adaptação; 4 – Plataforma de Conhecimento e Plataforma Pública.

turismo, o autor lança mão também de uma análise sistêmica, como se pode ver na Figura 5.

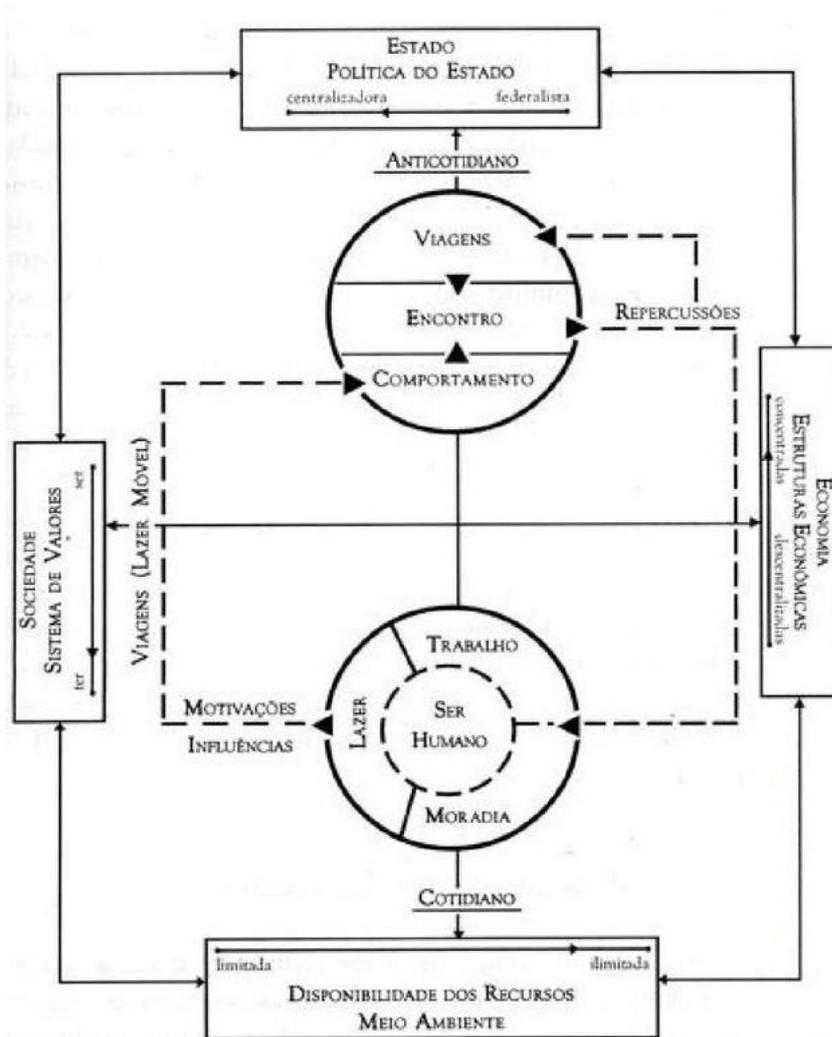
Para Molina e Rodriguez (2001), que, apesar de ancorarem seus conceitos em uma visão sistêmica do turismo, tais autores abrem novas perspectivas de abordagem. Consegue-se ver isso quando relacionam o turismo como um elemento cultural nos dias de hoje:

[...] o turismo atual deve ser considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. [...] Num sentido mais restrito, o turismo é resultado de uma cultura universal, mas também transcende as culturas locais nas quais se manifesta. (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p. 09-10)

A terceira fase teórica do turismo, denominada por Netto (2005, p. 170) de Novas Abordagens, “[...] diferencia-se das duas primeiras porque propõe análises diferentes e inovadoras do turismo”. Seja porque nesta fase os autores reinterpretam a Teoria Geral de Sistemas na abordagem do turismo na tentativa de superar o Paradigma Sistema de Turismo, ou na tentativa de sobrepujar o homem nas discussões acerca do turismo (NETTO, 2005).

Nessa perspectiva, temos também John Urry e seu reconhecido livro na área dos estudos de lazer – *O olhar do turista*. Ao cunhar essa expressão, Urry (1996) nos lança a ideia de que o turismo dissemina um “olhar” sobre as localidades, que são como expectativas as quais os lugares turísticos devem satisfazer. Nesse sentido, Urry ainda coaduna com Krippendorf a ideia do turismo como algo que gera “expectativa de novas e diferentes experiências, que divergem daquelas normalmente encontradas na vida cotidiana.” (URRY, 1996, p. 30). Por isso mesmo concorda com MacCannell quando este diz que “[...] cada centro de atração envolve processos complexos de produção, de tal modo que olhares do turista, regulares, significativos e proveitosos, possam ser gerados e mantidos.” (MACCANNELL apud URRY, p. 26).

Figura 5 - Modelo existencial na sociedade industrial



Fonte: Krippendorff (2001, p. 23).

Este autor ainda destaca que o olhar do turista no mundo atual é permeado pela “diversão, o prazer e a imitação.” (URRY, 1996, p. 32). Por isso concorda com Harvey (1967, apud URRY, 1996, p. 61) quando este diz que “cada cidade precisa aparecer como um lugar inovador, excitante, criativo e seguro onde se possa viver, divertir-se e consumir”. Segundo Urry (1996), o olhar do turista busca a espetacularização da vida. A abordagem de Urry sobre o turismo aponta para um componente psicológico e cultural nos quais as viagens procuram preencher.

Como já dito, as Novas Abordagens do turismo extrapolam a visão sistêmica do mesmo, apesar de tais conceitos apontarem para uma perspectiva bastante holística do turismo, tentando preencher as lacunas pelas quais

possivelmente um ou outro conceito anterior deixou de abordar. Moesch (2000) consegue traduzir tal reflexão, nos dizendo que o turismo

[...] é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico. (MOESCH, 2000, p. 09)

O próprio Netto (2010), ao arriscar uma definição de turismo, busca abarcar a situação em sua complexidade, e tenta não deixar de fora nenhum aspecto sob o qual a atividade turística perpassa:

Definir o turismo, como demonstrado, é algo complexo. Cada autor pode criar a sua definição. O mais importante, portanto, é ter uma visão geral que compreende o turismo como o fenômeno de saída e retorno do ser humano do seu lugar habitual de residência, por motivos revelados ou ocultos, que pressupõe hospitalidade, encontro e comunicação com outras pessoas e utilização de tecnologia, entre inúmeras outras condições, o que vai gerar experiências variadas e impactos diversos. (NETTO, 2010, p. 33).

A miríade de conceituações no segmento das novas abordagens é intensa. Há ainda aquelas que exploram os aspectos do turismo, vinculando-o às atividades de reprodução do capital. Nesse sentido, Carlos (2007) sustenta que os locais turísticos se transformam em simulacros à medida que precisam se metamorfosear para receberem o turista. Nesse movimento, a autora diz que o lugar turístico perde a sua identidade com o local e se deixa encenar como um espetáculo. Segundo Carlos (2007), este movimento de turistificação é um movimento de mercantilização do espaço que transforma o lugar em lugar de não-identidade: transforma-o em um não-lugar.

Ouriques (2005, p. 20) verticaliza ainda mais a análise do turismo como produto mercantilizado ao dizer que o turismo é “[...] uma criação e uma possibilidade do capitalismo”. Lançando mão de conceitos da crítica marxista, o referido autor diz que o turismo é uma forma de fetiche:

As paisagens naturais e socialmente constituídas tornam-se objetos de consumo turístico, como se isso fosse uma característica a elas inerente. Dessa forma, por meio da valorização de lugares onde os atributos paisagísticos delicias os sentidos humanos, é produzido o fetichismo espacial. (OURIQUES, 2005, p. 20)

Nesta seção foi possível delinear a construção dos conceitos acerca do turismo ao longo de seu estudo como objeto científico. A partir dessa miríade de formulações teóricas sobre turismo centra-se o ponto de partida da próxima etapa de nossa análise: agregar os conceitos para estabelecer seus pontos de congruência e incongruência e revelar, a partir disso, a complexa trama do saber-fazer turístico.

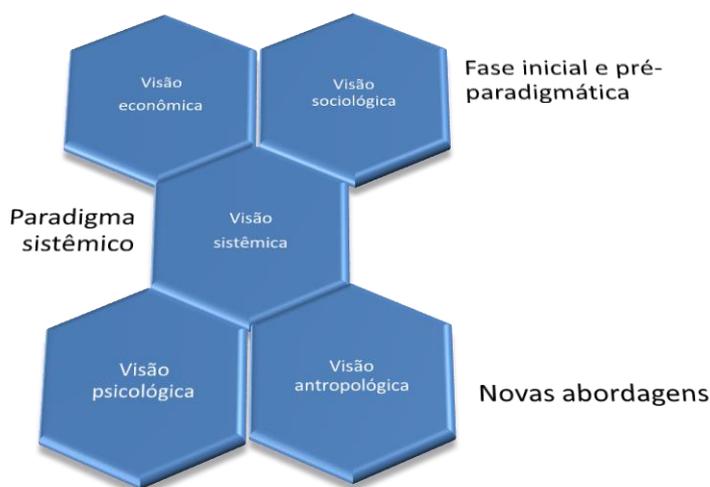
### 3.2 Agregando os conceitos

Se por um lado as abordagens acima trazem conceitos diversos e que buscam captar o fazer turístico de seu tempo, por outro grande parte delas carece de um grau de generalização que permita captar as nuances principais da atividade turística como um todo. Não se pode dizer que algum dos conceitos acima esteja errado, que transmita algo que o turismo não é. Ao contrário, elementos presentes no turismo foram descritos em todos os conceitos apresentados, mas definir, de certo modo, é escolher o que a definição é ou representa e aquilo que ela não é ou aquilo que deixou de fora ao definir.

Essa variabilidade de conceituação, detectada pela maioria dos estudiosos do tema, mencionados no item anterior, deixa claro ao menos uma característica do turismo: sua complexidade. Por isso estudar os conceitos separadamente, sem estabelecer interconexões entre cada um, pode gerar confusão ao pesquisador. Entretanto, quando se busca agregar os pontos convergentes dos conceitos, pode-se alcançar um resultado satisfatório na busca de compreender a complexidade de um fenômeno.

Nesse sentido, confeccionamos a figura abaixo, com base nos conceitos relatados, na tentativa de perceber nas teorias estudadas aqueles aspectos pelos quais o turismo foi compreendido.

Figura 6 - Conjunto de percepções dos estudos do turismo



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

A figura de formas hexagonais compõe os entendimentos do turismo, erigidos ao longo do tempo e descritos no subcapítulo anterior a este. A escolha da imagem acima intenta refletir a construção de um “malha de conceitos” que formam o “tecido do turismo”. Como em um tecido, pequenas partes se sobrepõem umas às outras para a formação do todo. Por vezes, tais conceitos abordam aquilo que já fora abordado anteriormente, mas que podem agregar novidades, ou seja, uma nova percepção sobre o turismo.

No primeiro conjunto de hexagonais, na fase inicial e pré-paradigmática do turismo, encontramos a formação de duas visões do turismo – uma primeira, mais flagrante, é a que tange o aspecto econômico. Nos conceitos iniciais vimos também que há uma preocupação em se destacar o movimento característico do turismo, o de não permanência definitiva no local visitado. Tais análises preocupam-se em entender a atividade turística por meio de um processo descritivo das viagens.

Em um momento após a fase inicial das análises do turismo, quando há o aumento do número de turistas no mundo, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, há também uma crescente percepção acerca do que esta atividade pode provocar. O início da massificação do turismo leva alguns autores a refletirem sobre a atividade e seus entendimentos ultrapassam a

análise descritiva e disciplinar que prevaleciam na época. Ocorreu um crescente exame voltado aos aspectos sociológicos do turismo, ao notar-se que termos como *fenômenos*, *relações*, *impactos* começam a surgir com mais frequência nesse campo de estudos. Os autores desse tempo uniram as visões sociológicas e econômicas dos estudos iniciais do turismo e construíram conceitos mais abrangentes, holísticos e próximos da realidade (NETTO, 2010, p. 26-27).

À medida que a prática do turismo foi se tornando mais intensa e mais heterogênea, houve a necessidade de definições mais abrangentes. Somou-se a isso o fato de o paradigma disciplinar na ciência começar a sofrer seus primeiros grandes abalos, respondendo as numerosas crises<sup>24</sup> que se avizinhavam. Novos métodos e teorias surgiam na tentativa de captar a perda da aparente estabilidade, dentre as quais, para a importância desta pesquisa, podemos citar a Teoria Geral dos Sistemas.

A TGS forneceu ao turismo um aumento do escopo de análise, principalmente no que tange aos aspectos de impactos que esta atividade envolve. Leiper (1979), por exemplo, disse que os “fatores ambientais externos” – físico, tecnológico, social, cultural, econômico e político, impactavam diretamente o turismo, bem como o turismo os impactava. Beni (1998) estabeleceu um Conjunto de Relações Ambientais – Econômico, Cultural, Ecológico e Social – tal qual Leiper visava destacar essa dupla afetação entre turismo e esse conjunto de relações.

A importância das análises sistêmicas caminhou na direção já dita – perceber a importância de fatores que antes eram descuidados na análise da atividade do turismo. Pode-se dizer que os fatores culturais e ecológicos foram as grandes novidades nessas análises.

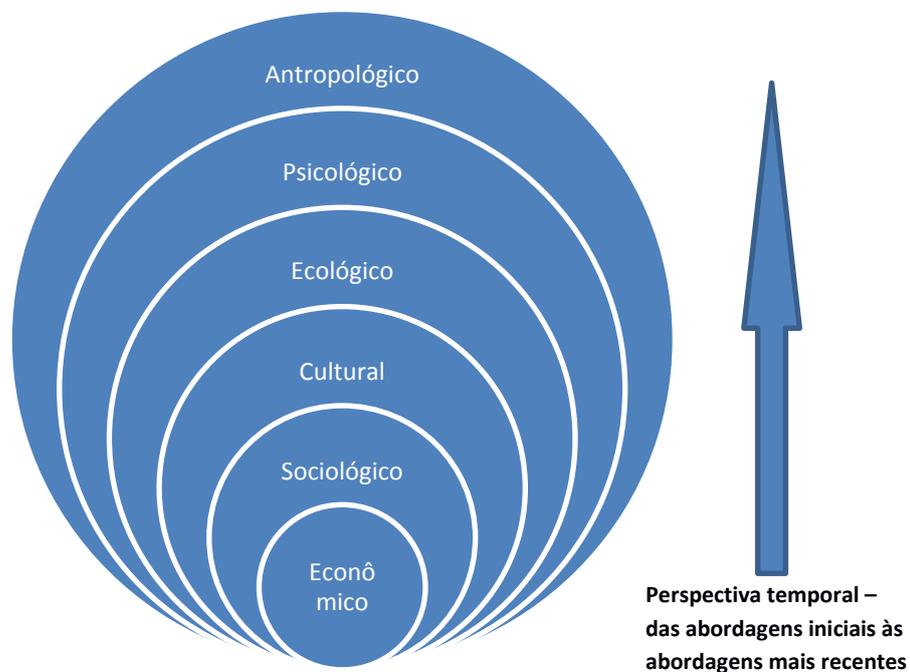
Após esse período, as Novas Abordagens surgidas procuraram, por um lado, acrescentar fatores de análise à TGS e por outro colocar o homem de volta no centro das questões turísticas (NETTO, 2005). Tal característica fica evidente a partir dos textos de Urry (1996) quando ele examina o turismo pelo

<sup>24</sup> A crise ambiental passou a frequentar as agendas internacionais em meados da década de 1960. Em 1972 ocorreu a primeira conferência das Nações Unidas sobre o tema; As crises sociais, políticas e econômicas das décadas de 1960 e 1970 ocorridas no mundo (Maio de 68, Primavera de Praga, Crise do Petróleo), de uma forma geral, foram momentos de contestação e reflexão do fazer humano.

“olhar do turista”; ou quando examina-se os estudos voltados ao materialismo histórico que localizam no turismo um “fetiche” produzido pelo capitalismo. Tais questões contemplam visões econômicas e sociológicas do turismo, mas também contêm aspectos voltados às questões psicológicas e antropológicas, intrínsecas ao fazer humano e que perpassam o turismo.

De forma esquemática abaixo (Figura 7) conclui-se sobre a indissociabilidade dos campos disciplinares nos estudos, bem como na prática turística. Como será demonstrado ao longo deste capítulo, ao persistir em um paradigma disciplinar de explicação, poderá se incorrer no risco de uma interpretação simplificada do fenômeno turístico.

Figura 7 - Indissociabilidade dos campos disciplinares nos estudos turísticos



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

A característica apontada na figura acima, resultante da evidente complexidade turística, permite que essa atividade alcance uma categoria menos monolítica (disciplinar) de compreensão científica em comparação a alguns outros campos do conhecimento. Permite também que sua prática e em consequência seus estudos sejam indissociáveis de vários outros campos – social, cultural, ambiental, econômico. Esse tipo de atração interdisciplinar exercida pelo turismo, que causa estranhamento ao paradigma disciplinar,

repercute como uma vantagem tanto epistemológica, pois conduz a novos questionamentos e entendimentos sobre ciência, quanto prática, pois consegue agir como um campo de força gravitacional sobre os campos delineados acima.

### 3.3 As (in)definições do turismo e as possibilidades indisciplinadas

Tem sido um intrincado exercício definir turismo ao longo dos dois séculos aproximados de sua estudada existência. O turismo é uma atividade econômica? Ou seria um fenômeno social? É um conjunto de sistemas? Vários autores encontram diferentes propósitos onde encaixar teoricamente a atividade turística: alguns se debruçam para comprová-lo como sendo uma atividade meramente econômica, outros preferem vê-lo como uma situação cultural de nosso tempo. Mas fato é que esses aspectos de diversidade conceitual demarcam o turismo como um sistema de difícil definição. Sobre isso Burns (2002) nos diz que:

É difícil, e talvez até mesmo enganoso, fazer generalizações sobre turismo e turistas. Não possuímos uma definição consensual para o turismo, em parte devido à complexidade da atividade turística e, em parte, porque diferentes interesses estão envolvidos com aspectos diversos da atividade turística. (BURNS, 2002, p. 42)

Dentre os campos de estudos das ciências sociais, o turismo está entre aqueles que apresentam maior diversidade entre seus conceitos básicos. As generalizações conceituais que homogenizam e conferem identidade disciplinar a um campo do conhecimento, no turismo são de imprecisa delimitação. Assim como nos diz Siqueira (2005, p. 77):

[...] o turismo e a hospitalidade são os exemplos mais expressivos da confusão que reina sobre os conceitos (na verdade, ainda categorias ou conceitos com pequeno poder de generalização) que vem sendo utilizados.

Tal característica em parte reflete o caráter de novidade histórica de seu surgimento, daquilo que a literatura na área considera como prática turística – menos de dois séculos – e mais ainda a novíssima integração dessa prática a uma análise de estudos acadêmicos. Esse caráter hodierno histórico do turismo, que colabora em suas imprecisões teóricas, entretanto, não as

definem. Isso se confirma quando comparamos o turismo com outras áreas do conhecimento<sup>25</sup> tão novas quanto ela, mas de delimitações teóricas mais precisas. Claro que se deve lembrar que algumas áreas possuem maior aporte financeiro e prestígio social em seu benefício que as ajudam a se desenvolverem no campo teórico-prático. Entretanto, tal característica apenas reforça a visão que estas estão em maior sintonia ao paradigma disciplinar dominante, ao contrário do turismo:

O turismo e a hospitalidade tendem, inclusive, a ser menosprezados ou desprezados no espaço acadêmico justamente pela carência de um corpo teórico-metodológico próprio. Essa carência, contudo, pode ser lida e vivenciada como um privilégio. Isto porque, trazendo a luz a produção do conhecimento, impõem-se como objetos que não podem se reduzir ao disciplinar. (SIQUEIRA, 2005, p. 121-122)

A indisciplina do turismo, como escreveu Tribe (1997), ao relatar o seu exame sobre a impossibilidade do turismo constituir-se em uma disciplina, poderia soar como demérito para alguns pesquisadores. Em nosso caso, preferimos discordar. Para isso vamos entender o que propõe Tribe.

Tribe (1997) relata em seu texto que o turismo nunca irá se constituir em uma disciplina, apesar de aderir ao entendimento de que ele compõe um campo interdisciplinar do conhecimento. Tribe (1997) considerou o turismo como sendo formado por dois campos de estudos: o campo 1 (um) seria aquele ligado aos aspectos comerciais do turismo e o campo 2 (dois) estaria ligado aos aspectos não comerciais. O campo de estudos do turismo seria a soma desses dois campos – 1 e 2 – como na Figura 8 abaixo.

No círculo externo estão as disciplinas que estudam o turismo. Mais ao meio estão as legendas referentes a esses dois campos do turismo: Estudos dos negócios turísticos e estudos dos não negócios turísticos. Segundo Tribe (1997), há um espaço de “refinamento” dos conceitos e teorias de turismo que se encontram no círculo que contorna os campos turísticos, denominado “banda k”.

É aí que o conhecimento do turismo é criado. Ela representa a interface das disciplinas com os campos do turismo. Segundo o

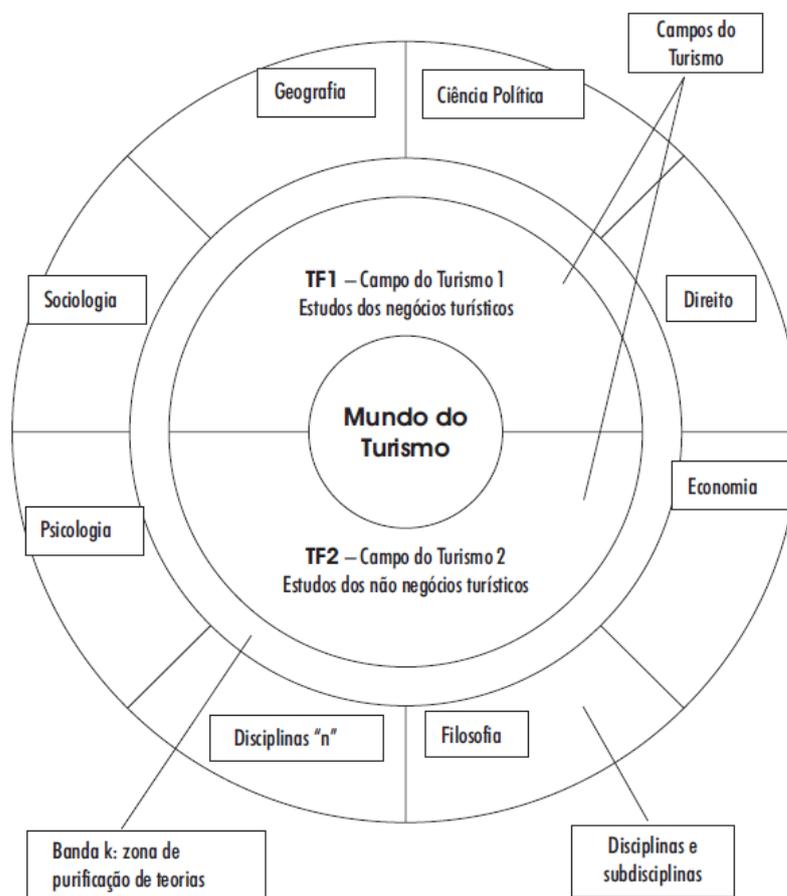
<sup>25</sup> A administração é um caso que se encaixa no exemplo citado.

autor, quando a economia entra em contato com o turismo, nasce o estudo do efeito multiplicador do turismo, por exemplo. Portanto, a banda k representaria o local da atividade multidisciplinar e interdisciplinar. (TRIBE, 1997 apud NETTO, 2005, p. 166)

Tribe, ao montar seu diagrama, queria demonstrar também que:

[...] enquanto sociologia, economia e psicologia representam disciplinas, parques e recreação, educação, hotelaria e agricultura, não. Parques e recreação, transporte e educação, no momento, representam alguma coisa a ser estudada, e não um modo de estudo. Por isso elas pertencem ao círculo central. (TRIBE, 1997, p. 649 apud NETTO, 2005, p. 167)

Figura 8 - Criação do conhecimento em turismo de Tribe



Fonte: Netto (2005, p. 166).

Desse modo, Tribe (1997) encerra seu estudo dizendo que o turismo nunca vai se constituir em uma ciência e muito menos em disciplina.

Nesse sentido, a proposição aqui é analisar a “falha disciplinar” do turismo não como ponto de demérito científico, mas sim como possibilidade interdisciplinar, tão caro a um primeiro passo rumo à complexidade ambiental.

A crise ambiental e a crise do saber surgem como a acumulação de “externalidades” do desenvolvimento do conhecimento e do crescimento econômico. Surgem como todo um campo do real negado e do saber desconhecido pela modernidade, reclamando a “internalização” de uma “dimensão ambiental” através de um “método interdisciplinar”, capaz de reintegrar o conhecimento para apreender a realidade complexa. (LEFF, 2000, p. 19)

Vimos que a crise ambiental é o reflexo da condição de externalidade científica reservada ao meio ambiente, local de exclusão ao qual o turismo também é relegado. É a partir das impossibilidades científicas reservadas a esses dois campos que se pode ocorrer a convergência rumo a uma complexidade ambiental – “[...] compreender o turismo e a hospitalidade passa pela necessidade de se compreender a condição humana, em toda sua complexidade” (SIQUEIRA, 2005, p. 124).

A busca por novas alternativas frente a crise, ou transformação, do paradigma hegemônico (mecanicista, fragmentário e disciplinar) se visibiliza de maneira mais evidente nas chamadas novas áreas do conhecimento, que surgiram como indicadoras dessa crise, como é o caso do turismo, da hospitalidade, do desenvolvimento sustentável, da ecologia. (SIQUEIRA, 2005, p. 129)

Tomar parte em um campo não disciplinar, tal como se verifica com o meio ambiente e o turismo, aparece como extrema vantagem em nossa análise, pois quando esses estudos não conseguem encontrar explicação condizente no interior do paradigma disciplinar, naturalmente se tornam pontos problemáticos frente à racionalidade científica. Desse modo, tais problemas se tornam instigadores e podem colocar o turismo, por exemplo, como alternativa às alternativas científicas. Nesse processo, o turismo se forma como uma epistemologia e uma prática distinta, que comunica com os princípios de uma complexidade ambiental.

## **4 O TURISMO E AS (IM)POSSIBILIDADES DE UMA COMPLEXIDADE AMBIENTAL**

### **4.1 Construção metodológica da pesquisa**

Neste segmento do trabalho procurou-se desenvolver o processo de construção metodológica da pesquisa. Aqui serão encontrados não somente a descrição dos métodos e técnicas utilizados para a coleta de dados, mas também o sentido pelo qual foram escolhidos para esta pesquisa. Para tanto, é impossível desvincular-se do objetivo central da pesquisa. Desse modo, este segmento inicia-se com a recapitulação desse objetivo para, a partir dele, traçar a construção metodológica modulada em sintonia com o mesmo.

O objetivo central desta pesquisa é entender a capacidade da atividade turística se apresentar como um fenômeno que possibilita a aglutinação de fatores que caminhem em direção a uma complexidade ambiental. A complexidade ambiental é um conceito que remete a uma prática que busca mitigar a crise ambiental de nosso tempo por intermédio principal de um mecanismo denominado diálogo dos saberes. O diálogo dos saberes pressupõe um intercâmbio de práticas, informações e costumes entre diferentes níveis de conhecimento, baseados em diferentes racionalidades para fins de sustentabilidade da vida na Terra. Pois bem, pela construção conceitual sobre o turismo levantada no Capítulo 02, conseguiu-se delinear a singularidade teórica dessa atividade e, conseqüentemente, abriu-se a possibilidade de descortinar em sua prática um campo propício à complexidade ambiental.

Assim sendo, para fins do desenvolvimento do segmento empírico desta pesquisa, buscou-se subdividir alguns aspectos presentes na atividade do turismo, a fim de compreender sua complexa prática e, desse modo, explicitar como tal atividade pode agir como lócus de uma possível complexidade ambiental. Os temas eleitos da referida pesquisa empírica partiram de uma dupla apuração: 1 – no capítulo anterior foi visto que, nas tentativas de descrição teórica da complexa atividade do turismo, os pesquisadores lançaram mão das mais diversas áreas do conhecimento, que perpassam as áreas que vão desde o interesse econômico (como marketing, administração,

economia), passando pelos estudos da área social (sociologia, antropologia, psicologia) e chegando a áreas mais “duras” das ciências (geografia, ecologia). 2 – Tais áreas de abordagem são recorrentes nas análises científicas das atividades turísticas, mas principalmente naquelas que versam sobre uma pretensa prática menos impactante, o denominado turismo sustentável<sup>26</sup>. Nesse sentido, apenas será possível alçar o turismo a um campo propício de complexidade ambiental, ao deslindar as variadas áreas de análise de sua complexa prática, aproximando-as às dimensões de um turismo sustentável. Coaduna-se com essas dimensões sustentáveis a peculiaridade empírica do turismo em reunir diferentes sociabilidades, em intrínseco relacionamento com os ambientes naturais e culturais humanos, conseguindo, ainda, gerar valores econômicos.

Nesta pesquisa, faz-se um estudo de caso de uma localidade reconhecidamente turística – a cidade de Pirenópolis-GO –, destacando os três grandes grupos acima, dividindo a coleta e análise de dados em aspectos econômicos, socioculturais e ambientais. Essa divisão permitiu também maior acuidade das ferramentas de coleta de dados, ao captar com maior abrangência a atividade do turismo, pois se viu que tanto o objeto de estudo, o turismo, quanto à teoria da complexidade ambiental partem de uma perspectiva interdisciplinar do conhecimento.

Há uma deliberada intenção nesta pesquisa em apresentar as características do turismo na ordem citada – econômica, ambiental e sociocultural. Partimos de como a sociedade projeta seus interesses sobre os fenômenos na atualidade, não diferentemente como ocorre no turismo, onde sua prática e, por conseguinte, sua análise partem de uma premissa com importância sobrepujada ao fator econômico. Ao final do estudo a intenção é mostrar que, mesmo a partir dessa premissa desigual, é possível, a partir do turismo, se pensar de maneira diferente. Ao falar inicialmente do aspecto econômico, tentou-se mostrar como uma complexidade ambiental, de certa maneira utópica, apartada da racionalidade vigente (racionalidade econômica), traria uma enorme dificuldade em se colocar como alternativa. Além disso, ao

<sup>26</sup> Reflexões acerca da sustentabilidade e turismo e suas dimensões podem ser encontradas em: HARRIS e LEIPER (1995) e OMT (2003, p. 24).

examinar que a racionalidade econômica é dominante, entende-se que se deve partir desse ponto a outro, ou seja, de uma racionalidade econômica rumo a uma racionalidade ambiental. Apresentar o turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico é (re)afirmar que ele trará perspectivas de sobrevivência às pessoas. Esse é o ponto que tangencia o turismo com toda racionalidade vigente. Dessa forma, consegue-se deslocar inúmeros olhares em sua direção.

Discorrer acerca de aspectos ambientais numa segunda fase implica dar início a uma variável que já alcançou certo status de proteção/conservação no imaginário popular na atualidade. Contudo, quando se pensa em termos de aspectos ambientais e econômicos, há ainda um privilégio das características econômicas em decorrência do ambiental.

Por isso deixamos o terceiro item por último, pois o aspecto sociocultural, apesar de presente, possui sua importância bastante diminuída, como visto nos estudos do turismo, em comparação aos dois aspectos anteriores – econômico e ambiental. Mas é justamente este aspecto o de maior importância para as análises desta pesquisa, pois é a partir dessa característica que se consegue vislumbrar uma possibilidade de diálogo dos saberes. Tal característica, como visto no Capítulo 1, é parte essencial de uma prática voltada à complexidade ambiental.

No intuito de contemplar uma visão mais abrangente possível da atividade turística, esta pesquisa recolheu dados que compõem o cenário turístico local. A coleta de dados coadunou as seguintes técnicas de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2011): 1 – observação do fenômeno turístico; 2 – questionário semi-estruturado e entrevistas a turistas; 3 - pesquisa documental e bibliográfica. Dados primários foram recolhidos por meio de questionários semi-estruturados e entrevistas e da observação local do fenômeno turístico. Fontes secundárias foram pesquisadas junto a estimativas estatísticas fornecidas por órgãos oficiais, tanto na esfera federal, estadual e municipal e por pesquisas anteriormente realizadas em âmbito científico, que trazem dados importantes que tangenciam o problema proposto. Os dados serão analisados, ancorados no referencial teórico presente nos capítulos anteriores, a fim de investigar a possibilidade que o turismo apresenta em se apresentar como um lócus com características de uma complexidade ambiental.

Escolhemos como base empírica de nossa pesquisa o município de Pirenópolis – Goiás, pois a região oferece uma ampla possibilidade de pesquisa sobre o assunto. Segundo dados pesquisados, a cidade possui um fluxo regular de turistas ao longo de todo o ano e apresenta uma variabilidade enorme de tipos de turismo e turista.

Antes, porém, de adentrar mais detidamente na forma de utilização dos métodos de captura de dados desta pesquisa, é necessário explanar sobre uma característica identificada na pesquisa empírica sobre o turismo, que de certo modo impacta não somente neste trabalho, mas que alcança uma reflexão sobre todo o campo de pesquisa no turismo.

#### 4.1.1 Peculiaridades da pesquisa empírica no turismo

A pesquisa empírica no âmbito do turismo é bastante singular. Independentemente de qual seja o campo do turismo ou o ator da atividade turística que se eleja para examinar, há sempre a necessidade de ir ao encontro da área que se pretende pesquisar. Tal deslocamento entre os espaços é a gênese do fato que abordarei, a partir deste tópico, na tentativa de situar a atividade de pesquisa do turismo em justaposição com a própria atividade turística, levando ao entendimento de que toda pesquisa empírica no campo do turismo é também, de algum modo, uma atividade de turismo. Desse modo, a pesquisa empírica na área do turismo assume uma característica única, que apresenta contornos de pesquisa etnográfica, mas que a ultrapassa no sentido da relação pesquisador-pesquisado à medida que o pesquisador assume também o papel de “pesquisado”, no instante em que se propõe deslocar para outro município a fim de realizar sua atividade de pesquisa.

Perante o exposto acima, estabeleceu-se a seguinte divisão na tentativa de não somente justificar a metodologia adotada por este trabalho, mas também colocar mais uma vez em discussão nesta pesquisa o intrincado fazer turístico por meio das discussões acerca da metodologia da pesquisa em turismo:

- 1 – Descrição da atividade empírica de pesquisa em turismo e discussão dos elementos presentes nessa atividade que coincidem com uma atividade turística;

2 – Demonstrar como essa sobreposição pode ser interpretada como uma ação de pesquisa etnográfica.

Quando o pesquisador locomove-se em sua jornada de análise ao encontro do fenômeno a observar ou dos dados a coletar, há intrinsecamente um deslocamento. Geralmente, em muitos casos, como é o deste trabalho, a cidade de moradia do pesquisador não coincide com aquela da pesquisa, portanto é necessário viajar. Já aqui se pode observar uma primeira convergência entre a pesquisa na área do turismo e da prática da atividade turística – o deslocamento de um local a outro, geralmente entre cidades<sup>27</sup>.

As sobreposições entre as atividades de pesquisa e turismo não param por aí. Logo após chegar ao local desejado de observação, o pesquisador tomará atitudes semelhantes às de um turista: ele terá necessidade de buscar serviços específicos como o CAT (Centro de Atendimento ao Turista) ou ainda solicitar ajuda de moradores para encontrar os possíveis locais de pesquisa (atrativos turísticos, rede de hospedagem, moradores locais, órgãos públicos etc.) pelos quais seu deslocamento foi motivado.

Caso a pesquisa necessite não somente de algumas horas, mas de alguns dias para se concretizar o recolhimento de dados ou observação do fenômeno, o pesquisador também terá de realizar uma reserva em um local de hospedagem. Nesse sentido, caso o pesquisador, de antemão, tenha escolhido pernoitar alguns dias na cidade pesquisada, provavelmente ele se organize tal como o turista – ele fará uma pré-reserva antecipada em algum local para que possa se hospedar, para, com isso, não correr o risco de não encontrar algum local em que possa se acomodar. Igualmente, o pesquisador precisa se alimentar e ele fará uso da rede comercial local que também atende o turista.

Ao deslocar-se em direção ao local de pesquisa, o pesquisador-turista mimetiza o comportamento do turista, ao menos na visão do *trade* turístico que o recebe, pois nesse sentido é interessante lembrar que o pesquisador,

<sup>27</sup> As atividades de pesquisa pelas quais elegemos esta análise perpassam a pesquisa do turismo em município diferente daquele no qual o pesquisador habita. Ou seja, nosso foco não se aplica quando há coincidência entre a cidade turística pesquisada e a cidade de residência do pesquisador, no qual entende-se haver um outro tipo de construção social entre o turismo e o pesquisador do turismo.

quando se acomoda em um quarto de hotel ou faz suas refeições em um restaurante da cidade, é encarado como um turista pelo *trade* turístico. Em suma, não há como não reconhecer que o pesquisador de turismo em campo de pesquisa empírico é também um tipo de turista.

Indubitável, porém, dizer que o pesquisador-turista circula de modo a observar o local, a perceber as minúcias que por ali estão presentes, de modo distinto ao turista. O pesquisador-turista pode observar os possíveis comportamentos massificados ou pode notar singularidades exclusivas daquela localidade, ou seja, o pesquisador consegue captar as vicissitudes que porventura possam aparecer. A observação do pesquisador é metodologicamente construída em direção à atividade, contrariamente àquilo que o turista exerce ou parece exercer, pois o olhar do turista é descompromissado em relação àquele do pesquisador.

Ao perceber que a própria prática empírica de pesquisa em turismo está amalgamada a uma modalidade de prática turística, o que se desejou explicitar é a possibilidade de essa prática de turismo ser cuidadosamente observada no intuito de se colaborar na construção de uma pesquisa em turismo. Pode-se, contudo, abrir mão de tal artifício, o que se entende como um desperdício de oportunidade da pesquisa e uma perda na capacidade de torná-la mais ricamente diversa.

A estratégia acima pontuada pode ser enquadrada no método pelo qual denomina-se observação participante, segundo Gil (2008, p. 103)

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Nesta pesquisa, observar o fenômeno turístico implicou não somente observar situações ou nuances ocorridas com terceiros, mas também um “metaturismo”, em que praticamente ocorreu uma “auto-observação” dos fatos enquanto pesquisador-turista: as reações de recepcionistas de meios de hospedagem, camareiras, funcionários de lojas de souvenirs, pessoas

comuns pelas quais busquei informações sobre atividades locais etc. Para essas pessoas, o pesquisador-turista é somente mais um turista, talvez com uma curiosidade um pouco mais aguçada, mas para este agente, o pesquisador-turista, sua atividade de turismo se torna, ela mesma, atividade de pesquisa ou vice-versa.

Tal percepção não foi construída como metodologia em projeto de pesquisa, previamente verificada em alguma bibliografia sobre métodos e técnicas de pesquisa, mas foi formada a partir de uma coadunação entre leituras de práticas de pesquisa com aquilo que se observou na prática empírica da pesquisa em turismo.

A compreensão de tal fato nos fez perceber a marcante característica etnográfica de uma pesquisa em turismo, pois assim como entendido por Rocha e Eckert (2008, p. 02):

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através de sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.

A partir desse elemento, em que a própria prática de pesquisa é também parte daquilo que se pesquisa, reforça-se a singularidade da própria prática turística, inclusive enquanto campo científico. Além disso, revela uma possibilidade teórico-metodológica para o campo de reflexões acerca da pesquisa em turismo, campo que porventura apresenta modesto referencial bibliográfico.

Ao explicar esta característica, não só se ajuda a estabelecer a composição metodológica deste trabalho, mas também se alcança mais uma propriedade singular do turismo pelo qual corrobora o sentido de sua complexa prática. Apesar de importante revelação relatada sobre a pesquisa em turismo, foi necessário lançar mão de outros métodos de pesquisa para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados. Esses métodos foram os questionários e as entrevistas.

#### 4.1.2 A formulação dos questionários

Aqui nesta pesquisa, entende-se questionários na perspectiva adotada por Gil (2008, p. 121), que nos diz:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

O questionário da pesquisa foi composto por questões fechadas e abertas que procuravam tangenciar as três áreas de complexidade da atividade turística, bem como de suas dimensões sustentáveis – econômica, ambiental e cultural.

No aspecto econômico, o objetivo foi perceber como o turismo age como centro de geração de emprego e renda de uma região. O turismo também se mostra uma alternativa às alternativas de geração de renda local – agropecuária e indústria. A intenção com o questionário foi captar a capacidade que este fenômeno, o turismo, possui como centro de confluência econômica. Como forma de desvelar as nuances de complexidade da atividade turística, o destaque a esse aspecto no questionário, o econômico, nos mostrou como essa atividade está sempre margeada por uma racionalidade pragmática, a racionalidade econômica.

Já no aspecto ambiental, a intenção foi mostrar como o turismo precisa agir na perspectiva de preservação ambiental, mesmo que de forma mínima, já que necessita que os ambientes estejam minimamente preservados para que esta atividade ocorra. A motivação da viagem está estreitamente vinculada à relativa preservação ambiental do local visitado. Nesse sentido, as motivações à viagem a Pirenópolis estiveram presentes no questionário, uma vez que a intenção de viajar a um local devido a seus aspectos ambientais naturais levanta uma necessidade de preocupação dos agentes locais no sentido de preservação desses ambientes naturais.

Outro indicador presente no questionário que ressalta a importância dos ambientes naturais ao turismo em Pirenópolis está contemplado na questão referente aos locais visitados pelos turistas. Uma vez que um ambiente natural pode ser procurado por grande parte dos turistas da região, este ambiente passa a adquirir importância e toma parte da agenda política da cidade.

Em relação aos aspectos socioculturais, a intenção do questionário não foi diferente daquela relacionada ao meio ambiente, uma vez que motivações e locais visitados pelos turistas podem transmitir o direcionamento dos olhares dos turistas e, portanto, uma possibilidade de interação dos turistas com a cultura local visitada. Além disso, o simples fato de saber as origens dos turistas permite captar a possibilidade apresentada pelo turismo em colocar em contato diferentes pessoas de diferentes regiões do mundo. Por princípio, o turismo se apresenta como um espaço multicultural.

A amostra da pesquisa quantitativa foi feita ao acaso, com turistas que frequentavam o centro histórico da cidade de Pirenópolis, principalmente aqueles que faziam paradas para fotografar prédios do centro histórico. O pesquisador abordava os turistas, que geralmente nunca estavam sós<sup>28</sup>. Em 100% dos casos havia no mínimo duas pessoas em parceria de viagem. Não somente casais, mas também duplas de amigos(as) ou conhecidos(as). É importante ressaltar que foram deixados explícitos, em algumas palavras e também por meio do Termo de Esclarecimento Livre e Consentido<sup>29</sup>, os objetivos em participar da pesquisa. Foram recolhidos 49 questionários em um final de semana em julho de 2016. O período escolhido agrega um número maior de turistas e que por isso podem ser representativos dos diferentes tipos de turistas que frequentam a cidade de Pirenópolis.

Os questionários eram repassados aos turistas em uma prancheta, que marcavam as respostas no formulário. O pesquisador somente entrevistava no procedimento de resposta caso fosse solicitado pelo turista.

A escolha pelo local foi feita devido ao alto número de turistas que frequentam o centro histórico, possibilitando recolher o maior número de questionários. Tal estratégia se mostrou essencial no decorrer da pesquisa à medida que grande parte dos turistas, em um contato inicial, se mostrava um pouco resistente a responder o questionário. Além disso, o centro histórico da cidade costuma reunir diferentes tipos de turistas, pois além de ser um lugar centralizado, de fácil acesso, é o local de concentração do casario em

<sup>28</sup> Tal fato chamou a atenção para o turismo na cidade de Pirenópolis como uma atividade de lazer predominantemente coletiva. A maior parte dos entrevistados estava em grupos que ultrapassavam o número de três pessoas.

<sup>29</sup> Foi fornecida ao turista uma cópia do termo, com os dados do pesquisador, da pesquisa e da instituição pela qual ela está sendo colocada em prática.

arquitetura colonial, incluída aí a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Também é no centro histórico que se concentra a oferta de serviços turísticos, como restaurantes e locais de hospedagens, o que torna a amostra mais heterogênea na perspectiva turística e representa com mais fidedignidade a miríade de tipos de turistas presentes na cidade.

Não é difícil entender o posicionamento resistente de alguns turistas em responder o questionário, uma vez que eles estão em sua maioria a passeio, em busca de lazer, e o fato de responderem o questionário causa certo incômodo duplo: primeiro, o questionário remete a um caráter científico, acadêmico, que remonta, para a grande maioria, a uma obrigação escolar. Inclusive não era raro escutar um ou outro entrevistado dizendo: “quantas eu tenho de acertar?”, ou ao final do questionário, quando entregavam de volta ao pesquisador diziam: “eu acertei muitas?”. Mesmo que por vezes era notado um tom de brincadeira, de tentativa de descontração, isso fez perceber como o preenchimento de um formulário é uma dinâmica que está associada a uma característica avaliativa, muito diferente daquele momento de lazer pelo qual o turista se encontra naquele momento. Papel este totalmente contrário ao da ideia de viagem turística. De fato, uma interferência em seu momento de descanso, de fruição. Por isso a resiliência de alguns em responderem.

Em segundo lugar, o questionário interrompe um ciclo de atividades minimamente planejadas pelo turista em seu itinerário. Em muitas pessoas isso causou desconforto, ou certa pressa ao responder e por poucas vezes negação em participar da pesquisa. No entanto, o contrário também é verdadeiro: alguns turistas tinham uma boa recepção à pesquisa, tratando-a como um procedimento necessário ao melhor conhecimento da atividade turística no local, apesar de tal comportamento ter sido notado em número menor de pesquisados.

Por outro lado, quando grande parte do mesmo público que se mostrava indisposto a responder os questionários, após o início do preenchimento do formulário, costumava dar início a uma rápida reflexão sobre seu papel como turista e na atividade turística desenvolvida na cidade de Pirenópolis. Apesar de não ter a intenção deliberada de proporcionar este tipo de reflexão, o que se viu é que a pesquisa, por mais que apresente um caráter objetivo, de tentativa

de captação de dados, interfere na reflexão-ação do sujeito pesquisado. Mesmo quando se usa uma ferramenta para obtenção de dados quantitativos.

#### 4.1.3 A concepção das entrevistas

A outra metodologia utilizada foi a entrevista. Segundo Gil (2008, p. 109), a entrevista é

[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Nesta pesquisa utilizou-se a entrevista parcialmente estruturada, que segundo Laville e Dionne (1999) possuem questões abertas previamente formuladas, mas possibilitam ao pesquisador a liberdade de retirar, acrescentar ou modificar alguma questão.

No caso específico desta pesquisa, a entrevista ocorreu em dois momentos distintos, mas em ambos buscou-se revelar a capacidade do turismo de arregimentar características que propiciam um diálogo dos saberes. Os saberes populares não se encontram escritos em compêndios científicos ou sistematizados em arquivos: eles são expressos no dia a dia, feitos realidade em acontecimentos festivos, em estratégias alimentares ou de curas, em modos de crença. Por isso a captação de como as nuances socioculturais são percebidas pelos turistas de Pirenópolis foram importantes nessa fase.

Optou-se por dois momentos distintos de entrevistas: uma especificamente, feita no interior da Festa do Divino de Pirenópolis, e outra em tempo que não havia nenhum festejo popular ocorrendo na cidade. Apesar de já esperado que na época da Festa do Divino as características de uma possibilidade de diálogo dos saberes estarem mais presentes, foi necessário também mostrar a propriedade complexa e difusa do turismo, realizando a entrevista em época distinta daquela da Festa do Divino.

Nesta pesquisa, a entrevista possui característica marcadamente etnográfica, que, em primeiro lugar, buscou desvelar entre os turistas a motivação da presença deles na cidade de Pirenópolis. Entender o

comportamento do turista ajuda a compreender o sentido empregado pelo turista à prática do turismo. Esses sentidos que se tenta captar fornecem importantes pistas para que se possam averiguar os objetivos da pesquisa.

Outro questionamento do roteiro da entrevista estruturou-se na busca em conhecer as possibilidades apresentadas pelo turismo na região, de apresentar-se como uma atividade propícia a algum tipo de conhecimento. Tal estratégia tentou apreender qual o interesse do turista nas festas populares, nos casarios históricos, na culinária, de uma maneira geral algo que remetesse à cultura popular local. Nesse sentido, espera-se que o turismo seja não somente uma possibilidade de contato entre população local e turistas, mas também entre estes e a cultura local.

#### 4.2 Caracterização de Pirenópolis e a turistificação de seu espaço

Pirenópolis é um município localizado no leste goiano, pertencente à microrregião denominada Entorno do Distrito Federal. Apresenta uma população estimada em 24.604<sup>30</sup> habitantes. Segundo estimativas do ano de 2010 do Censo nacional, 67,59% de sua população encontra-se em área urbana, enquanto há uma população rural de 32,41%.

Pirenópolis é uma cidade surgida no ciclo do ouro de Goiás, ocorrido durante o século XVIII. Nasceu com o nome de Arraial das Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte, mais tarde apenas Meia-Ponte e por último Pirenópolis. (SILVA, 2001). Segunda maior cidade da província de Goiás até a primeira metade do século XIX, Meia-Ponte apresentava um modo de viver próprio, de acordo com alguns viajantes, tais como Saint-Hilaire e Emanuel Pohl:

Possuia diversos prédios públicos e eclesiásticos, biblioteca, casa de câmara e cadeia e inúmeras casas. [...] tinha nas festas cívicas e religiosas, nas quais reuniam-se as famílias locais e a população em geral, a maior expressão da sociabilidade. (SILVA, 2001, p. 27)

<sup>30</sup> População estimada pelo IBGE para o ano de 2016. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521730&search=goias|pirenopolis>>..

Em nossa busca de entendimento sobre a turistificação do espaço da cidade de Pirenópolis, o aspecto histórico de bastante relevância está relacionado ao processo de patrimonialização da cidade. Em meados da década de 1940 (SILVA, 2001, p. 135), em um processo nacional de ampla patrimonialização<sup>31</sup>, a igreja matriz de Pirenópolis recebeu o título de monumento nacional em 1947. É interessante notar que fatores que não tinham fins turísticos, tal como os processos iniciais de patrimonialização, foram apropriados pelo turismo e passaram, em determinados momentos, a constituírem um fator determinante para esta atividade. Apesar de não ter o fim turístico, o início da patrimonialização e as reformas advindas desse tombamento foram fatores que fizeram com que os deslocamentos rumo a Pirenópolis aumentassem. Em 1957 houve uma nova reforma na igreja matriz, feita pelo Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, que atraiu muita gente à cidade em ocasião da festa do Divino:

Naquele ano, conforme noticiou o páraço, a festa foi concorridíssima, atraindo pessoas de Pirenópolis e de fora da cidade, com caravanas vindo de Goiânia, Anápolis, Corumbá, Jaraguá e outros municípios vizinhos, além de contar com a presença do governador e do presidente do tribunal. (MUSEU DAS CAVALHADAS. Programa da festa do Divino de Pirenópolis de 1957 apud SILVA, 2001, p. 139).

Outro importante momento de patrimonialização de suas edificações, mas agora com uma intenção mais deliberada em provocar o turismo da cidade<sup>32</sup>, foi a aprovação, em 1976, da Lei de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da cidade, que dizia, em linhas gerais, que o poder executivo poderia embargar qualquer obra de edificação cujo projeto não respeitasse as características históricas coloniais da arquitetura da cidade. As reformas ou modificações que perpassassem o traçado histórico pirenopolino

<sup>31</sup> Nesse período, diversos diplomas legais instituíram museus e elevaram algumas cidades à categoria de monumentos nacionais, como o decreto que criou o Museu da Inconfidência, na cidade de Ouro Preto-MG, em 1938; o que criou o Museu das Missões, em Santo Ângelo-RS, em 1940; o que instituiu o Museu do Ouro, em Sabará-MG, em 1945; e o que erigiu Mariana-MG em monumento nacional, em 1948. (ABREU, 1996 apud SILVA, 2001, p. 135)

<sup>32</sup> A criação da Goiastur insere-se também no contexto da patrimonialização, pois nos anos 70, período no qual surge essa empresa, o Movimento do Patrimônio Histórico e Nacional articulava no Brasil o turismo cultural. Para isso, aliou-se a órgãos como a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e contratou técnicos estrangeiros para orientar os trabalhos. (SILVA, 2001, p. 155)

deveriam ser submetidos a aprovação pela prefeitura. (Livro de leis da Prefeitura Municipal de Pirenópolis, 24/11/68-7/07/77, lei nº 11/76 apud SILVA, 2001, p. 140).

Contudo, mesmo antes do início do processo de patrimonialização com fins turísticos, na década anterior – anos 1960 – já é possível verificar a gênese de uma articulação turística da cidade:

Em 1965, a Câmara Municipal autorizou o Poder Executivo a assinar convênio com a Secretaria de Indústria e Comércio do Estado para a construção de obras de turismo na cidade. Assim, pela Lei n 07/65, aprovou-se, mediante convênio, a construção de um hotel de turismo, um lago artificial e outras obras destinadas a incentivar o turismo. Há outros registros que situam nesse período o início do movimento em prol do turismo local. (Livro de leis da Prefeitura Municipal de Pirenópolis 10/12/47-24/11/68, fls. 131-131 apud SILVA, 2001, p. 163).

Pode-se inferir que parte importante dessa preocupação turística inicial da cidade está relacionada ao aspecto apontado por Barbosa (apud SILVA, 2001), que destacou em estudo que nos anos 1960 Pirenópolis recebia visitantes da recém-criada Brasília, principalmente os universitários.

Apesar dessas normatizações iniciais, o que realmente definiu a situação patrimonial das edificações de Pirenópolis ocorreu somente em 1988, com o tombamento nacional da cidade e, por conseguinte, a criação de outros códigos específicos. (SILVA, 2001).

De acordo com esta pesquisa, é possível perceber dois propulsores principais do turismo em Pirenópolis: 1 – a patrimonialização de sua arquitetura colonial; 2 – a constituição de grandes centros urbanos próximos, principais indutores do turismo na cidade (as populações de Goiânia, Brasília e Anápolis, e seus entornos, estão localizadas a menos de 150 km de Pirenópolis e possuem juntas uma população de aproximadamente 7 milhões de habitantes<sup>33</sup>).

#### 4.3 Os aspectos econômicos do turismo na cidade de Pirenópolis

<sup>33</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (30 de agosto de 2016). «Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2016» (PDF). Consultado em 30 de agosto de 2016.

As possibilidades econômicas do turismo fazem com que essa atividade esteja intrinsecamente relacionada à racionalidade econômica da atualidade, que no primeiro capítulo vimos que provoca a crise ambiental. Em uma primeira impressão, tal característica aparenta não corroborar uma hipotética complexidade ambiental do turismo, ao contrário, parece que faz do turismo um local de somente mais desenvolvimento econômico. Mas o que se destaca aqui é a atenção dispensada de parte importante da sociedade para determinados locais que de outra forma não receberiam tais olhares. A possibilidade da prática turística em uma região pode ser um grande atrativo de capitais, promovendo a atenção e olhares economicistas. Tal possibilidade promovida pelo turismo abre possibilidades de promoção econômica local, mesmo que em nível de desigualdade de forças, de atores externos e locais. A possibilidade econômica do turismo “fisga” aqueles que querem estabelecer formas de ganho na região. Isto é importante, pois a complexidade ambiental não é o fim do pensamento econômico, mas a contraposição à singularidade do pensamento exclusivamente economicista.

Hoje em dia é difícil sustentar uma possibilidade contrária àquela defendida do turismo como importante agente econômico. A Organização Mundial do Turismo (OMT)<sup>34</sup> publicou em 2016 dados que ressaltam a pujança desse setor: responsável por 10% do PIB mundial; 1 a cada 11 empregos está relacionado à atividade turística; 7% das exportações mundiais estão relacionadas ao turismo (aproximadamente U\$ 1,5 trilhão); há aproximadamente 1,1 bilhão de turistas internacionais viajando na atualidade e uma estimativa de 5 a 6 bilhões de turistas domésticos<sup>35</sup>.

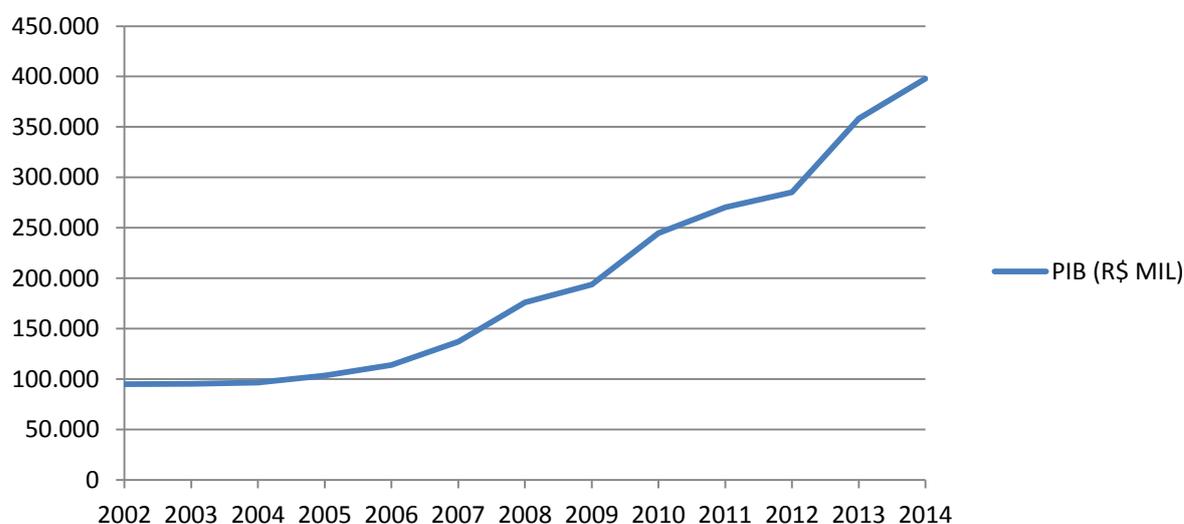
Em proporções diminutas, mas com características que corroboram as estatísticas mundiais, Pirenópolis tem vivido nas últimas décadas um aumento no turismo e conseqüentemente em sua economia. Segundo levantamento feito pelo Instituto de Pesquisas Turísticas do Estado de Goiás – IPTur, entre 2006 e 2013, os empregos formais em Pirenópolis, relacionados às ACTs – Atividades Características do Turismo – tiveram um aumento de 28%. Nesse mesmo período o número de estabelecimentos formais no setor do turismo

<sup>34</sup> Sigla em português para UNWTO (World Tourism Organization).

<sup>35</sup> Dados recolhidos do UNTWO – Tourism Highlights – 2016 Edition. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/>>.

teve um acréscimo de 44%<sup>36</sup>. Outro importante fator que mostra a importância econômica do turismo na região está relacionado ao crescimento da arrecadação dos tributos estaduais no período de 2006 a 2014 – houve um aumento de 111% na cidade de Pirenópolis. Além disso, como mostrado no gráfico abaixo, o PIB de Pirenópolis quadruplicou em um período de aproximadamente 12 anos (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Produto Interno Bruto a preços correntes (R\$ MIL)**

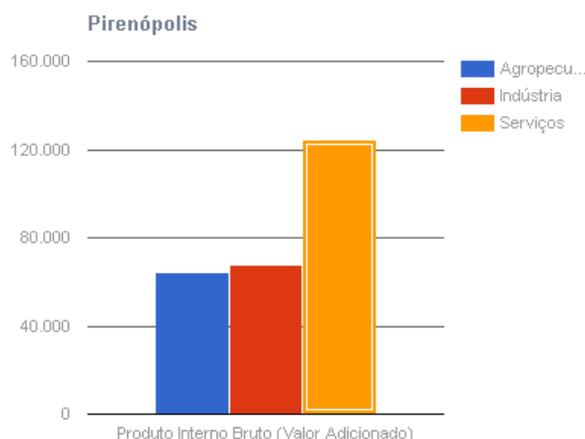


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Instituto Mauro Borges (2014).

É possível também verificar a dinâmica turística da cidade com os dados de Taxa de Ocupação Hoteleira, que em 2011 era de 38% e em 2013 subiu para 43,1%. De 2004 a 2009, o PIB de Pirenópolis sofreu um aumento de mais de 100%. É difícil não relacionar tal crescimento ao turismo devido aos fatores anteriormente mostrados e devido à importância do setor de serviços ao PIB de Pirenópolis (Gráfico 2). Como se sabe, o turismo movimenta, em sua maior parte, esse tipo de setor da economia.

<sup>36</sup> IPTur – Boletim de Dados do Turismo de Goiás. Edição 05/2014.

Gráfico 2 - PIB do município de Pirenópolis por setores da economia (2013)

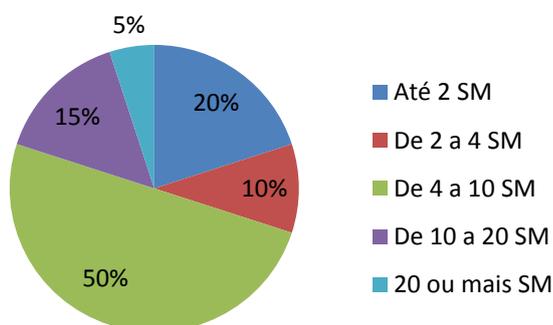


Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA (2013).

Do nosso lado, conseguimos averiguar os aspectos econômicos de Pirenópolis, com os dados empíricos recolhidos, onde 70% dos pesquisados apresentam uma renda superior a 4 Salários Mínimos (R\$ 3.520,00), sendo que 20% dessas pessoas possuem uma renda superior a 10 Salários Mínimos (R\$ 8.880,00) (Gráfico 3).

Tal fato nos fez inferir que os dados econômicos crescentes mostrados por Pirenópolis, verificados principalmente nos dados do IPTur nos últimos anos, está associado ao fato de o grande número de famílias que visitam a cidade possuir uma renda alta para os padrões brasileiros e que gastam uma boa média diária de dinheiro na cidade.

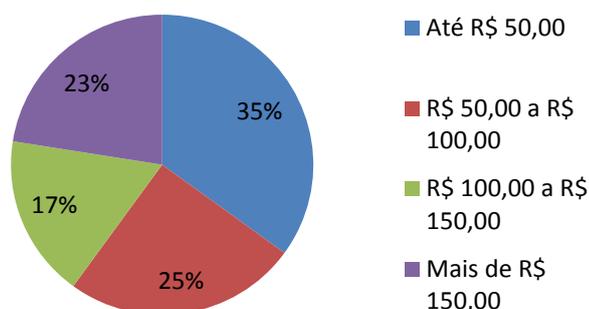
Gráfico 3 - Renda Familiar



Fonte: Elabora pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Verificou-se também que 65% dos entrevistados gastam mais de 50 reais/dia em Pirenópolis. Dentre esses, 23% possuem um gasto superior a 150 reais (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Gasto diário



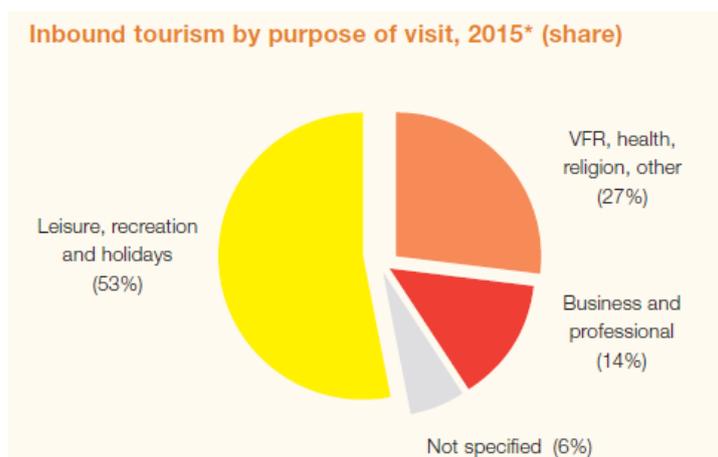
Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

#### 4.4 Os aspectos ambientais do turismo na cidade de Pirenópolis

Para a existência de um local turístico, é imprescindível a existência de um ambiente minimamente preservado. Ainda mais quando observa-se que o principal motivo de viagens no mundo está relacionado ao lazer e descanso (Gráfico 5).

O descanso é o contraponto do mundo do trabalho. Krippendorf (2001), citado no Capítulo 2 desta pesquisa, retrata o turismo como o anticotidiano do mundo atual. Dessa forma, o turista que busca lazer e descanso não intenta repetir em igual proporção o cotidiano vivido em suas cidades, principalmente aquele relacionado aos problemas ambientais – poluição de todo tipo, grande tráfego. Não há ilusão aqui em constatar que existem dezenas de tipos de turismo nos quais o meio ambiente não é a preocupação inicial e que muitas vezes essa atividade degrada o ambiente natural do local que virou atrativo turístico. A intenção aqui é realçar uma tendência intrínseca do turismo em preservar ambientes para que a própria atividade não pereça. É impensável, por exemplo, um atrativo turístico bem-sucedido em uma lagoa ou rio com espuma de dejetos de uma indústria química.

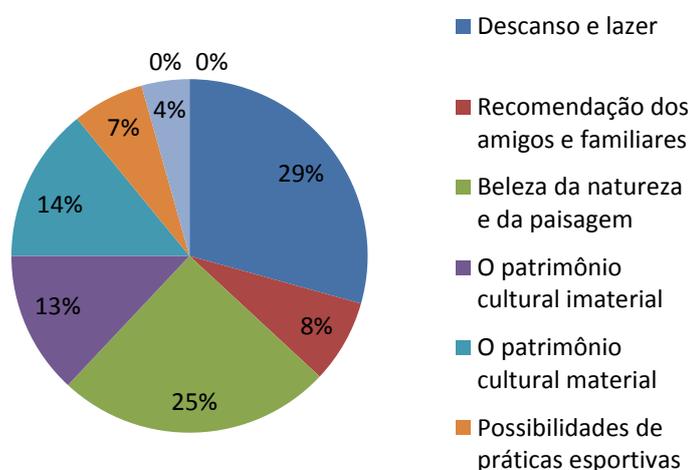
Gráfico 5 - Turismo receptivo por motivação da viagem



Fonte: UNTWO – Tourism Highlights (2016, p. 05).

Em nossa coleta, realizada entre os turistas de Pirenópolis, há coincidência dos dados com aqueles da Organização Mundial do Turismo, que elegem o lazer e o descanso como propósito principal para as viagens (Gráfico 6):

Gráfico 6 - Motivação da viagem

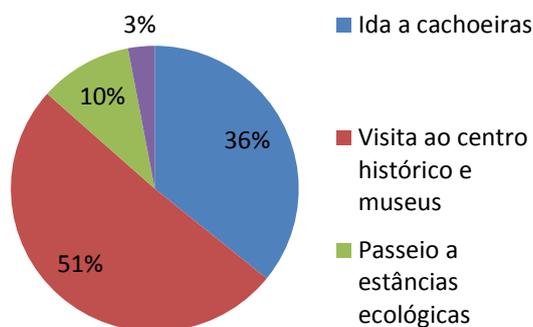


Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

No caso de Pirenópolis, há ainda um fator indicado pelos pesquisados, que demonstram como existe um privilégio do olhar do turista rumo ao ambiente natural. Há 25% de visitantes em Pirenópolis que elegeram a beleza da natureza e da paisagem fatores que os levaram a visitar a cidade. Tal característica indica que a gestão do turismo deve se empenhar na conservação de tal paisagem na manutenção da atração dos turistas.

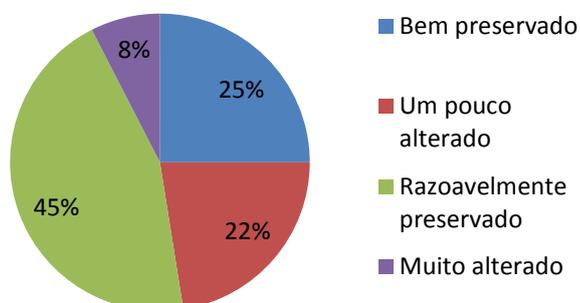
Outro dado que mostra a importância dos ambientes naturais preservados em Pirenópolis para o turismo está relacionado à procura pelos atrativos naturais. Na pesquisa feita (Gráfico 7), 46% das pessoas consultadas privilegiaram a visita a cachoeiras e passeios a estâncias ecológicas como principais locais de visitação. Apesar do grande risco que pode representar uma sobrecarga de turistas em determinada área, principalmente aquelas naturais, outro dado posterior (Gráfico 8) nos revela que grande parte dos turistas acha o ambiente natural de Pirenópolis razoavelmente preservado. Também a avaliação dos atrativos turísticos (Gráfico 9) foi percebida de forma totalmente positiva, o que implica numa certa preservação, pois não houve reclamação dos turistas em tal sentido.

Gráfico 7 - Atividades realizadas



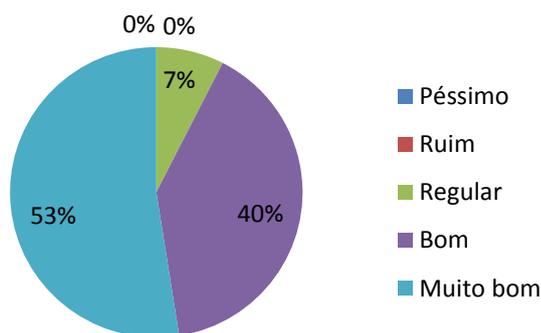
Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Gráfico 8 - Percepção da preservação



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

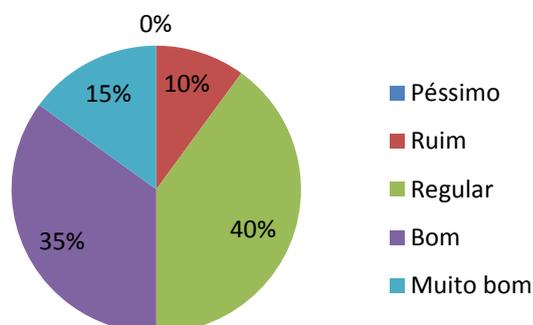
Gráfico 9 - Atrativos turísticos



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016.)

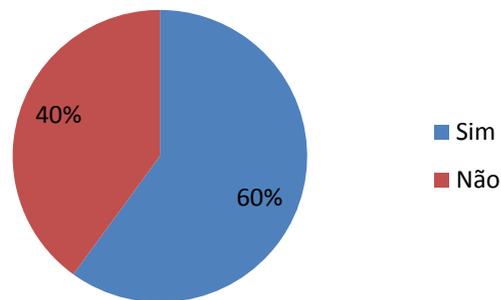
Nos Gráficos 10, 11 e 12 é possível inferir que boa parte dos visitantes demonstrou possuir algum interesse em conhecer o ambiente natural da região, já que 50% das pessoas supõe conhecer de forma razoável o ambiente local. Nesse sentido, 60% dos entrevistados também disseram que conhecem a vegetação típica da região. Interessante notar que algumas pessoas ainda citaram, por escrito, o nome da vegetação nos questionários – Cerrado. Logo após, ainda puderam optar pela maior relevância do Cerrado, segundo sua opinião – o que se notou é que as pessoas possuem a consciência da importância do Cerrado na preservação da biodiversidade e dos recursos hídricos, uma vez que quase a totalidade das pessoas, 96%, marcou ao menos uma dessas duas opções.

Gráfico 10 - Como você avalia seu conhecimento sobre meio ambiente local?



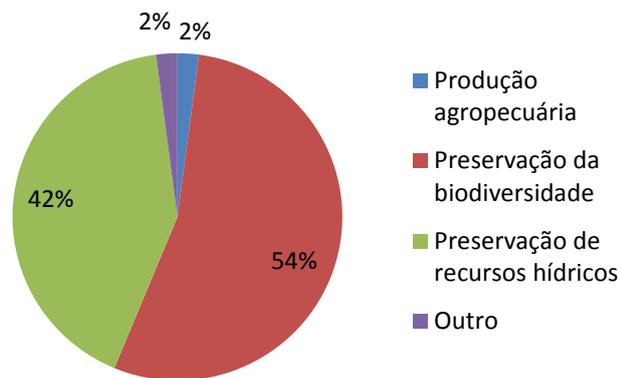
Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Gráfico 11 - Conhece a vegetação típica da região?



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

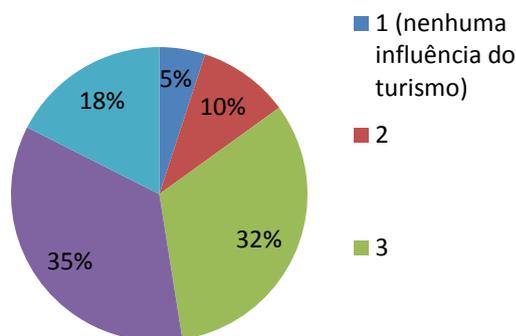
Gráfico 12 - Qual a maior importância do cerrado?



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Por último, é interessante notar uma questão formulada sobre a percepção dos turistas em relação aos impactos do turismo ao meio ambiente. Lançou-se mão do uso da Escala Likert. (Gráfico 13):

Gráfico 13 - Avaliação da percepção dos impactos do turismo: Degradação ambiental



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Nesta situação, nota-se um turista mais crítico à atividade no qual está engajado, pois ele reconhece que o turismo, em boa medida, cerca de 53%, exerce forte influência para geração de impactos ambientais. Em nossa opinião, essa situação levantada nesta pesquisa reflete também o direcionamento do olhar das pessoas na prática turística. Ao tomar novamente Krippendorf (2001), estabelecemos esta análise: por inúmeras vezes, o olhar do turista observa aquilo que geralmente não observa em seu cotidiano. No cotidiano, ele está “treinado” a observar o cotidiano. Nesse sentido, infere-se que no anticotidiano ele prestará atenção em aspectos que marcam o “anticotidiano”. O turista geralmente enxerga problemas que talvez não “enxergasse” em sua cidade, pois a rotina do olhar cotidiano pode impedir ou dificultar que ele note determinado fato, ou faz com que o fato observado, mesmo considerado adverso, adquira uma conotação rotineira, saindo do escopo da novidade. Somente em um papel de turista é que o olhar se volta a uma especificidade crítica que, em muitos casos, faz com que os administradores do turismo tenham mais cuidado com as preocupações ambientais no momento da oferta dos atrativos.

#### 4.5 Os aspectos socioculturais do turismo na cidade de Pirenópolis

Este é, de fato, o ponto central do caminho da possibilidade de uma complexidade ambiental no interior do turismo. É aqui que o turismo pode se

abrir como possibilidade de uma interação onde diferentes visões sejam combinadas e a partir daí haja desdobramentos de impacto socioambiental positivo. Se a parte econômica é o atrativo para que as atenções estejam voltadas para aquela localidade, aqui é o local onde os olhares atraídos devem ser problematizados. As uniões de racionalidades e saberes diversos partem, no turismo, da multipluralidade de interesses e visões em sua prática.

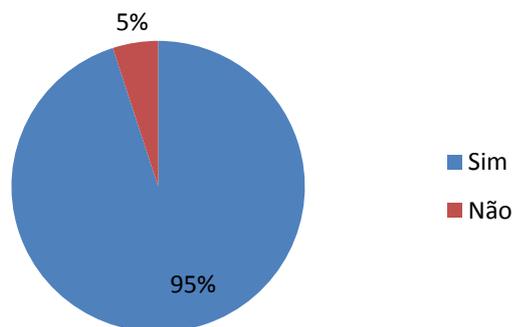
Quando Enrique Leff nos apresenta o diálogo dos saberes como um meio necessário para se pensar em uma complexidade ambiental, acredita-se que o turismo é um lócus de possibilidade desses diálogos.

Como visto no Capítulo anterior, o turismo agrega visões pragmáticas, da visão mercadológica, dos atores econômicos que permeiam o fazer turístico. Contudo, sempre há no turismo a visão local, da população local. Mesmo que em um desnível de forças, a população local possui interesses e práticas que perpassam não somente o viés econômico, mas o campo das tradições culturais e práticas e modelos de natureza que se construíram na relação ancestral com o ambiente. Em nossa visão, é nesse intermeio entre mercado e população local que o turista aparece, como um mediador dos interesses. Não um mediador explícito dos interesses locais difusos, mas um mediador que ao direcionar o olhar para um determinado local ou atividade (área natural, festa tradicional etc.) carrega de sentido a atividade observada e, de certo modo, promove uma ressignificação dos mesmos para a população local e para os agentes econômicos.

É possível verificar a ocorrência de tal mudança quando em Pirenópolis a restauração do casario e dos prédios públicos coloniais esteve intimamente relacionada à atividade turística na cidade. Situação semelhante se verifica com a encenação das Cavalhadas: segundo Brandão (1981), até a década de 1960 não eram encenadas com a regularidade anual que se apresentam hoje.

O olhar do turista promoveu uma ressignificação do ambiente físico e cultural de Pirenópolis, que de certo modo reoxigenou tanto a conservação dos casarios quanto as práticas culturais. É possível verificar um exemplo de como ocorre o direcionamento do olhar do turista, ao analisar os dados abaixo (Gráfico 14):

Gráfico 14 - Tem interesse pela cultura local?

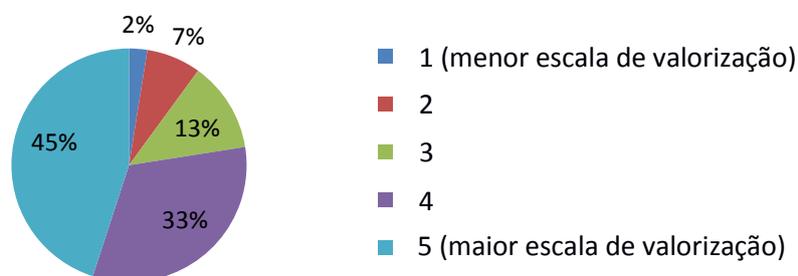


Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Quase a totalidade dos entrevistados, 95%, disseram ter interesse pela cultura local quando viajam. Este é um dado importante, pois demonstra que o turista, de algum modo, possui abertura ao conhecimento de outros tipos de cultura.

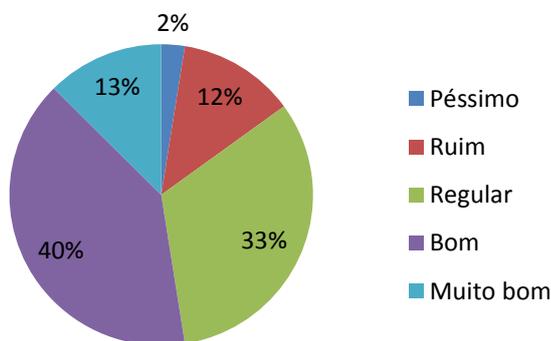
Outro aspecto interessante para tal análise que complementa o dado acima relaciona-se ao fato que os entrevistados percebem o turismo como algo que dinamiza a cultura local (Gráfico 15). Cerca de 47% dos entrevistados, em uma escala de 1 a 5, acham que o turismo valoriza a cultura local de maneira bastante intensa, pois estão dentro dos extratos 4 e 5, de maior influência. Muitos turistas inclusive acreditam que possuem um conhecimento razoável sobre a cultura local (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Avaliação da percepção dos impactos do turismo: valoriza a cultura local?



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

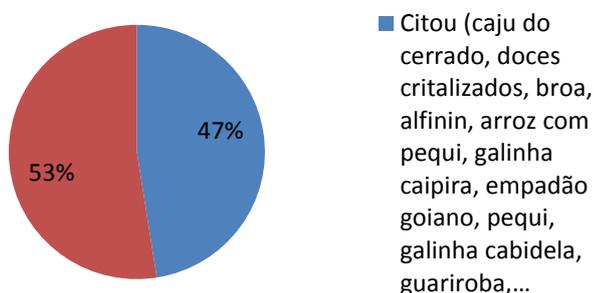
Gráfico 16 - Avaliação do conhecimento sobre a cultura de Pirenópolis



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

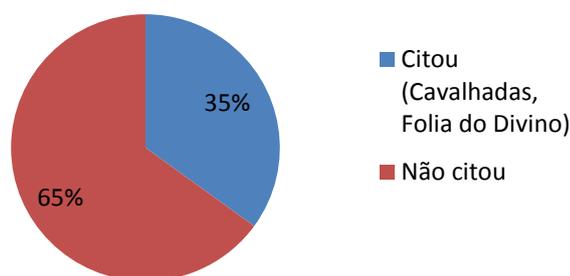
Em medida bastante variável, há um tipo de conhecimento de alguns elementos da cultura local (Gráficos 17, 18 e 19), no entanto, nota-se que alguns aspectos dessa cultura são mais negligenciados do que outros. O patrimônio histórico material é mais citado do que, por exemplo, as festas populares. Não há intenção aqui em verificar se tal conhecimento sobre a cultura local se adequa àquilo que realmente é entendido pelos moradores como cultura produzida na localidade. Isso porque o interesse desta pesquisa é demonstrar justamente a capacidade de mobilização de elementos econômicos, culturais e ambientais pelo turismo.

Gráfico 17- Elementos cultura local: Culinária



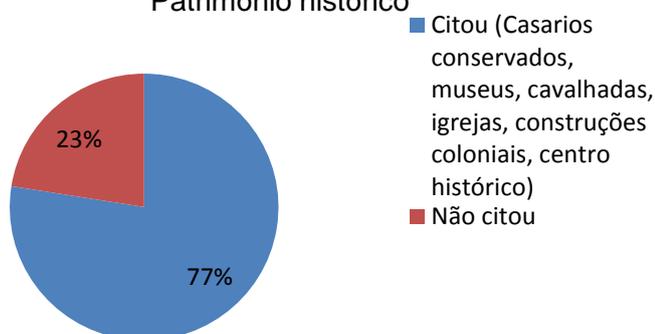
Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Gráfico 18 - Elementos cultura local:  
Festas populares



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

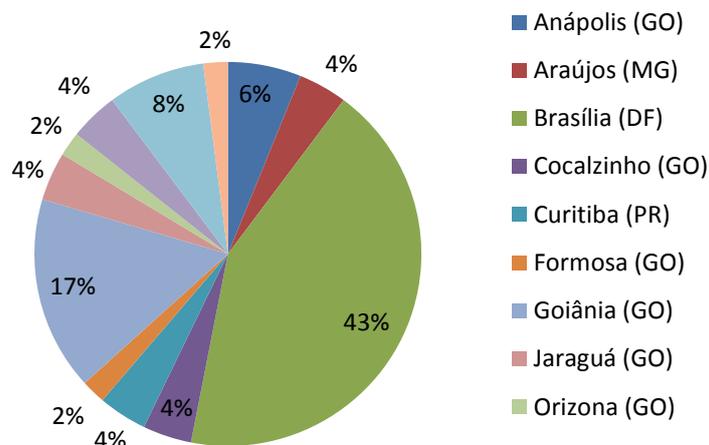
Gráfico 19 - Elementos cultura local:  
Patrimônio histórico



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Além disso, o turismo apresenta-se como possibilidade de reunir pessoas diversas em um só local. Apesar de Pirenópolis concentrar sua demanda turística em basicamente duas cidades – Brasília e Goiânia – é frequente a presença de turistas de outras regiões do país, com visto no Gráfico 20. Somente este dado nos mostra que o turismo consegue reunir pessoas diversas, de diferentes regiões do país, e em algumas cidades turísticas até mesmo de outros países, em um mesmo local.

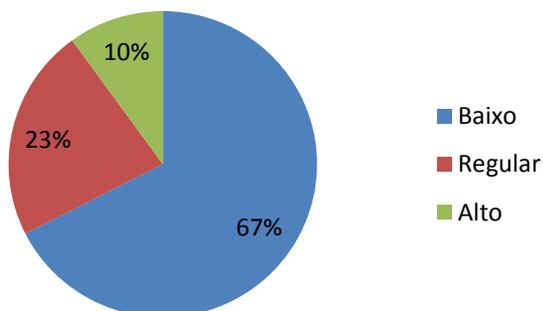
Gráfico 20 - Cidade de origem dos turistas



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

Verificar as relações entre turista e morador local são importantes nesta pesquisa, pois tais dados conseguem estampar como o turismo atua nesse tipo de relação social. Tempo e profundidade do contato entre população local e turistas deixa transparecer as possibilidades de uma complexidade ambiental. Uma questão central para esta pesquisa e que descortina tal fato está no Gráfico 21 abaixo:

Gráfico 21 - Contato com a população local



Fonte: Elaborado pelo autor (Pesquisa de campo, 2016).

67% dos entrevistados disse ter um baixo contato com a população local. Além disso, uma pergunta complementar a essa questionava “Qual o

motivo do seu contato com a população local?”. Boa parte daqueles que responderam esta pergunta disse que o contato estava limitado à busca de informações, hospedagem, alimentação, comércio. Apesar de esses dados aparentemente refletirem um distanciamento entre turista e morador local, do nosso lado este é o ponto de inflexão para uma possibilidade de complexidade ambiental. Em primeiro lugar, há um percentual de pessoas que apresentaram um alto contato com a população local e isso já sinaliza algo positivo em relação ao um possível diálogo dos saberes. Além disso, há pessoas que responderam que procuram conversar com a população local sobre a cultura local. Esses dados nos permitem dizer que há espaço no turismo para esse tipo de interação. O turismo tem como princípio esta possibilidade de contato.

Esse tipo de contato ainda é mais palpável em certas ocasiões, pois em determinadas oportunidades há uma mostra mais explícita dos modos de vida daquela população, transmutado em festas, comemorações, crenças. Foi isso que se intentou demonstrar ao destacar no próximo item – a Festa do Divino.

#### 4.5.1 Festa do Divino – uma possibilidade de interação

No intuito de colocar em sequência a pesquisa empírica relacionada ao campo de interação sociocultural gerado pelo turismo na cidade de Pirenópolis, esta parte da dissertação dedica-se à investigação sobre as comemorações da Festa do Divino Espírito Santo, popularmente conhecida como Festa do Divino de Pirenópolis.

De acordo com Pompeu de Pina, o costume de festejar o Espírito Santo foi adotado em todas as cidades goianas do ciclo do ouro a partir do início do século XIX. O Comendador da Costa Teixeira promoveu a primeira festa do Divino no ano de 1819; desde mais de um século e meio para cá, não se a deixou de realizar em Pirenópolis. (POMPEU DE PINA, 1970, p. 48 apud BRANDÃO, 1981, p. 64-65)

Segundo Brandão (1981), a Festa do Divino se encontra no interior daquilo que na tradição cristã denomina-se Ciclo de Pentecostes.

No Velho Testamento, Pentecostes era a festa judaica de colheita do trigo (Chawuot), celebrando sua maturação e colheita sete domingos ou cinquenta dias após a Páscoa, com oferendas e sacrifícios. Na história bíblica, foi num domingo de Pentecostes que a Virgem Maria e os doze apóstolos de Cristo receberam o Espírito Santo sob a forma de “línguas de fogo” e,

falando em numerosas línguas, dispersaram sua fé pelo mundo. Para os cristãos, esse é o marco de fundação da Igreja Católica e de sua diáspora evangelizadora pelo mundo. (VEIGA, 2008, p. 02)

A complexa trama ritual da Festa do Divino está centrada na composição de um *Império do Divino* (VEIGA, 2008, p. 02), onde estrutura-se ramificada rede de papéis representativos – Imperador, alferes etc. Outro componente que caracteriza a complexidade da Festa encontra-se na duplicidade espacial dos acontecimentos rituais, tanto na área urbana, com a *folia da cidade*, quanto na área rural, com a *folia da roça*. (VEIGA, 2005, p. 02). Sumariamente, em termos práticos, “As folias dramatizam uma série de regras de hospitalidade entre ‘os de casa’ e ‘os de fora’, atribuindo distintos papéis rituais a anfitriões e hóspedes – no caso, os foliões” (VEIGA, 2005, p. 02).

Apesar de grande parte da Festa do Divino possuir motivação religiosa, ela não se restringe a esse campo social, mas como diz Silva (2001, p. 32), “A festa do Divino de Pirenópolis possui tradição secular e remonta a herança ibérica reunindo com elementos culturais diversos, populares e eruditos”. Confirmando essa colocação, Brandão (1981, p. 76) nos diz:

É também um acontecimento religioso, mas carregado de eventos e situações que os próprios organizadores da Festa chamam de profanos; e de outros eventos e situações não previstos no “Programa Oficial”, mas sempre presentes e igualmente necessários. Chamei-os eventos marginais.

Dois aspectos de análise notadamente importantes surgem das características apontadas acima e que estão relacionados ao fato de a Festa do Divino agregar em seu bojo de execução motivações diversas em espaços sociais igualmente diversos. Em primeiro lugar, os espaços são tanto os de predomínio urbano quanto aqueles de predomínio rural; também é característica marcante dos eventos festivos do Divino não perpassarem somente aquelas de cunho religioso, mas agregarem também eventos nomeados pelo povo da cidade de profanos ou os que Brandão (1981) agrega como eventos marginais. Estas características revelam a Festa do Divino como uma composição de um fenômeno multifacetado que, por isso mesmo, mobiliza vários setores sociais do município, incluído aí o *trade* turístico.

Em primeiro lugar, a dupla ambiência espacial onde ocorrem os festejos – rural e urbano – consegue revelar a propriedade peculiar de arregimentação cultural que mostra a capacidade dessa festa em amalgamar tradições que perpassam tanto experiências urbanas quanto rurais. Isso demonstra como esses espaços são construídos entre os moradores da cidade de Pirenópolis, que conseguem entendê-los como espaços sociais contíguos e não somente em oposição simplista – urbano x rural – como a cultura de massas de grandes centros urbanos, em seu olhar apressado, parece entender.

Por isso, quando o turista acompanha, seja em seu elemento urbano, seja em seu elemento rural, a Festa do Divino, esse visitante, apesar de muitas vezes não possuir plena consciência disso, está observando um complexo sistema de construção social forjado em uma ambiência de complementação entre campo e cidade. O turismo, ao descortinar este complexo social ao turista, ainda que de forma sintética ou mesmo folclórica, consegue, de forma elementar, estabelecer um diálogo entre as construções socioculturais locais com aquelas do forasteiro observador da Festa. É nesse sentido que preconizamos o turismo como um ambiente propício ao diálogo de saberes, relatado por Leff e exposto no primeiro capítulo deste trabalho. Tal diálogo não se resume a uma forma expressa em uma conversa entre interlocutores (não que isso não possa ocorrer), mas é uma forma de perceber o universo de saber do outro e creditar a ele um sentido.

A segunda característica peculiar advinda da arregimentação de diversidade provocada pela Festa do Divino é aquela que se forma a partir do ritual religioso, mas que não se restringe a esse. Tal característica ajuda a fornecer à festa um aspecto diverso daquele que na bibliografia turística se conhece como turismo religioso<sup>37</sup>. No turismo religioso, o turista, quase em sua totalidade, busca no local visitado atender os anseios religiosos particulares que motivaram o deslocamento. Ou seja, o “turista religioso” percorre a cidade

<sup>37</sup> “Turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas”. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 17)

em busca, em primeiro lugar, do atendimento de seus atributos particulares de fé/crença<sup>38</sup>.

De forma diferente, os festejos que perpassam a Festa do Divino conseguem atrair um número significativo de turistas que de certo modo são um público mais heterogêneo em suas motivações do que quando comparado a esses do turismo religioso. Esta característica permite inferir inicialmente tanto as possibilidades de mobilização de um público variado e que “busca”, no interior da festa, múltiplos objetivos.

Não é difícil averiguar a perspectiva da multiplicidade de eventos no interior da Festa do Divino e que por vezes sobrepujam, inclusive, o próprio evento religioso que originou os festejos. Os referidos eventos “profanos” (BRANDÃO, 1981), tal como as Cavalhadas, adquiriram no imaginário do turista uma conotação avantajada sobre a própria Festa do Divino. Simples verificar tal afirmação à medida que, em nossa pesquisa, as Cavalhadas foram lembradas em número superior à Festa do Divino (Gráficos 18 e 19).

Para nosso fim, não é importante estabelecer os motivos e tampouco fazer julgamentos acerca daquilo que possui maior destaque na Festa do Divino, se o profano ou o sagrado. O que é essencial em consonância com nosso objetivo é perceber a multiplicidade dos espaços culturais da Festa do Divino e como esses atuam como elementos que diversificam as motivações dos turistas que visitam Pirenópolis, pois a diversidade está presente nos próprios festejos.

A diversidade relatada aqui, encontrada nos festejos do Divino, desdobra-se, ainda, quando se afunila o olhar às Cavalhadas de Pirenópolis, que: “[...] de acordo com a tradição local, iniciaram-se em 1826 e teriam sido uma manifestação importante durante todo o século XIX [...]” (SILVA, 2001, p. 215). Ainda segundo Brandão (1974, p. 20): “A tradição que se guarda e rememora, tanto nas Cavalhadas como em Cristãos e Mouros, é a das lutas de

<sup>38</sup> A complexidade peculiar do turismo, defendida aqui neste trabalho impede de condicionar o turista em um segmento único de motivação. Há, certamente, uma motivação maior, uma tendência em se realizar aquilo pelo qual se planejou a viagem, contudo, é aí que reside uma das peculiaridades do turismo, pois a partir do deslocamento realizado, os planejamentos traçados não preveem as interações sociais que ocorrerão na cidade visitada e muito menos as intercorrências no caminho que poderão conduzir o turista em outras direções diferentes daquela que ele havia planejado.

Carlos Magno e dos doze Pares de França”. Nesse sentido, SILVA (2001, p. 214) nos diz que as Cavalhadas de Pirenópolis são:

[...] um teatro equestre que ocorre como parte dos festejos do Divino Espírito Santo, cujo texto dramático representa diversas batalhas do personagem cristão Carlos Magno e os Doze Pares de França (que na prática são onze cavaleiros), contra o personagem Sultão da Mauritânia que, com o seu exército, representa os mouros que ocuparam e dominaram a Península Ibérica. O teatro culmina com a derrota dos cristãos sobre os mouros e é caracterizado, em Pirenópolis, como em muitas regiões brasileiras, pela fusão entre o teatro e o jogo, visto que, no último dia de cavalhada, são três no total, os cavaleiros abandonam o ritual e estabelecem uma disputa por melhores habilidades em diversos jogos equestres medievais.

Um dos aspectos que agrega diversidade às Cavalhadas está presente no personagem denominado Mascarado. A presença de tais figuras nos dias das Cavalhadas é enorme nas ruas, bem como quando lhes é reservado espaço no campo de Cavalhadas, nos intervalos da encenação do combate entre cavaleiros Mouros e Cristãos.

Os mascarados têm todos um atributo comum: usam máscaras que lhes cobrem não só o rosto como toda a cabeça. Usam roupas em geral coloridas, alguns com uma ou outra peça feminina. As roupas lhes cobrem todo o corpo, de modo que é quase impossível reconhecer a um mascarado, a não ser por seu cavalo, quando o dono não o “troca” com algum outro companheiro. (BRANDÃO, 1974, p. 36)

Entre a descrição feita por Brandão (1974) e a deste trabalho, decorreram-se 42 anos. Segundo o observado por nós, as generalidades dos mascarados não mudaram ao longo desse tempo. Os mascarados continuam cobrindo todo o rosto com máscaras, usando roupas coloridas, geralmente feitas com panos de cetim ou chita. Os cavalos são ricamente ornamentados e todos possuem guizos que os tornam audíveis a metros de distância. Há uma grande variabilidade de tipos de máscaras usadas: de máscaras comerciais àquelas confeccionadas pelas próprias pessoas. Um dos Mascarados que mais se repetem na festa são aqueles com a cabeça de boi, com flores ornando os longos chifres. Mais à frente, nos deteremos um pouco mais sobre essa figura.

Em contraponto aos mascarados, os cavaleiros mouros e cristãos possuem tipos de roupagens muito semelhantes entre si, em cores vibrantes, mas monocromáticas e que se contrastam – mouros possuem vestes

vermelhas e cristãos possuem os trajes azuis. Essa diferença nas roupas dos mascarados e cavaleiros expõe uma série de diversidades que se complementam e contrapõem na composição das Cavalhadas. É nesse sentido que Brandão (1974) diz que as Cavalhadas de Pirenópolis conseguem abarcar um sentido solene e carnavalesco ao mesmo tempo.

As diferenças entre cavaleiros e mascarados marcam também a diversidade socioeconômica das Cavalhadas: de um lado se apresentam os cavaleiros, em número restrito de participantes que são escolhidos entre aqueles de famílias ricas tradicionais da cidade, enquanto para “correr de mascarado” a tarefa é um pouco mais simples: basta se fantasiar e ter ou arranjar emprestado um cavalo, ou mesmo a pé. Não há maior impedimento social ou mesmo quantitativo que limite a participação das pessoas.

O ritmo festivo das Cavalhadas composto pelas diferenças entre o “solene” de um lado e o “carnavalesco” de outro (BRANDÃO, 1974) são ditados pelos ritmos impostos, de um lado pelos cavaleiros e de outro pelos mascarados. As roupagens que pouco se transmudam no tempo, juntamente à performance que também pouco se altera dos cavaleiros, marcam a parte solene das Cavalhadas, em contraponto à parte carnavalesca da atuação dos mascarados que não obedecem a um roteiro pré-fixado e, portanto, estão mais livres na criação de suas vestes e de suas performances<sup>39</sup>.

O que se quer mostrar aqui é, outra vez, a composição diversa da Festa do Divino, neste caso representada nas Cavalhadas. De rural a urbano, de profano a sagrado, de carnavalesco a solene, de classes economicamente privilegiadas a camadas mais populares, a Festa do Divino abarca uma multiplicidade cultural local que de algum modo é percebida pelo turista.

Apesar de não ser a principal motivação que leva os turistas a Pirenópolis, as Cavalhadas são parte importante daquilo que compõe a Festa do Divino. As Cavalhadas estão entre as festividades do Divino que mais reúnem pessoas, tanto moradores quanto turistas. As Cavalhadas se tornaram figura icônica na cidade de Pirenópolis. Grande parte de lembranças e

<sup>39</sup> Tal característica é vista quando Brandão (1974) relata que uma máscara bastante comum na composição de alguns mascarados à época era a máscara no estilo Zorro. Na festa atual não verifiquei a existência de nenhuma máscara neste estilo, o que comprova o caráter um pouco mais livre das vestimentas dos mascarados e que no caso apresentado marcam a popularidade desse personagem na época em que Brandão fez a observação.

*souvenirs* vendidos no comércio turístico local fazem referência à figura peculiar do mascarado das Cavalhadas. Aliás, a representação do mascarado das cavalhadas se encontra espalhada por toda Pirenópolis. Sua imagem muito peculiar, que é composta pela cabeça com chifres e sua roupa colorida são objetos comuns por toda cidade, inclusive como esculturas em bancos de praças e fachadas de prédios públicos.

Dessa forma, mesmo os turistas que nunca ouviram falar sobre os festejos da Folia do Divino, ou que visitam Pirenópolis fora da época das Cavalhadas, acabam por percebê-la quando fazem seus deslocamentos na cidade e de alguma forma estabelecem algum tipo de conhecimento sobre a festividade.

Por isso, uma parte da pesquisa empírica deste trabalho está voltada à percepção dos turistas em relação à Folia do Divino e mais especificamente às Cavalhadas. Baseado nessa percepção, foi construído a entrevista de pesquisa. A entrevista que visou captar, primeiro, se havia turistas de outras cidades assistindo às Cavalhadas e quais as motivações que levaram esse turista a escolher esta data para visitar Pirenópolis. Dependendo de sua motivação, é possível perceber a possibilidade levantada pelo turismo no intuito de uma interação sociocultural, um diálogo dos saberes.

Foram realizadas 5 entrevistas com visitantes da cidade de Pirenópolis, durante o primeiro dia de Cavalhadas, em 15 de maio de 2016. Os entrevistados vinham de regiões diversas do país: um do interior de São Paulo, município de São José dos Campos, dois do município de Canoas, localizada no estado do Rio Grande do Sul, dois moradores de Goiânia, mas que recentemente haviam migrado do interior de São Paulo.

Em primeiro lugar era estabelecido o contato e explicado brevemente o intuito da pesquisa. O primeiro questionamento era simples e objetivo: se eles eram turistas. A demarcação dessa situação é importante, pois não se queria correr o risco de entrevistar alguém da cidade de Pirenópolis e de seus arredores que participam da Festa, mas que não se consideram turistas. De modo semelhante alguém também poderia não se considerar turista à medida que, apesar de residir fora do município, poderia possuir uma relação mais intensa com o mesmo, visitando-o frequentemente e até mesmo possuindo uma segunda residência. Assim, ele mesmo não se consideraria turista. A

resposta a essa primeira pergunta foi sempre de confirmação: todos se consideravam turistas.

O segundo questionamento da entrevista relacionava-se às motivações que levaram os turistas a Pirenópolis. A fim de facilitar a esquematização de nossas respostas, consideramos a seguinte correlação:

Turista de São José dos Campos – Turista A ou T-A

Turista de Canoas 01 – Turista B ou T-B

Turista de Canoas 02 – Turista C ou T-C

Turista de Goiânia 01 – Turista D ou T-D

Turista de Goiânia 02 – Turista E ou T-D

T-A:	“Eu já conhecia Pirenópolis, já tinha vindo outras vezes mas agora foi para ver a Cavalhada né, que nunca tinha visto e minha esposa gosta muito né, a gente veio pra ver a Cavalhada e todo evento, né, do Divino, a Festa do Divino e sábado do Divino, acompanhar a procissão, essa cultura né...”
T-B:	“Pra passear nas cachoeiras e de brinde a Cavalhada”
T-C:	T-B e T-C formavam um casal e possuíam a mesma motivação: passear nas cachoeiras
T-D:	“Eu vim como historiadora e ser casada com um historiador que trabalha com história medieval até por conta das raízes medievais da cavalhada e aí por isso que a gente veio”
T-E:	“A primeira vez que a gente vem a Pirenópolis, eu tinha vindo ano passado em um Congresso e esse ano a gente veio justamente só para as cavalhadas. Sou historiador, sou da área de Idade Média é, então, digamos é um objeto de pesquisa, aparentemente bem interessante”

A princípio, ao perguntar sobre a motivação da viagem, a intenção aqui é descortinar um campo inicial de interesse no local visitado. A motivação do turista se encontra em conseguir ver, sentir, admirar um local ou participar de uma situação. Descobrir a motivação é poder notar as prioridades do turista para aquela viagem; para onde, ao menos inicialmente, será direcionado seu olhar e suas ações<sup>40</sup>. Essa curiosidade, esse interesse já consegue responder

<sup>40</sup> A motivação é realmente um direcionamento, não um posicionamento fixo como discutiremos a seguir.

inicialmente nosso questionamento: o turismo é um lócus propício de arregimentação de diálogo dos saberes? Isso porque, dependendo da resposta dada pelo turista, se nota um interesse que não passa somente pelo desfrute da situação de ócio, do lazer e do descanso proporcionada pela mesma, mas se nota um interesse mais profundo, em conhecer, em descobrir o estímulo das próprias pessoas do local em participar daquele momento a que o turista está assistindo.

Nota-se tal comportamento quando T-A diz que não é a primeira vez que vinha a Pirenópolis, já tinha vindo outras vezes à cidade e que dessa vez estava vindo para participar da Festa do Divino, das Cavalhadas. Um interesse crescente pela cidade é percebido nessa fala; um interesse que se afunilou em direção à cultura local. O que também se pode notar nesse tipo de comportamento é a presença de um elemento significativo para aquele que se predispõe a algum tipo de aprendizagem: o reconhecimento de que aquilo que está vendo como turista é algo que ele não possui conhecimento e, portanto, ele dispensará recursos (no caso do turismo de tempo e de dinheiro principalmente), para poder participar daquele momento.

Ainda nesse sentido, de um comportamento voltado a uma aprendizagem, tem-se os exemplos de T-D e T-E, pois os mesmos também tiveram sua ida a Pirenópolis exclusivamente para assistirem às Cavalhadas. Entretanto, ao contrário de T-A, a dupla era estreante na cidade. Apesar disso, tanto T-D como T-E apresentavam uma vontade de estar ali para ver as Cavalhadas, ter algum aprendizado diante daquela festa.

Nessa primeira resposta vemos que a motivação das pessoas que participaram da entrevista é variada. A complexa rede de motivações do turismo trouxe públicos diferentes e com diferentes vontades frente aos atrativos da cidade. Há desde motivações explícitas em participar das Cavalhadas e da Festa do Divino, como dito por T-A, ou T-D e T-E, quanto aquelas que estavam lá, mas que não tinham nas Cavalhadas o motivo principal que os levaram a Pirenópolis.

Em um segundo momento, ao observar a motivação, deve-se atentar ao fato de que todos esses turistas que estavam em Pirenópolis, independente de suas motivações iniciais para visitar a cidade, estavam frequentando as Cavalhadas naquele momento. A partir disso, o estudo das motivações no

turismo, apesar de ponto importante para o marketing do lugar, nunca é monolítico e estático. As motivações, em princípio, são antevistas ou previsões daquilo que se pretende “desfrutar” como turista. Contudo, ao se chegar na cidade, como os turistas T-B e T-C, eles se deparam com outros tipos de possibilidades de turismo e a partir daí suas motivações são complementadas e suas ações como turistas, rearranjadas.

No sentido acima, observa-se a motivação do turista fortemente influenciada pela cultura de massas e pelo marketing do lugar. Uma frase escutada sempre que se volta de uma viagem turística é aquela em que se diz: “se você foi a *tal lugar* e não viu *tal coisa*, você não foi a *tal lugar*”. Essa visão de turismo está muito mais vinculada ao marketing dos destinos do que propriamente reflete a dinâmica do turismo. Por mais que o turista procure (ou a ele seja oferecido) lugares destinados ao turismo, ele não é monitorado todos os segundos de sua jornada. E mesmo nas agendas de turismo de massa mais preenchidas pela própria agência de turismo, há sempre os “horários livres”, nos quais ele poderá desenvolver uma atividade fora das pré-concepções da agenda programada.

Não se quer aqui minimizar a relevância ou medir os impactos da publicização dos atrativos pela mídia ou pelos próprios promotores do turismo, o que se quer ressaltar é a maleabilidade que a motivação de uma viagem pode sofrer durante seu percurso. O exemplo do T-A que disse que já havia visitado Pirenópolis outras vezes e que agora ele estava indo para apreciar as Cavalhadas nos permite inferir que ele construiu e modificou sua motivação com relação à cidade à medida que as visitas à mesma ocorreram ao longo do tempo. Não é só o turismo que modifica os lugares com a “invasão” dos turistas, os lugares também agem sobre esses turistas e suas motivações de lazer.

O terceiro questionamento feito na entrevista visava complementar a segunda questão, que estava relacionada à motivação, pois como foi explicado, essa por si mesma, a motivação, conseguiu nos explicar algumas situações interessantes. Foi perguntado se o turismo era, de algum modo, um local propício a aprender alguma coisa, um local que gerasse ambiência de aprendizagem.

T-A:	<p>“Bom, o turismo aqui de Pirenópolis é o que atrai né, e lógico que as tradições que se tem né, é o povo em que faz né, a cultura, a cultura religiosa é muito forte, e aí isso atrai né. Quando você tem a participação popular você vê que é bem povo, bem pessoas, então eu gosto disso né e eu acho que isso atrai. Eu acho que isso é uma coisa da cultura brasileira, espalhada nesse país que é enorme, então, eu pelo menos me atrai. E procurar esse tipo de coisa pra mim, procurar conhecer este tipo de coisa pra mim conhecer mais, conhecer outras culturas, conhecer outras maneiras de vida, fora daquele nosso centro grande urbano”</p>
T-B:	<p>“Sempre, tanto que eu e meu marido faz 15 anos que estamos viajando e a gente procura aliar cidade histórica ou com cachoeira ou com o mar. Mas tem que ter um conteúdo”</p>
T-C:	<p>“Propicia, propicia a trocar várias ideias e várias pessoas, principalmente as pessoas que a gente conheceu ai. Uma parte é a cavalhada, cavalo. A gente observar que o cavalo lá do nordeste, lá do sul e o cavalo paulista, as pessoas que tem roça são totalmente diferentes, e as culturas se misturam. O cavalo é o bicho que mais consegue criar cultura”</p>
T-D:	<p>“Acho total possibilidade, apesar de eu achar que é pouco explorado né. Então, por exemplo, sabores do cerrado, quando a gente experimenta quando vem aqui porque nenhum de nós dois é de Goiás. Isso poderia ser trabalhado melhor com relação, é, porque é por ai que eu acho que essa integração poderia acontecer né, pensando nesse turismo né. É o já batido mas é onde costuma acontecer essa integração. Então pensar como a questão da culinária, a questão das tradições culturais de Goiás se relacionam com as possibilidades que esse ambiente dá, de interação com esse ambiente, historicamente pensando, então eu acho total possibilidade mas é muito pouco explorado. Tá ai um filão que vocês deveriam aproveitar”</p>
T-E:	<p>“Eu acho que poderia ser melhor aproveitado, né, essa questão que ela falou dos sabores né. Eu acho que tem muita coisa pro turismo, a própria história local que fora de Goiás a gente tinha pouco</p>

	conhecimento. Ela tinha estudado Goiás, eu não estudei Goiás, mas pra mim, várias coisas que eu não sabia. O próprio nome da cidade de Pirenópolis, eu conheci a pouco, então eu acho que dava pra, nesse sentido, ser bem mais desenvolvido”
--	---

Apesar da diversidade das respostas, todos os entrevistados acreditam que o turismo pode ser um lócus onde o aprendizado é possível, principalmente aquele aprendizado no qual os entrevistados o relacionam à cultura local. Considerar a cultura local como aprendizado é um passo interessante rumo a uma possibilidade de complexidade ambiental, pois como nos informa Leff (2002), a complexidade ambiental se encontra numa nova compreensão do mundo onde os conhecimentos e saberes cosmológicos, mitológicos, ideológicos, práticos que estão “[...] no sangue de cada cultura, no rosto de cada pessoa” (LEFF, 2002, p. 196) devem ser colocados em evidência. O que se nota com os exemplos acima é que essas questões de compreensão do mundo são colocadas em reflexão por meio do turismo. Veja como exemplo o T-A, quando diz em “[...] conhecer outras maneiras de vida, fora daquele nosso centro urbano”, reflete nas possibilidades problematizadas de modos de construção de vida a partir da visita aos outros lugares. E notadamente o turista vê que aquilo foge um pouco à lógica da socialização que ocorre em grandes centros urbanos, e isso o atrai, como quando ele diz “Quando você tem a participação popular você vê que é bem povo, bem pessoas, então eu gosto disso né e eu acho que isso atrai.”

As respostas de T-B e T-C também apontam em direção a uma abertura ao conhecimento outro, uma vez que T-B disse que eles procuram “[...] aliar cidade histórica ou com cachoeira ou com o mar. Mas tem que ter um conteúdo...” ou seja, há minimamente uma busca ao conhecimento histórico da região visitada. Ou mesmo quando T-C analisa as questões de como o cavalo é utilizado nas representações festivas e culturais de cada região do Brasil, ele volta seu olhar e sua análise a essa questão e consegue traçar um comparativo sumário sobre o assunto.

Já as respostas de T-D e T-E, apesar de caminharem no sentido de uma possibilidade de aprendizagem, relatam uma carência nas informações, uma

vez que ficam querendo saber mais e não conseguem acesso às informações. Esta informação é importante para se pensar o planejamento estratégico do turismo na cidade de Pirenópolis.

Como visto acima, é evidente o diálogo dos saberes durante a Festa do Divino. Todavia, como forma de corroborar ainda mais o papel do turismo em aglutinar características que caminham em direção a uma complexidade ambiental, independentemente do período em que a visitação ocorra, este trabalho complementou sua análise ao pesquisar momentos diversos daquele da Festa do Divino.

#### 4.5.2 As percepções em “tempos comuns”

Como já explicitado anteriormente, foram feitas entrevistas com o objetivo de recolher entre os turistas as possibilidades que o turismo agrega em estabelecer ou criar um ambiente propício para estabelecer um diálogo dos saberes fora daquilo que se nominou Festa do Divino. As questões esforçaram-se na busca dos mesmos objetivos acima: o primeiro contato buscava conhecer a condição da pessoa entrevistada – se era turista ou não. Em todos os relatos abaixo os pesquisados se declararam como turistas.

O segundo questionamento também seguiu o previsto no questionário anterior – qual a motivação das pessoas em visitarem Pirenópolis naquela data.

T-F	“É a parte histórica, o artesanato, a tranquilidade de ser uma cidade do interior. E como a gente é de uma capital, de uma cidade grande, você procurar um ambiente diferente, pra passar o dia, pra passar um feriado”.
T-G	“No momento, aqui tem vários atrativos, mas na verdade, nós viemos aqui, vim com minha esposa e minha filha, por causa da proximidade de Brasília, então pela nossa disponibilidade de tempo, e assim, o fato de Pirenópolis ser perto de Brasília foi o que mais me chamou a atenção. Conhecer a cidade a gente já conhece e gosta”.
T- H	“Por ser um lugar turístico que todo mundo fala e há tempo eu não vinha aqui e aproveitei que tinha uma fazenda perto aqui da minha

	amiga e ai juntou as duas coisas e eu vim aqui hoje”.
T-I	“O feriado né, cachoeira, descansar”.
T-J	“O motivo foi turismo mesmo, passeio, lazer”.
T-K	“Passear com a família mesmo”.
T-L	“Na verdade, o motivo foi passeio mesmo”.

A motivação descrita pela maior parte dos turistas entrevistados foi o descanso e lazer. No entanto, é possível notar que a motivação, como já descrito neste trabalho, é dispersa. Na entrevista de T-F, por exemplo, há o destaque para além do descanso e lazer da viagem, a parte histórica e o artesanato. Já o T-G disse que há vários atrativos na cidade, mas que especificamente ele estava ali pela proximidade da cidade onde reside, no caso Brasília. O que se nota é que a motivação não é muito diferente daquela do Gráfico 5, em que descanso e lazer estão na preferência dos pesquisados. Nesse sentido, ressalta-se o poder do turismo em se situar no espaço-tempo do anticotidiano, pois as pessoas o percebem nesse tempo de fruição.

A terceira questão não foi diferente daquela exposta ao grupo participante das Cavalhadas. Foi perguntado se o turismo era, de algum modo, um local propício a aprender alguma coisa, um local de aprendizagem.

T-F	“Eu acho que essa parte de aprendizagem aqui em Pirenópolis é um pouco falho, porque a gente vê muito artesanato, passeia muito por essa área de comércio. Mas realmente a gente não vê um ponto específico aqui na cidade pra gente ver, pra dar esse tipo de ensinamento pra quem chega aqui. Eu sei que tem lá na entrada tem um portal do turista né? Mas só que, eu realmente, a parte histórica da cidade, eu mesmo com frequência eu não conheço bem”.
T-G	“Se eu tiver interesse eu posso ir atrás e buscar, mas eu não vejo a cidade se oferecendo como o próprio centro histórico, a história da cidade, eu não vejo assim esses atrativos né?”
T-H	“Acho que com certeza, principalmente Pirenópolis que é uma cidade histórica, onde você vê é, as casas conservadas do jeito que

	era feita antigamente, acho bem bacana, acho que isso traz muita gente de fora, além da natureza né, das cachoeiras”.
T-I	“Eu acho que mais só lazer, o turismo ecológico, mas só lazer, o turismo ecológico pode ser mais bem aproveitado. Pra um sentido de aprendizagem. Na cidade se tem os museus, se aprende muito sobre os museus da cidade, mas no turismo ecológico você não vê nenhum guia explicando sobre vegetação do cerrado, a história do lugar, porque que foi explorado, você não vê isso aqui em Pirenópolis”.
T-J	“Ah com certeza né, conhece a historia né? Um pouco da história do Brasil né, aqui as casas é tudo mais antigo né, hoje em dia você não vê nessas cidades mais novas né? Aqui é tudo mais antigo e você conhece um pouco da historia né?”.
T-K	“Sim a natureza né, a convivência com a natureza mesmo, o ambiente. Ao respeito, tá em contato”.
T-L	“Acho que é assim, um aprendizado mais de eu mesmo, me conhecer. Tipo sair da cidade para eu me conhecer, para eu poder ter o meu momento fora da cidade”.

Detecta-se uma variedade de respostas dos entrevistados, o que já nos instiga positivamente, pois se vê que as pessoas, quando viajam, percebem a cidade de maneira muito diversa. Outra compreensão já detectada nas entrevistas durante as Cavalhadas está correlacionada ao modo como os turistas percebem a disposição das informações sobre a cidade de Pirenópolis. T-F, T-G e T-I notam uma escassez nas informações acerca de conhecimentos locais, principalmente nas informações acerca da construção histórica da cidade e na área do turismo ecológico. Essa repetição da “falta” de informações nos leva a inferir que há uma lacuna na oferta do serviço turístico em Pirenópolis, que poderia ser preenchido não somente por informações em Serviços de Atendimento ao Turista, mas, sobretudo, com o estímulo ao que chamarei aqui de movimentações culturais diversas (apresentações artísticas e culturais) que exerceriam uma dupla função: informar a população visitante sobre aspectos culturais locais e oferecer um momento de fruição ao turista por meio de uma performance cultural ou artística. Tal estratégia poderia ser uma

dupla alternativa, em que a deficiência sobre uma possibilidade de maior aprendizagem com o turismo, relatada pelos turistas pesquisados, seria, ao menos, parcialmente sanada. Por outro lado, essa estratégia é uma possibilidade da dinamização cultural da própria localidade. Essa alternativa é uma estratégia que caminha em direção ao entendimento de uma alternativa local de desenvolvimento, como preconizado por Escobar (2005).

As diferenças existentes nas entrevistas entre os turistas que visitaram Pirenópolis na época da Festa do Divino e aqueles que visitaram-na fora da época festiva, reside, principalmente, em que os primeiros estreitaram suas preocupações relacionadas ao conhecimento da cultura local. Apesar disso, de uma forma geral, as pessoas entrevistadas acreditam na possibilidade oferecida pelo turismo em estimular a busca de conhecimento local. Fica claro em todas as entrevistas que, por mais que o interesse em aprender seja disperso, enxerga-se na verdade uma oportunidade em se trabalhar essa vontade do turista em aprender algo novo do local.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grave crise ambiental de nosso tempo não pode ser mitigada por meio das medidas amplamente usadas pelos grandes centros decisórios do poder, tanto públicos quanto privados, que atravessam sobremaneira a procrastinação e o marketing. As discussões e decisões sobre a temática ambiental devem sobrepujar os campos de decisão da alta política, que em sua grande maioria são embasados em estudos científicos. Apesar da reconhecida utilidade da ciência nos âmbitos de ações socioambientais, a racionalidade científica que permeia tais decisões é reducionista, tanto em seus meios de análise como nos objetivos que desejam alcançar.

Por esse motivo, Leff lançou a urgência da amplificação das racionalidades e saberes em que se baseiam os argumentos no processo decisório sobre as atividades humanas no mundo. Tal ação foi por ele denominada de complexidade ambiental. Nesse sentido, a complexificação socioambiental do mundo não poderia ser tratada exclusivamente pelas categorias unívocas das sociabilidades ocidentais, pois o resultado é este mesmo da crise ambiental. Sob o espectro da complexidade ambiental, as sociabilidades são múltiplas e construídas sob meios e fins que não a maximização de lucros. Racionalidades e saberes construídos em longos períodos históricos tais como o dos indígenas, das sociedades agrícolas ou extrativistas de pequeno porte, ou das comunidades ribeirinhas, devem compor o cabedal de alternativas à resolução da crise ambiental.

Foi nesse sentido, de se observar uma necessidade alternativa ao estrito desenvolvimento econômico, que neste trabalho vislumbrou-se um campo de possibilidades – o das atividades do turismo. Apesar de compor um quadro econômico pujante, o turismo é um campo bastante complexo tanto em sua prática quanto no âmbito de sua análise científica. O próprio contorno histórico da gênese do turismo é recheado de imprecisões, pois sua principal característica, o deslocamento não migratório de pessoas, permeia a humanidade desde tempos remotos. Apesar disso, há certa concordância nos estudos do turismo em vislumbrá-lo como uma atividade marcante a partir do século XIX, com a intensificação do trabalho industrializado. O turismo surge então a partir de uma espécie de contrapartida à alienação do trabalho nas

fábricas inglesas: como descanso, fruição, lazer. Dessa forma, as características presentes nessa atividade não podem simplesmente reprisar as sociabilidades vividas no mundo do trabalho. É daí que surge a complexidade da prática turística, pois apesar de seu vigor situar-se no auge do desenvolvimento econômico, ele possui a potência de colocar em funcionamento outros tipos de racionalidade que não permeiam somente a racionalidade economicista.

Exemplo prático desta pesquisa são as variadas motivações que levam os turistas a Pirenópolis e que suplantam o simples descanso e o lazer, e chegam a compor as vontades de fruição ambiental ou de conhecimento cultural. Nesse momento, em que o turismo provoca um “descuido” da racionalidade estritamente economicista, é que o diálogo dos saberes pode ocorrer, premissa básica para que a complexidade ambiental se torne realidade. No caso de Pirenópolis, expressões culturais populares centenárias, como a Festa do Divino, são atrativos turísticos buscados por visitantes a fim de alcançarem apreciação estética e a possibilidade de aprendizagem: não se vislumbra ganho material nessa atividade. Justamente nesse ínterim, da abertura ao diferente, residiu nossa análise. Verificou-se que o turista em Pirenópolis se interessa em conhecer o espaço de sociabilidades do nativo, por meio das festas, da visita a museus e prédios históricos, do conhecimento da culinária e dos ambientes naturais.

Pela estreita ligação com o mundo dos negócios, por meio dos inúmeros meios de hospedagem que agrega, pelas agências de turismo, agências de aviação e de transporte rodoviário de passageiros que movimenta, é impossível não se convencer de que o turismo está imerso em nossa racionalidade economicista. Em nenhum momento quisemos dizer o contrário nesta pesquisa, contudo o que foi averiguado perpassou a complexidade de atuação do turismo, que não se estagna na mobilização econômica do mundo. Caso assim fosse, por exemplo, as Cavalhadas despertariam somente a atenção dos moradores da cidade e daqueles que por algum motivo ou outro lucrariam com o acontecimento dos festejos. Ademais, a movimentação econômica do turismo agrega uma gama variada de serviços, gerando emprego e renda para a população do município em que ocorre.

Neste estudo foi possível averiguar que o turismo cria um campo de atração entre diferentes tipos de racionalidades e de saberes, ao colocar nos mesmos espaços turistas e autóctones, com interesses diversos e que por vezes ultrapassa o simples respeito mútuo. Pirenópolis representa uma cidade turística com diversidade de atrativos na área do turismo, do turismo cultural ao ecoturismo. Desse modo, estudos posteriores podem mostrar se tipos diferentes de turismo produzem maior ou menor influência na possibilidade de uma convergência de aspectos da complexidade ambiental. Também por meio do aprofundamento das pesquisas será possível delinear como o turismo pode se desenvolver, tornando o campo ambiental e sociocultural autóctone, ao mesmo tempo, mais atrativo e mais resiliente aos impactos produzidos pelo turismo.

## REFERÊNCIAS

ANA – AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil**. 2013. Disponível em: <[http://arquivos.ana.gov.br/institucional/spr/conjuntura/PDFs%20agregados/ANA\\_Conjuntura\\_Recursos\\_Hidricos\\_Brasil\\_capitulos\\_.pdf](http://arquivos.ana.gov.br/institucional/spr/conjuntura/PDFs%20agregados/ANA_Conjuntura_Recursos_Hidricos_Brasil_capitulos_.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2016.

ARAUJO, Alexandre Martins de. Projeto de Extensão **Reativar**: lugares, naturezas e culturas. 2015. Disponível em: <[nuhai.historia.ufg.br](http://nuhai.historia.ufg.br)>. Acesso em: 16 abr. 2016.

BAEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita; SANTOS, Rafael José dos. Aculturação, impactos, processo de hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. **Turismo em análise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 244-261, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/68353>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

BONZI, Ramón Stock. Meio século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 28, n. 2, p. 207-215, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Grupo Narratividade/Downloads/31007-128238-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Grupo%20Narratividade/Downloads/31007-128238-1-PB.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2015.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BRANCO, Samuel Murgel. **Ecosistêmica**. 3. ed. São Paulo: Blucher, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. 2. ed. Goiânia: Oriente, 1981.

BURNS, Peter. **Turismo e antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.

CAJIGAS-ROTUNDO, Juan Camilo. La biocolonialidad del poder – Amazonía, biodiversidad y ecocapitalismo. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **El giro decolonial** – Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 169-194.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Turismo religioso**: ensaios e reflexões. Campinas, SP: Alínea, 2003.

FERREIRA, Manuel Eduardo. Caracterização das áreas desmatadas no bioma Cerrado via sensoriamento remoto: uma análise sobre a expansão de culturas agrícolas e pastagens cultivadas. In: XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR. 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: INPE, 2011. p. 6727-6733.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Ana. O modelo de natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 129-138, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9760.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2015.

GONÇALVES, R. **Vagão descarrilhado**: o Brasil e o futuro da economia global. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2009. (Cap. 11. p. 383-417).

HARRIS, Rob; LEIPER, Neil. **Sustainable Tourism**: An Australian Perspective. Butterworth-Heinemann, 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/go/pirenopolis/panorama>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PIB do município de Pirenópolis por setores da economia**. IBGE. 2013. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=521730&search=goias|pirenopolis|infogr%E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7ament%E1rias-e-pib>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

IEA – INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **World energy outlook**. 2000. Disponível em: <<http://www.worldenergyoutlook.org/media/weowebiste/2008-1994/weo2000.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

IPTur – Instituto de Pesquisa Turísticas e Eventos. **Boletim Dados do Turismo de Goiás – N° 05**. 2014. Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/download/boletim-dados-do-turismo-de-goias-n-05-2014/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

JACOBI, Pedro Roberto; CIBIM, Juliana; LEAO, Renata de Souza. Crise hídrica na Macrometrópole Paulista e respostas da sociedade civil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 84, p. 27-42, Aug. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142015000200027&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000200027&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

JAFARI, Jafar. RESEARCH AND SCHOLARSHIP: The basis of tourism education. **Journal of Tourism Studies**, Austrália, v. 14, n. 01, maio 2003. Disponível em: <[http://www.jcu.edu.au/cblg/public/groups/everyone/documents/journal\\_article/jcudev\\_012852.pdf](http://www.jcu.edu.au/cblg/public/groups/everyone/documents/journal_article/jcudev_012852.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEIPER, Neil. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and, tourist industry. *Annals of tourism research*. **Pergamon**, Great Britain, v. 6, p. 390-407, 1979.

LEFF, Enrique. **A aposta pela vida**. Imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**. Da articulação das ciências ao diálogo dos saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. In: JUNIOR, Arlindo Phillipi; et al. (Org.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus editora. 2000. (Cap. 2. p. 19-51).

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, PR, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento, modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2009. (Cap. 10. p. 337-382).

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a Filosofia**. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARZO, Mariano. La herencia del planeta. 2012. **Metode** - Universitat de Valencia - Revista de difusion de la investigacion. Disponível em: <<https://metode.es/revistas-metode/monograficos/la-herencia-del-planeta.html>>. Acesso em: 05 maio 2015.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, João Pessoa, PB, n. 16, p. 22-41, 2004. Disponível em: <[periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442](http://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, Sergio; RODRIGUEZ, Sergio. **Planejamento integral do turismo**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

NETTO, Alexandre Panosso; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

NETTO, Alexandre Panosso; NECHAR, Marcelino Castillo. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.120-144, jan./mar. 2014.

NETTO, Alexandre Panosso. **Filosofia do turismo** – Teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

NETTO, Alexandre Panosso. **O que é turismo?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

NETTO, Alexandre Panosso; LOHMANN, Guilherme. **Teoria do turismo**. Conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

NOSCHANG, Juliane. **Ressignificando o modelo teórico sistur diante da complexidade do fenômeno turístico**. 2014. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Centro de Excelência do Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

OMT. Guia do desenvolvimento do turismo sustentável. São Paulo: Bookman, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas, SP: Alínea, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O Desafio Ambiental**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (Des)Caminhos do meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. Etnografia: Saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J.; GAZZELLI, C. A. B. (Org.). **Ciências Humanas: pesquisas e métodos**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/9301/5371>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SANTANA, Augustín. **Antropologia do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um ocidente não ocidentalista?: a filosofia à venda, a doura ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2009. (Cap. 13. p. 445-486).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

SANTOS, Rafael José; BARRETTO, Margarita. **Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos**

antropológicos do turismo. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 244-261, 2006.

SILVA, Monica Martins da. **A festa do divino**: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: AGEPEL, 2001.

SILVEIRA, Maria Laura. Da Fetichização dos Lugares à Produção Local do Turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo, Modernidade, Globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SIQUEIRA, Deis. **História social do turismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

TRIBE, John. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997.

URRY, Jonh. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 1996.

VEIGA, Felipe Berocan. A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana. **Divino Toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: Iphan/cnfc, 2005. p. 83-94. (Encontros e Estudos). Disponível em: <[http://www.lemetro.ifcs.ufrj.br/pesquisadores/FelipeBerocan/a\\_folia\\_continua.pdf](http://www.lemetro.ifcs.ufrj.br/pesquisadores/FelipeBerocan/a_folia_continua.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

VEIGA, Felipe Berocan. Os Gostos do Divino: análise do código alimentar da festa do Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás. **Candelária – Revista do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, IH-UCAM, Ano V, p. 135-150, jan./jun. 2008.

WORLD tourism organization. **Tourism highlights**. UNWTO. 2016. Disponível em: <<http://mkt.unwto.org/publication/unwto-tourism-highlights-2016-edition>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Turismo e Complexidade Ambiental”. Meu nome é Marco Aurélio Fernandes Neves, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é o Mestrado em Ciências Ambientais. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (marco@ufg.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 98186-2482.

#### 1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

- 1.1 Este estudo denomina-se Turismo e Complexidade Ambiental e tem por objetivo pesquisar a capacidade que a atividade do turismo possui na mobilização e intercâmbio de fluxos econômicos, socioambientais e culturais. Esta pesquisa é importante pois ao apontar as possibilidades de inter-relacionamentos provocados pelo turismo, consegue-se fornecer informações aos gestores públicos e privados, a população local e aos turistas, que os auxiliem na tomada de decisões acerca dessa importante atividade no mundo atual.
- 1.2 Sua participação envolve o preenchimento de um questionário não identificado, portanto na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).
- 1.3 A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.
- 1.4 Conforme o que estabelece a Resolução 196/96 CNS/MS caso se sinta prejudicado terá direito a pleitear indenização.
- 1.5 Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico no Brasil.

#### 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Turismo e Complexidade Ambiental”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Marco Aurélio Fernandes Neves sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 30 de julho de 2016.

Assinatura por extenso do(a) participante

*Marco Aurélio Fernandes Neves*

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Email do participante: \_\_\_\_\_ (opcional)

## Apêndice B - Questionário

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Caro(a), turista, este é um questionário que compõe uma pesquisa de mestrado sobre turismo e complexidade ambiental. Por favor, responda as questões abaixo com a máxima veracidade. O questionário não é personalizado, portanto você não será identificado.

**1 – Qual a cidade de sua residência?**

Brasília – DF     Goiânia – GO     Outra (especificar): \_\_\_\_\_

**2 – Qual sua faixa etária?**

menor de 16 anos     16 a 25 anos     26 a 35 anos  
 36 a 45 anos     46 a 60 anos     mais que 61 anos

**3 – Qual seu nível de escolaridade?**

Ensino médio incompleto     Ensino médio completo  
 Ensino Superior     Pós-Graduado

**4 – Qual sua profissão?**

Funcionário público     Profissional liberal  
 Empregado de empresa privada     Outro (especificar): \_\_\_\_\_

**5 – Qual a renda de sua família (SM – Salário Mínimo)?**

Até 2 SM (R\$ 1.760,00)     De 2 a 4 SM (R\$ 1.760,00 a 3.520,00)  
 De 4 a 10 SM (R\$ 3.520 a 8.800,00)     De 10 a 20 SM (R\$ 8.800 a 17.600,00)  
 20 ou mais SM (mais de R\$ 17.600,00)

**6 – Qual a frequência com que vem à Pirenópolis?**

Primeira vez     Uma vez ao ano  
 Média de duas vezes ao ano     Três ou mais vezes ao ano

**7 – Como teve acesso a informação sobre a cidade (Escolha uma ou mais alternativas)?**

Amigos/familiares     Internet     TV/Jornal  
 Agência de turismo     Outro (especificar): \_\_\_\_\_

**8 – Como viabilizou sua viagem? (Escolha uma ou mais alternativas)**

Internet     Telefone  
 Agência de turismo     Outro (especificar): \_\_\_\_\_

**9 – Qual tipo de hospedagem escolheu?**

Hotel Fazenda     Pousada     Camping  
 Hostel (Albergue)     Casa alugada     Outro (especificar): \_\_\_\_\_

**10 – Razões pelas quais escolheu Pirenópolis como destino de sua viagem (Escolha uma ou mais alternativas).**

Descanso e lazer  
 Recomendação dos amigos e familiares  
 Beleza da natureza e da paisagem  
 O patrimônio cultural imaterial (expressões culturais e tradições)  
 O patrimônio cultural material (bens culturais arqueológicos, paisagísticos, etnográficos, históricos e de belas artes)  
 Possibilidades de práticas esportivas  
 Trabalho  
 Visita a amigos e parentes  
 Outro: \_\_\_\_\_

**11 – Que tipos de atividade realizou? (Escolha uma ou mais alternativas).**

Ida a cachoeiras  
 Visita ao centro histórico e museus

Passeio a estâncias ecológicas (Fazendas agroecológicas, Parque Estadual Serra dos Pirineus)

Outros (especificar): \_\_\_\_\_

**12 – Você está viajando:**

Sozinho       Com companheiro(a)/cônjuge       Em família       Com amigos

**13 – Qual o seu gasto diário em média (por pessoa)?**

Até R\$ 50,00       R\$ 50,00 a R\$ 100,00  
 R\$ 100,00 a R\$ 150,00       Mais que R\$ 150,00

**14 - Como você avalia o seu conhecimento sobre o meio ambiente local:**

Péssimo       Ruim       Regular       Bom       Muito bom

**15 – Conhece a vegetação típica da região?** \_\_\_\_\_

**16 – Pelo que você pode perceber, qual é sua avaliação sobre a preservação do meio ambiente do município de Pirenópolis?**

Bem preservado       Razoavelmente preservado  
 Um pouco alterado       Muito alterado

**17 – Em sua opinião, qual a maior importância do Cerrado?**

Produção agropecuária       Preservação de recursos hídricos  
 Preservação da biodiversidade       Outro: \_\_\_\_\_

**18 – Como você avalia os impactos do turismo em Pirenópolis: (1 o turismo não exerce nenhuma influência e o 5 o turismo exerce a máxima influência)**

Degradação ambiental       1     2     3     4     5  
Geração de emprego/renda       1     2     3     4     5  
Melhora a infraestrutura da cidade       1     2     3     4     5  
Valoriza a cultural local       1     2     3     4     5

**19 - Como você avalia a infraestrutura do turismo na cidade:**

Hospedagem       Péssimo     Ruim       Regular     Bom       Muito bom  
Alimentação       Péssimo     Ruim       Regular     Bom       Muito bom  
Atrativos turísticos       Péssimo     Ruim       Regular     Bom       Muito bom  
Acesso a informação       Péssimo     Ruim       Regular     Bom       Muito bom

**20 – Geralmente quando viaja tem interesse pela cultura do local visitado?**

Sim       Não

**21 - Como você avalia o seu conhecimento sobre a cultura local:**

Péssimo       Ruim       Regular     Bom       Muito bom

**22 – Poderia citar alguns dos elementos que mais lhe chamaram a atenção sobre a cultura local:**

Culinária: \_\_\_\_\_ Festas populares: \_\_\_\_\_

Patrimônio histórico: \_\_\_\_\_ Outro: \_\_\_\_\_

**23 – Qual o seu contato com a população local:**

Baixo       Regular       Alto

**24 – Qual o motivo do seu contato com a população local?**

\_\_\_\_\_